

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Patrícia Alexandra Teodoro Nunes da Conceição

Lisboa, junho 2012

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Patrícia Alexandra Teodoro Nunes da Conceição

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo

Lisboa, junho 2012

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, pelo excelente ensino que proporciona aos seus alunos.

Quero também agradecer a todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus pela forma como estiveram presentes durante a minha formação, ajudando-me a evoluir e a crescer nos meus conhecimentos.

Não poderia deixar de agradecer aos Educadores e Professores dos Jardins-Escolas onde fiz estágio pelo seu envolvimento, ajudando-me a refletir sobre aspetos importantes para a minha formação.

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo, que esteve sempre comigo ao longo dos quatro anos de formação e me ajudou na concretização deste relatório.

Agradeço às minhas colegas, assim como às minhas amigas Talma, Alexandra e Jani, pelo companheirismo e amizade ao longo desta caminhada.

Agradeço, desta forma, aos meus familiares por todo o apoio e contributo para que fosse possível a frequência no curso e o encorajamento para conseguir ultrapassar todos os desafios.

Não poderia deixar de agradecer ao meu namorado por toda a paciência e compreensão durante todo o meu processo de aprendizagem.

Só poderei dizer a todos um muito obrigada, pois foram uma preciosa ajuda no meu crescimento, enquanto pessoa e enquanto profissional.

Índice Geral

Índice de Figuras	XII
Índice de Quadros	XIII
Introdução	1
1. Breve Introdução	2
2. Identificação do local de Estágio	2
3. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio	3
4. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	3
5. Metodologia utilizada	4
6. Pertinência do Estágio	5
7. Grupo de Estágio	5
8. Cronograma	5
Capítulo 1 – Relatos diários	7
1. Descrição do capítulo	8
1.1. Fundamentação teórica	8
1.2. Primeira secção – Bibe Encarnado A	10
1.2.1. Caraterização da turma	10
1.2.2. Caraterização do espaço	10
1.2.3. Rotinas	11
1.2.4. Relatos diários, Inferências e Fundamentação teórica	14
1.3. Segunda secção – Bibe Azul A	27
1.3.1. Caraterização da turma	27
1.3.2. Caraterização do espaço	28
1.3.3. Rotinas	28
1.3.4. Enquadramento teórico	29
1.3.5. Relatos diários, inferências e Fundamentação teórica	31
1.4. Terceira secção – Bibe Amarelo A	46
1.4.1. Caraterização da turma	46
1.4.2. Caraterização do espaço	47
1.4.3. Rotinas	47
1.4.4. Relatos diários, inferências e Fundamentação teórica	49
1.5. Quarta secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	63
1.5.1. Caraterização do grupo	63
1.5.2. Caraterização do espaço	64
1.5.3. Rotinas	64

1.5.4. Relatos diários, inferências e Fundamentação teórica	65
1.6. Quinta secção: 3º ano, Turma A	66
1.6.1. Caraterização do grupo	66
1.6.2. Caraterização do espaço	66
1.6.3. Rotinas	66
1.6.4. Atividades Curriculares	68
1.6.5. Relatos diários, inferências e Fundamentação teórica	69
1.7. Sexta secção: 4º ano, Turma B	87
1.7.1. Caraterização do grupo	87
1.7.2. Caraterização do espaço	87
1.7.3. Rotinas	88
1.7.4. Relatos diários, inferências e Fundamentação teórica	88
1.8. Sétima secção: 1º ano, Turma B	104
1.8.1. Caraterização do grupo	104
1.8.2. Caraterização do espaço	104
1.8.3. Rotinas	105
1.8.4. Relatos diários, inferências e Fundamentação teórica	105
1.9. Oitava secção: 2º ano, Turma B	122
1.9.1. Caraterização do grupo	122
1.9.2. Caraterização do espaço	123
1.9.3. Rotinas	123
1.9.4. Relatos diários, inferências e Fundamentação teórica	123
Capítulo 2 – Planificação	145
2.1. Descrição do capítulo	146
2.2. Fundamentação teórica	146
2.3. Planificação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	149
2.4. Planificação da atividade do Domínio da Matemática	151
2.5. Planificação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo	152
2.6. Planificação da atividade na Área de Matemática	154
2.7. Planificação da atividade na Área de Língua Portuguesa	156
2.8. Planificação da atividade na Área de Estudo do Meio	159
Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação	161
3.1. Descrição do capítulo	161
3.2. Fundamentação teórica	161
3.3. Dispositivos de avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	166
3.3.1. Contextualização	166

3.3.2. Metodologia	166
3.3.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	166
3.3.4. Interpretação da grelha de avaliação	167
3.3.5. Análise conclusiva	168
3.4. Dispositivos de avaliação: Área de Língua Portuguesa	170
3.4.1. Contextualização	170
3.4.2. Metodologia	170
3.4.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	170
3.4.4. Interpretação da grelha de avaliação	172
3.4.5. Análise conclusiva	172
3.5. Dispositivos de avaliação: Área de Matemática	175
3.5.1. Contextualização	175
3.5.2. Metodologia	175
3.5.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	175
3.5.4. Interpretação da grelha de avaliação	176
3.5.5. Análise conclusiva	177
3.6. Dispositivos de avaliação: Estudo do Meio	179
3.6.1. Contextualização	179
3.6.2. Metodologia	179
3.6.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	179
3.6.4. Interpretação da grelha de avaliação	181
3.6.5. Análise conclusiva	181
Reflexão final	183
Referências Bibliográficas	187
Anexos	195
• Anexo 1 – Atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	196
• Anexo 2 – Atividade de Língua Portuguesa (texto)	198
• Anexo 3 – Atividade de Língua Portuguesa	200
• Anexo 4 – Atividade de Matemática	202
• Anexo 5 – Atividade de Estudo do Meio	204

Índice de Figuras

Figura 1 – Sala do Bibe Encarnado A	11
Figura 2 – Esquema com a roda no acolhimento	11
Figura 3 – Material Cuisenaire	14
Figura 4 – Escada por ordem crescente	14
Figura 5 – Escada por ordem decrescente	14
Figura 6 – Maqueta da língua	21
Figura 7 – Dinamização da história <i>Boas maneiras à mesa</i>	24
Figura 8 – Atividade de Expressão Plástica	24
Figura 9 – Dramatização da história <i>A girafa que comia estrelas</i>	25
Figura 10 – Banca de alimentos	25
Figura 11 – Jogo “Vamos às compras!”	25
Figura 12 – Sala do Bibe Azul A	28
Figura 13 – Material manipulativo Tangram	32
Figura 14 – Material de apoio para a aula de matemática	40
Figura 15 – Roda dos Alimentos	40
Figura 16 – Construção das espetadas	40
Figura 17 – Sala do Bibe Amarelo A	47
Figura 18 – Atividade da Área de Expressão Plástica	62
Figura 19 – Construção da notícia pelos grupos	95
Figura 20 – Notícia	95
Figura 21 – Experiência: “O que faz encher o balão?”	96
Figura 22 – Observação da experiência	96
Figura 23 – Comparação das peças do Cuisenaire	132
Figura 24 – Construção da casa com o material Cuisenaire	132
Figura 25 – Circuito automóvel	133
Figura 26 – Esquilo	139
Figura 27 – Texto de Língua Portuguesa	140
Figura 28 – Construção da árvore com o 3º e 4º Dons de Froebel	141
Figura 29 – Página com a palavra feita na aula	141
Figura 30 – Classificação percentual da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	168
Figura 31 – Classificação percentual da atividade de Língua Portuguesa	173
Figura 32 – Classificação percentual da atividade de Matemática	177
Figura 33 – Classificação percentual da atividade de Estudo do Meio	181

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma	6
Quadro 2 – Horário do Bibe Encarnado A	13
Quadro 3 - Horário do Bibe Azul A	29
Quadro 4 – Grelha/gráfico de leitura	31
Quadro 5 – Horário do Bibe Amarelo A	48
Quadro 6 – Horário da sala do Jardim-de-Infância	64
Quadro 7 – Horário do 3º Ano	67
Quadro 8 – Horário do 4º Ano	88
Quadro 9 – Horário do 1º Ano	105
Quadro 10 – Horário do 2º Ano	124
Quadro 11 – Plano de aula baseado no Modelo T de aprendizagem	148
Quadro 12 – Planificação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	149
Quadro 13 – Planificação da atividade do Domínio da Matemática	151
Quadro 14 – Planificação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo	153
Quadro 15 – Planificação da atividade na Área de Matemática	155
Quadro 16 – Planificação da atividade na Área de Língua Portuguesa	157
Quadro 17 – Planificação da atividade na Área de Estudo do Meio	159
Quadro 18 – Cotação qualitativa	166
Quadro 19 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação no Domínio da linguagem Oral e Abordagem à Escrita	167
Quadro 20 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	169
Quadro 21 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação na Área de Língua Portuguesa	172
Quadro 22 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa	174
Quadro 23 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação na Área de Matemática	176
Quadro 24 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação de Matemática	178
Quadro 25 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação na Área de Estudo do Meio	180
Quadro 26 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio	182

Introdução

1. Breve introdução

O Relatório de Estágio Profissional é um elemento de avaliação no âmbito da Unidade Curricular Estágio Profissional I,II e III, referente ao Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

O Estágio Profissional teve a duração de três semestres letivos e o objetivo principal foi dar-nos a conhecer a prática profissional e todas as atividades realizadas com as crianças ao longo de um dia escolar.

O Estágio Profissional possibilita que tenhamos contacto com a realidade educativa, aprendendo através da observação e da experimentação.

No presente relatório serão apresentados, de uma forma concisa, mas esclarecedora, os aspetos relevantes de cada dia de estágio, assim como a fundamentação teórica sobre as práticas observadas.

2. Identificação do local de estágio

O meu estágio foi realizado no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. Este pertence à Associação de Jardins-Escolas João de Deus, fundada pelo mecenas Casimiro Freire, sendo atualmente uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), dedicada à Cultura e à Educação. A Associação tem oito mil oitocentos e quarenta e cinco utentes, quarenta e nove Centros Educativos distribuídos pelo País, cuja atividade se reparte por trinta e quatro Jardins-Escolas, cinco Centros Infantis, duas Ludotecas, dois Museus, a Escola Superior de Educação João de Deus e o Projeto “Anos Ki-Ta Manda”.

O Jardim-Escola João de Deus de Alvalade situa-se no centro de Lisboa e oferece aos seus utentes três valências: Creche, Jardim de Infância e 1.ºCiclo do Ensino Básico. As diferentes turmas estão identificadas com um bibe de uma determinada cor. O Bibe Amarelo é referente às turmas dos 3 anos; o Bibe Encarnado pertence às turmas de 4 anos; o Bibe Azul às turmas de 5 anos. Os bibes dos alunos do primeiro ciclo apresentam as seguintes cores: Bibe Castanho referente ao 1º ano; o Bibe Verde ao 2º ano; o Bibe Azul-claro ao 3º ano e, por fim, o Bibe Azul-escuro pertencente ao 4º ano.

3. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio

O presente Relatório de Estágio está organizado da seguinte forma: Introdução; Capítulo 1 – *Relatos diários*; Capítulo 2 – *Planificações*; Capítulo 3 – *Dispositivos de avaliação* e, por fim, a *Reflexão final*, seguida das *Referências bibliográficas* e dos *anexos*.

Em primeiro lugar é apresentada a Introdução, que inclui uma breve introdução seguida da identificação do local de estágio. A seguir vem a descrição da estrutura deste Relatório de Estágio, a importância da elaboração do mesmo, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio, a identificação do grupo de estágio e, por fim, o cronograma.

Posteriormente, no Capítulo 1, serão expostos os *Relatos diários*, que estão divididos por secções. Cada secção corresponde a um momento de estágio, onde é feita a caracterização de cada turma, as suas rotinas diárias e os relatos de todas as observações, assim como as inferências fundamentadas cientificamente.

De seguida, no Capítulo 2 - *Planificações* – serão apresentados os planos de aula elaborados, referindo as estratégias aplicadas, assim como a fundamentação científica.

No Capítulo 3 – *Dispositivos de avaliação* – serão apresentados os dispositivos de avaliação realizados no Estágio Profissional. Apresento quatro dispositivos, sendo um referente à Educação Pré-Escolar e três realizados no 1º Ciclo do Ensino Básico.

4. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A realização do presente Relatório foi muito importante, pois sem ele não seria possível concluir o Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e a certificação para poder exercer a respetiva profissão. Por outro lado, para a sua elaboração e fundamentação teórica recorri à leitura de diferentes livros na área da pedagogia e da psicologia, assim como reli diversos materiais teóricos e reflexões profissionais.

Ajudou-me igualmente a refletir sobre algumas práticas e acontecimentos presentes no desenvolvimento das diferentes observações realizadas ao longo do 2º Ciclo de Estudos, considerando-as fundamentais para o meu desenvolvimento e crescimento enquanto futura docente, pois assim serei mais capaz de refletir sobre as minhas práticas. Segundo Loughran (s.d., citado por Flores e Simão, 2009), “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da

aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adotar uma perspectiva de investigadores”. (p.34).

O Estágio, em articulação com o Relatório, implica a narrativa diária das práticas presenciadas em sala de aula, assim como as estratégias aplicadas no contexto das aulas que planifiquei e lecionei. Cada narrativa envolve uma reflexão crítica sustentada por um enquadramento teórico.

5. Metodologia utilizada

A metodologia utilizada neste Relatório de Estágio é a investigação qualitativa em educação. Foram utilizados dois instrumentos de recolha de dados: a observação participante e a análise documental.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo ou de uma comunidade. O objetivo desta técnica é a captação das significações e das experiências subjetivas dos próprios intervenientes no processo de interação social. Como observador, tem de se integrar num grupo ou numa comunidade. A técnica possibilita a integração no grupo observado e sistematização dos procedimentos de recolha de informação, de acordo com os objetivos que o investigador estabelece para a investigação. Todavia, pelas suas próprias características, a observação participante apresenta algumas desvantagens, como o risco sempre presente do investigador resvalar para a subjetividade, devido ao seu envolvimento pessoal com o objeto e a possibilidade da sua presença perturbar o decurso da interação social.

Fomos observadores participantes em cada sala de aula, mas não fizemos registos no local, tendo sido realizados mais tarde, de forma a fazê-los com rigor e seriedade.

Desta forma, o desenvolvimento da análise de dados foi um processo de busca e de organização sistemática das notas de campo e de outros materiais que fomos acumulando, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão para apresentarmos aos outros aquilo que encontramos. No decorrer das observações, fomos registando no computador acontecimentos, atividades, ideias, comportamentos, assim como toda a dinâmica presente em cada local, registando estratégias, reflexões, como tudo aquilo que considerámos importante para a nossa investigação (Bogdan e Biklen, 1994).

Redigi este Relatório de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e respeitando as regras do Novo Acordo Ortográfico.

6. Pertinência do estágio

Este Estágio Profissional tem como principal objetivo fazermos a interligação entre a teoria e a prática, sendo fundamental para a nossa formação como futuras docentes. Como referem Ponte *et. al.*, (2000), “não basta ao professor/educador conhecer teorias, perspectivas e resultados da investigação. Tem de ser capaz de construir soluções adequadas para os diversos aspetos da sua ação profissional, o que requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações práticas com as quais contacta” (p.8). O estágio proporciona uma aproximação ao contexto educativo, cria condições para a autonomia. Durante o estágio, desenvolvemos competências indispensáveis ao exercício profissional, por meio da participação em múltiplas atividades desenvolvidas na escola. Aprendemos desta forma conhecimentos no campo da didática, refletindo sobre o que observámos e o que poderíamos fazer, se fossemos nós, criando e praticando estratégias educativas.

7. Grupo de estágio

No momento em que estagiei na Educação Pré-Escolar o meu grupo de estágio foi constituído pela Alexandra Matos e pela Jani Miranda, pertencentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

No segundo semestre, o meu grupo de estágio foi a Ana Dias e a Jani Miranda, sendo que no terceiro e último semestre apenas estagiei com a Ana.

Foi notável a cooperação e o trabalho de equipa/grupo entre mim e as minhas colegas, tendo sido uma mais-valia para a minha aprendizagem.

8. Cronograma

No cronograma a seguir (Quadro 1), apresento a calendarização do meu estágio, estando este dividido em momentos de observação de atividade realizadas pelas educadoras/professoras, assim como pelas minhas colegas de estágio. No respetivo cronograma, também está discriminado o tempo despendido na elaboração do presente relatório. Apresento também a calendarização de acordo com cada momento de estágio identificado com as cores dos bibes utilizados no Jardins-Escolas João de Deus.

O Estágio Profissional I,II e III decorreu de dia 12 de outubro de 2010 a 27 de janeiro de 2012, com uma carga horária de 12 horas semanais, sendo distribuídas por três dias da semana, das 9h00 às 13h00, ao longo dos três semestres.

As atividades desenvolvidas distribuíram-se em aulas surpresa e programadas nas diferentes áreas disciplinares no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no Domínio da Matemática e na Área do Conhecimento do Mundo, na Educação Pré-Escolar; No 1º Ciclo do Ensino Básico, foram desenvolvidas atividades nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Conhecimento do Mundo.

Quadro 1 – Calendarização dos momentos de estágio

Ano	2010					2010					2010				2011				2011			
Mês	outubro					novembro					dezembro				janeiro				fevereiro			
Atividades/Semanas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Estágio																						
Aulas Surpresa Orientadora					26					29												
Aulas programadas						8					7/9								4			14
Reunião de Estágio				11					15									17				
Elaboração do Relatório																						
Pesquisa de referências bibliográficas																						

Ano	2011					2011				2011					2011				2011		
Mês	março					abril				maio					junho				julho		
Atividades/Semanas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	
Estágio																					
Aulas Surpresa Orientadora										6											
Aulas programadas								4			9							6		27	5
Reunião de Estágio				24									23								
Elaboração do Relatório																					
Pesquisa de referências bibliográficas																					

Ano	2011				2011					2011					2011				2012				2012			
Mês	setembro				outubro					novembro					dezembro				janeiro				fevereiro			
Atividades/Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Estágio																										
Aulas Surpresa Orientadora									28	4									6							
Aulas programadas																									14	
Reunião de Estágio				26																	23					
Elaboração do Relatório																										
Pesquisa de referências bibliográficas																										

Bibe Encarnado
Bibe Azul
Bibe Amarelo
Jardim-de-Infância Morangos
Bibe Azul claro
Bibe Azul escuro
Bibe Castanho
Bibe Verde

Capítulo 1

Relatos diários

1. Descrição do capítulo

Este capítulo encontra-se dividido em oito secções que correspondem aos oito momentos de estágio. Cada secção tem os *Relatos Diários* e as respetivas inferências fundamentadas cientificamente. A 1ª secção diz respeito ao estágio realizado de dia 12 de outubro a 12 de novembro de 2010, na turma do Bibe Encarnado A, com a educadora Elizabete. A 2ª secção foi concretizada de dia 16 de novembro de 2010 a 7 de janeiro de 2011, na turma do Bibe Azul A, com a educadora Sofia. A 3ª e última secção correspondente ao estágio no Pré-Escolar foi realizado de dia 10 de janeiro a dia 18 de fevereiro de 2011, na sala do Bibe Amarelo A, com a educadora Rita. Posteriormente, apresento a 4ª secção correspondente ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, realizado no Jardim-de-Infância Morangos, em Cascais, de dia 28 de fevereiro a 4 de março de 2011, na sala dos 3,4 e 5 anos (sala heterogénea), com a educadora Ana. Na 5ª secção relato o estágio realizado de dia 14 de março a 13 de maio de 2011, na turma do 3º ano A, com o professor Hugo. Na 6ª secção apresento o momento de estágio realizado de dia 16 de maio a 5 de julho de 2011, na turma do 4º ano A, com a professora Ana Sofia. A 7ª secção refere o estágio realizado de dia 26 de setembro a 18 de novembro de 2011, na turma do 1º ano B, com a professora Anabela. A última secção que irei apresentar diz respeito ao estágio realizado de dia 21 de novembro de 2011 a 14 de fevereiro de 2012, na turma do 2º ano B, com a professora Margarida. Este último dia diz respeito à minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (P.P.A.C.P).

Como enquadramento teórico, parece-me pertinente abordar os aspetos do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças da Educação Pré-Escolar, ensino não obrigatório pelo sistema educativo português, mas que considero de grande importância para o desenvolvimento da criança.

1.1. Fundamentação teórica

O conceito de educação foi evoluindo ao longo dos anos. De acordo com a Lei-Quadro nº5/97 que consagra o ordenamento jurídico da Educação Pré-Escolar “A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (art.2). Segundo Landcheere (1983), “Educar é conduzir, guiar para um fim. Educa-se para a verdade, para o bem e para o belo” (p.56).

É fundamental, nos tempos de hoje, obter uma educação nova, onde a criança realiza e experimenta, não se limitando a ter uma aprendizagem passiva mas sim ativa, participando no seu processo de ensino/aprendizagem. Várias correntes psicológicas apontam para a importância dos primeiros anos de vida, quando esta interage no

contexto familiar, escolar e social, desempenhando a escola um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Segundo Cordeiro (2010),

As razões para frequência do ensino pré-escolar têm a ver com várias vertentes como a necessidade de limites e contenção interpares, aprendizagem cognitiva, adaptação a ritmos, estimulação do trabalho de grupo, de equipa e partilha, ambientação a espaço de crescimento, adaptação a estranhos, desenvolvimento motor e manual, aumento dos conhecimentos práticos, etc (p.361).

De acordo com a Lei-Quadro nº5/97, a educação pré-escolar tem como objetivo promover o desenvolvimento pessoal e social da criança, baseando-se em experiências de vida. Desta forma, segundo a mesma lei, o educador deve “promover o desenvolvimento pessoal e social da criança, fomentar a interculturalidade e o respeito pela diversidade cultural, assim como, contribuir para a igualdade de oportunidades” (art.º 10).

As Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (OCEPE, ME) (1997) afirmam que os educadores devem criar condições necessárias para que as crianças aprendam a aprender. Deste modo, é de salientar, segundo Cordeiro (2010), que a criança aos três, quatro e cinco anos já consegue desenvolver diversas aprendizagens nomeadamente, desenhar, falar, dramatizar. Ela, facilmente, entra no mundo da *fantasia* e brinca ao *faz de conta*. Assim, enquanto comunica e interage com os seus pares, todo o processo de ensino aprendizagem é feito de uma forma mais lúdica e interativa.

As crianças com três, quatro e cinco anos, segundo Piaget, vivem no estágio Pré-Operatório ou do pensamento intuitivo, não conseguem efetuar operações, mas conseguem utilizar a inteligência e o pensamento, exercitando o raciocínio. Nesta fase segundo Cordeiro (2010), a criança tem uma grande apetência pelo *faz de conta*, inventando coisas. Segundo o mesmo autor, “Enquanto brinca, simula histórias e actos que a ajudam a ultrapassar momentos mais difíceis ou incómodos” (p.35).

De acordo com Cordeiro (2010), o desenho neste estágio também é desenvolvido, tendo alguma evolução com o passar dos anos, ou seja, a criança aos três anos faz apenas riscos, mas estes com sentido, desenhando pessoas com braços e pernas muito grande. Por outro lado, já consegue desenhar a figura humana com alguns pormenores, jogando com as cores e os acessórios, nomeadamente brincos, roupas, entre outros. Desenhar desenvolve a criatividade, ajuda a criança a entrar no mundo dos símbolos e a interessar-se por eles, como é o caso das letras.

Aos cinco anos, por sua vez, esta já é capaz de identificar as letras. Segundo Mata (2008), a aprendizagem da leitura é resultado de diferentes interações com o mundo da escrita, das imagens e dos sons. O mesmo autor também refere que, quanto maior for a interação das crianças com os livros e com o material de escrita, melhor a criança descobrirá as regras para desenhar as letras.

Por outro lado, o brincar, segundo Caldeira (2009), desenvolve várias funções no crescimento da criança. Ao brincar, esta conhece-se a si própria e aos outros, aprende a conhecer as normas sociais, assim como hábitos determinados pela cultura. Segunda a mesma autora o espaço escolar pode-se transformar num espaço agradável, que ajude a criança a aprender através do brincar. Desta forma, segundo Oliveira (1990, citado por Caldeira, 2009), “as atividades lúdicas são a essência da infância” (p.40).

1.2. Primeira secção: Bibe Encarnado A

O Estágio Profissional iniciou-se no dia 12 de outubro e findou no dia 12 de novembro de 2010 no Bibe Encarnado A (alunos com quatro anos), com a educadora Elisabete, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade.

1.2.1. Caraterização da turma

Segundo documento facultado pela educadora Elisabete, observei que a turma do Bibe Encarnado A é constituída por vinte e seis alunos, sendo relativamente homogénea. Todas as crianças nasceram entre janeiro e dezembro de 2006. São onze do género masculino e quinze do género feminino. Os elementos da turma revelam algumas disparidades de aprendizagem e comportamento, existindo algumas crianças com dificuldades e outras mais desenvoltas. Todos os elementos da turma são interessados, colaborativos e participativos em todas as atividades. Demonstram grande capacidade de memorização e de associação de ideias.

A nível afetivo a turma não apresenta problemas de relacionamento, existindo grupos de interesse para partilharem brincadeiras que os leva a querer manter todas as atividades em conjunto. Muitas vezes têm de ser contrariados como forma de manter um melhor ambiente de turma. Os alunos relacionam-se carinhosamente com a educadora, afeto demonstrado por palavras, desenhos, beijos, abraços, carinho, mimos...

1.2.2. Caraterização do espaço

A sala dos meninos do Bibe Encarnado A (Figura 1) tem uma caraterística muito específica no Jardim-Escola João de Deus, pois este espaço localiza-se no próprio salão principal da escola. Este salão é um local de passagem para o interior e exterior

do Jardim-Escola. Está rodeado pelas salas do Bibe Azul (turmas A e B), do 1º ano e pela cantina, assim como as escadas para o 1º andar, onde se localizam as restantes turmas do 1º ciclo do Ensino Básico.

Apesar de se situar num local de passagem, este espaço é composto por cinco mesas com cadeiras de cores diferentes tais como: a mesa azul, a mesa encarnada, a mesa amarela, a mesa verde e a mesa arco-íris. Estas estão dispostas no centro do salão. Este espaço tem um painel na parede, onde estão afixados trabalhos dos alunos, assim como os painéis de aniversário, de presenças e de bom comportamento. À volta existem diferentes armários com o material necessário para o desenvolvimento das atividades.



Figura 1 - Sala do Bibe Encarnado A

1.2.3. Rotinas

No Jardim-Escola João de Deus as crianças, quando chegam à escola, são recebidas pelas educadoras no salão. De seguida, de uma forma organizada, fazem uma roda onde cantam diferentes canções (Figura 2).

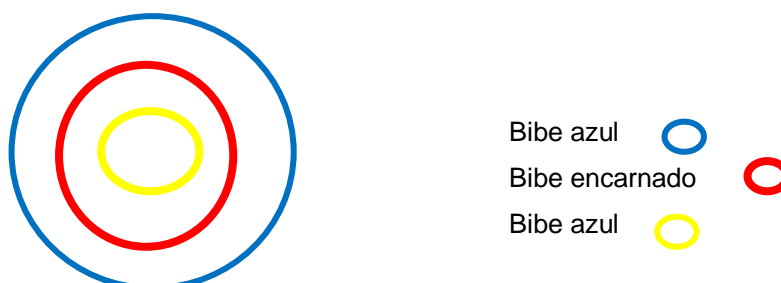


Figura 2 – Esquema com a roda no acolhimento

Segundo Zabalza (1998), a rotina consiste na “repetição de atividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala”. (p.169).

As **rotinas** são bastante importantes e, quanto mais cedo forem inculcadas no dia-a-dia das crianças, melhor. Segundo Cordeiro (2010), no Jardim-de-Infância “(...) há uma sequência lógica das atividades e o programa só fica completo se não se falharem as diversas fases”. (p.370). É importante que as crianças tomem consciência das suas atividades diárias, assim como dos diferentes momentos dedicados para a brincadeira.

Acolhimento

O **acolhimento** na escola é muito importante. Segundo Cordeiro (2010), o momento em que os pais/educadores deixam os filhos na escola não deve ser demasiado rígido em termos de horário. Assim, ainda segundo o mesmo autor, na Educação Pré-Escolar, a chegada de uma criança é algo delicado, não só para quem chega, mas também para quem recebe a criança. As crianças gostam da escola, mas preferem escapar do momento de ir para a mesma. Desta forma, este momento deve ser calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta desejada pelas educadoras.

Recreio

O **recreio** em todas as escolas, segundo Cordeiro (2010), é um espaço muito desejado pelos alunos, pois possui uma componente importante para o exercício da cidadania, da aprendizagem informal e da prática de atividades físicas de forma descontraída, exercitando o respeito e a convivência social, onde a escola é o primeiro espaço desta inter-relação na vida do ser humano.

No Jardim-Escola João de Deus é visível uma grande convivência no recreio. Os alunos brincam livremente com os colegas de turma e com os colegas de outras turmas do Pré-Escolar, sob a supervisão das educadoras.

O tempo de recreio é curto, mas cheio de espaços onde educandos e educadores podem partilhar, dialogar e relacionar-se como seres coletivos que necessitam do recreio para o seu desenvolvimento social e pessoal.

Higiene:

No desenvolvimento da criança é fundamental inculcar regras básicas de higiene diária, tais como: lavar as mãos antes do almoço e depois, assim como após irem à casa de banho. Todos estes gestos ajudam a desenvolver a autonomia de cada criança. Cordeiro (2010) afirma que a criança sente “o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo” (p.373).

Refeições:

As refeições que observei durante os diferentes momentos de estágio foram o lanche da manhã e o almoço. Estes momentos, são igualmente importantes para o desenvolvimento da autonomia pois as crianças comem sozinhas. O momento da refeição ocorre em grande grupo na cantina do Jardim-Escola.

Horário:

Como é visível no Quadro 2 (Horário do Bibe Encarnado A), as crianças têm de uma forma organizada, calendarizada e rotineira atividades de: Iniciação à Matemática, Hora do conto, Educação Musical, Informática, Biblioteca e Conhecimento do Mundo; à tarde têm atividades de: Modelagem com terracota e outros materiais, Grafismos, Enfiamentos e Entrelaçamentos, Rasgar, Recortar e Colagem, Estruturação Espacial, Atividades Plásticas, Desenho Livre/Orientado, Experiências, Puzzles e Jogos de Mesa.

Quadro 2 - Horário do Bibe Encarnado A

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
1º Tempo (manhã)	Acolhimento às crianças				
	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica (9h45m/10h45m)
	Hora do conto: estimulação à leitura/teatro de fantoches				
	Suplemento alimentar Recreio orientado e livre				
	Educação Musical (11h35m/12h05m)	Conhecimento do Mundo	Informática (11h/12h) Biblioteca	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
12:00	Higiene pessoa/Almoço				
2º Tempo (Tarde)	Recreio orientado e livre				
	Conhecimento do Mundo	Picotagem/dobragem	Rasgar/recortar Colagem	Atividades Plásticas	Experiências
	Grafismo Modelagem com Terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação Espacial	Desenho livre/orientado	Puzzles e jogos de mesa
16:00	Lanche				

1.2.4. Relatos diários

12 de outubro de 2010

A manhã começou com a roda no salão com todos os bibes do Pré-Escolar a cantar diferentes cantigas. De seguida, cada turma dirigiu-se para a sua sala, permanecendo o Bibe Encarnado no salão.

Os alunos sentaram-se nos seus respetivos lugares e a educadora iniciou uma atividade no Domínio da Matemática com o material manipulativo Cuisenaire. (Figura 3).



Figura 3 – *Material Cuisenaire*

A educadora começou por colocar uma caixa em cada mesa. Após a preparação do material foi solicitado aos alunos que construíssem a escada por ordem crescente e decrescente e que fizessem a leitura das mesmas por valores e por cores. (Figura 4 e Figura 5).



Figura 4 – *Escada por ordem crescente*



Figura 5 – *Escada por ordem decrescente*

De seguida, um aluno realizou o mesmo exercício no chão com barras grandes de esferovite, para que os restantes alunos tivessem a possibilidade de observar se o seu exercício estava construído de forma correta. Depois, a educadora solicitou que fizessem o comboio com duas carruagens. Para finalizar a aula de iniciação à Matemática, a educadora tocava os ferrinhos um determinado número de vezes e cada aluno tinha de tirar do centro da mesa uma peça com o valor/quantidade correspondente ao número de toques.

A seguir ao recreio e na aula de Conhecimento do Mundo, através de um *powerpoint*, foi iniciado o tema “sentido da visão”. A educadora mostrou várias imagens e, em simultâneo, fez a explicação das mesmas.

Inferências/ Fundamentação teórica

A manhã de atividades, no meu ponto de vista, foi bastante motivadora levando a uma grande participação por parte dos alunos. Foi visível a participação e empenho de toda a turma, sendo uma aula muito dinâmica.

Na minha opinião a utilização dos materiais manipulativos para a aprendizagem da matemática é fundamental, visto levar a que os alunos passem do concreto para o abstrato e aprendam através do brincar e do experimentar.

O material Cuisenaire desenvolve a parte sensorial pois as peças são feitas de um material de fácil manipulação estimulando a criatividade e a experimentação. Segundo Alsina (2004, citado por Caldeira, 2009):

As barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis. (p. 126)

Com este material os alunos têm a possibilidade de experimentar, descobrir e investigar com as suas mãos. Segundo Serrazina (1991), os estudantes que utilizam materiais manipulativos têm melhores resultados que os que não utilizaram. Conseguem construir as suas ideias e modificar de uma forma ativa interagindo com os materiais e com os colegas.

15 de outubro de 2010

Após o acolhimento, os alunos do Bibe Encarnado dirigiram-se para a sua sala onde a educadora, fazendo duas filas, uma com rapazes e outra com raparigas, fez com que desabotoassem os bibes uns aos outros.

Depois de tirarem os bibes, a turma seguiu para o ginásio. Os alunos foram divididos em dois grupos, rapazes e raparigas, tendo sido solicitado pela professora de ginástica que realizassem diferentes exercícios, utilizando cordas e bolas. Depois da ginástica seguiram para a sala onde vestiram os bibes e foram para o recreio brincar livremente.

De seguida trabalharam na mesa o 3º Dom de Froebel, construindo desta forma a cama, a mesa com duas cadeiras e o cadeirão. A educadora contava a história do Pedro interligando com as construções. Em simultâneo esta fez diversas situações problemáticas.

Por fim foram almoçar e posteriormente seguiram para o salão onde fizeram o corpo humano com massa de moldar.

Inferência/ Fundamentação teórica

A manhã correu de uma forma calma e sem qualquer conflito, à exceção da aula de ginástica, onde os alunos ficam sempre um pouco agitados

No decorrer da aula ocorreram vários comportamentos de indisciplina, mesmo após várias chamadas de atenção por parte da professora. Notou-se desta forma que as regras impostas não foram cumpridas, levando a uma desorganização e agitação fora do normal por parte dos alunos.

É fundamental nas atividades, onde a indisciplina pode estar presente com maior incidência, manter as regras impostas, assim como a firmeza necessária para que os alunos percebam que se encontram numa aula.

Segundo Carita e Fernandes (1997), a indisciplina é um fator perturbador, sendo muitas vezes vista como uma obstrução à relação ou mesmo como uma desconsideração pessoal. Os alunos apercebem-se do efeito negativo que o seu comportamento provoca.

O professor tem de ser capaz de ser disciplinado e disciplinador e, ao mesmo tempo, criar um conjunto de atividades motivadores. Se desta forma o comportamento continuar igual, tem de criar atividades que exerçam alguma espécie de influência sobre o comportamento dos alunos.

18 de outubro de 2010

A turma iniciou a manhã no salão, sentada em semicírculo para uma atividade de iniciação à Matemática, onde foram trabalhados materiais alternativos através de situações problemáticas. A educadora dispôs no chão diferentes imagens de flores de diversos tamanhos, e os alunos sempre que solicitados, retiravam as respetivas quantidades de forma a fazer os cálculos correspondentes. No desenvolvimento da aula foram trabalhadas a adição e a subtração com diferentes graus de dificuldade, do mais simples para o mais complexo, como também do concreto para o abstrato, levando à participação de todos os alunos nas várias situações problemáticas.

Após a atividade de Matemática, os alunos foram para o recreio onde brincaram com os seus pares de turma e os colegas dos restantes bibes do Pré-Escolar, numa atividade livre sem intervenção por parte das educadoras ou estagiárias.

De seguida, a turma regressou para a sala permanecendo sentados em semicírculo e a educadora dinamizou a história *Corre, corre cabacinha*. Em simultâneo, os alunos faziam as vozes e os gestos que eram solicitados durante a história. Após a leitura, a turma, com a ajuda da educadora, construiu o livro com imagens da história, previamente seleccionadas e realizadas por esta.

Depois os alunos seguiram para a aula de música no ginásio, onde foram trabalhadas diferentes formas de memorização através de músicas cantadas. O professor de música pediu também a nossa colaboração para a participação na aula.

Seguidamente a turma dirigiu-se para o refeitório para o almoço e, à medida que iam terminando, iam para o recreio.

Inferência/ Fundamentação teórica

A manhã decorreu de uma forma dinâmica e com uma grande participação por parte dos alunos. A educadora desenvolveu estratégias diversificadas ao longo de toda a manhã.

A educadora, quando fez a leitura da história *Corre, corre cabacinha*, não se limitou a ler mas sim a fazer a dinamização e a reconstrução da mesma, de forma a uma maior compreensão e participação por parte dos alunos.

Para que as crianças sintam prazer na leitura e sejam capazes de ter autonomia na escolha de bons livros, o educador deve oferecer condições para que estes criem hábitos de leitura. Segundo Magalhães (2008), “por lidarem quotidianamente com crianças, (os professores) têm naturalmente melhores hipóteses de responder a tão nobre desafio; são eles quem melhor pode ajudar a celebrar o acto de ler e a erigir uma melhor sociedade leitora” (p.69). Como refere Veloso (2001), “o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica” (p.23).

19 de outubro de 2010

Após o acolhimento e as canções de roda, os grupos seguem para as suas salas para recomeço das atividades.

O Bibe Encarnado iniciou com uma atividade de iniciação à Matemática com a utilização do 4º Dom de Froebel. Através de uma história, a educadora levou a turma a fazer quatro construções, nomeadamente a cama, a mesa, a cadeira e, por fim, as duas cadeiras. Esta atividade continuou até à hora do recreio.

Após o recreio, os alunos sentaram-se em semicírculo para uma atividade de Conhecimento do Mundo sobre os cinco sentidos. A educadora usou um *powerpoint* e a turma participou, respondendo a todas as perguntas que ela lhes dirigia, levando os alunos a falar das suas vivências.

Para sistematização dos conteúdos, a educadora colocou um tapete no chão com diferentes texturas onde os alunos, através do sentido do tato e utilizando os pés, tiveram de fazer a identificação das mesmas, ex: rugoso, liso, áspero, entre outros. De seguida e depois do almoço, a turma fez uma roda e dançaram a pares ao som de uma música. Apesar de ser uma atividade orientada, estes podiam dançar livremente e escolher o seu respetivo par.

Inferência/ Fundamentação teórica

A metodologia João de Deus considera importante e fundamental a utilização de materiais manipuláveis para a aprendizagem do aluno. Desta forma nesta faixa etária é introduzido um novo material, os Dons de Froebel onde as crianças através de diferentes construções desenvolvem não só a motricidade com também o raciocínio matemático e tudo o que a ele está associado. Froebel (s.d., citado em Caldeira, 2009), diz que

O jogo é neste período o produto mais puro e espiritual do Homem e, ao mesmo tempo, o modelo e a imagem de toda a vida humana, da íntima, secreta vida natural do homem e de todas as coisas. Ele gera, portanto, alegria, liberdade, satisfação. Repouso em si e fora de si, paz com o universo. As fontes de todo o bem estão repostas nele e dele saem (p.239).

No desenvolvimento da manhã esteve também presente a aprendizagem do corpo e do eu, nomeadamente os cinco sentidos na área do Conhecimento do Mundo, onde os alunos tiveram a possibilidade de aprender através do experimentar e do vivenciar.

No Domínio do Conhecimento do Mundo e segundo as OCEPE, ME (1997) a criança aprende a partir da exploração do mundo que a rodeia. É agindo que ela desenvolve o seu pensar e o compreender sobre o mundo.

O conhecimento que cada criança adquire do mundo que a rodeia está intimamente relacionado com a resposta que obtém à sua curiosidade natural e ao seu desejo de saber porquê. Segundo as OCEPE, ME (1997):

O educador deve escolher criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas articulações com outros saberes e a possibilidade de alargar os interesses do grupo e de cada criança. (p.83).

O que parece fundamental ensinar no Domínio do Conhecimento do Mundo, são os aspetos que se relacionam com o processo de aprender tais como: a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber e a atitude crítica.

Foi visível, no desenvolvimento da aula, a interação dos alunos com a educadora, estando presente uma grande satisfação em aprender, assim como uma grande motivação.

22 de outubro de 2010

O dia teve início com o acolhimento de todas as turmas no salão, onde cantaram diferentes músicas. Após o acolhimento a minha colega de estágio seguiu para a sala, sentou-se em semicírculo para iniciar a manhã de atividades.

Começou por contar a história *Teresa e os Passarinhos* de Miguel Ramalho e, em simultâneo com o apoio de sons, dialogou com a turma sobre os mesmos. No desenvolvimento da leitura explicou a presença de sons agradáveis e sons desagradáveis que escutaram, fazendo a sua explicação. Para finalizar o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a Jani disse em voz alta uma rima alusiva ao sentido da audição como forma de fazer a ponte para o Domínio do Conhecimento do Mundo.

Iniciou a Área do Conhecimento do Mundo, mostrando, através de uma imagem o órgão da audição e fez a explicação do seu funcionamento, correspondendo e identificando as partes constituintes do mesmo. Através da história contada anteriormente, relacionou com a temática abordada na aula, distinguindo os sons agradáveis e desagradáveis, fazendo a demonstração e sensibilizando os alunos de que os sons desagradáveis podem provocar doenças no aparelho auditivo.

Para finalizar, explicou através da exemplificação com reproduções de voz e sons de objetos que os sons podem ser agudos (finos) e graves (grossos). Depois do recreio, a Jani formou quatro equipas e apresentou diferentes sons. Pediu aos alunos que tapassem os olhos e fez a reprodução de sons individualmente. Os alunos tiveram de destapar os olhos e fazer a identificação dos mesmos. A equipa que levantava primeiro o dedo, respondia e recebia um *smile*. Ganhou a equipa que adquiriu o maior número de *smiles*.

A manhã de atividades findou com o jogo e a turma seguiu para o refeitório e posteriormente foram para o recreio brincar livremente.

Inferência/ Fundamentação teórica

A minha colega de estágio abordou/explorou os conteúdos por ela lecionados de uma forma que considerei organizada e esclarecedora, sendo os conteúdos ajustados à faixa etária, com um seguimento lógico e coerente.

É de salientar a motivação e a participação de todos os alunos, assim como a relação que estes desenvolveram com a Jani ao longo de toda a aula, participando e interagindo positivamente no decorrer de todas as atividades. Esta arranjou uma estratégia de reforço positivo, entregando *smiles* às equipas que ganharam. Roldão (sd, citado por Abreu, 2005) diz que “(...) ensinar, é fazer com que alguém aprenda, é pôr em prática uma didática activa.” (p.16). Galvão *et. al.*, (2006) referem ainda que quanto mais variadas e estimulantes forem as situações vivenciadas, mais facilmente as competências serão adquiridas integralmente.

Assim considero que os jogos realizados no final das aulas podem ser efetivamente, uma técnica motivadora que estimula a criatividade assim como a sistematização dos conteúdos aprendidos.

25 de outubro de 2010

A manhã começou com uma atividade de Matemática, com o material manipulativo Cuisenaire, onde foram trabalhados os conteúdos da soma e da subtração através de algumas situações problemáticas. Os alunos representaram a escada por ordem crescente e decrescente e retiraram da mesma as peças que tinham valor par.

De seguida, os alunos fizeram alguns jogos propostos pela educadora com bolas, onde todos participaram. Posteriormente, e como já se encontravam no ginásio, prosseguiram para a aula de música onde trabalharam as notas musicais, assim como a identificação de alguns ritmos, como forma de trabalhar a memorização e a concentração.

Posteriormente à aula de música, a turma dirigiu-se para o refeitório, almoçaram e depois foram brincar livremente para o recreio.

Inferência/ Fundamentação teórica

A aula do material Cuisenaire foi muito interessante. As crianças, ao manipularem este material, desenvolvem o seu conhecimento a nível matemático. Como afirma Caldeira (2009), “Para além de desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial” (p.126). Através do mesmo estas aprendem a associar a cor à quantidade, assim como o valor interligando com o sentido número.

De acordo com Lorenzato (2006, citado em Caldeira, 2009)

As crianças podem ordenar os números de 1 a 9 e não compreenderem o que é o número. Quando as crianças percebem as comparações entre quantidades (até 9), pode ser introduzido o registo escrito dessas quantidades por meio dos numerais, sabendo que o símbolo (numeral) é a representação da ideia (número) (p.79).

26 de outubro de 2010

A manhã começou com a minha aula, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com a história *A que sabe a lua* de Michael Grejniec. Após a leitura da história, conversei com os alunos sobre a mesma, questionando-os sobre as personagens e alguns acontecimentos presentes no desenvolvimento da história. Foi proposto aos alunos que realizassem com plasticina o que achavam que seria o sabor da lua ou o sabor que gostavam que tivesse se pudessem escolher. Depois de realizarem a atividade, as crianças explicaram aos colegas o sabor da “sua lua”.

Seguidamente, na Área do Conhecimento do Mundo, a turma sentou-se em roda e foi-lhe solicitado que provassem alguns alimentos, identificando-os de ácido, doce ou amargo.

Depois da identificação dos sabores, foi entregue a cada aluno uma maquete de uma língua (Figura 6) e algumas imagens de alimentos. Os alunos tiveram de colocar as respetivas imagens no local correspondente aos diferentes sabores. Para finalizar a manhã de atividades, os alunos foram para o refeitório para almoçar e seguidamente para o intervalo brincar livremente.



Figura 6 - Maquete da língua

Inferência/ Fundamentação teórica

No desenvolvimento da aula adotei uma estratégia em que a magia e o mundo que a envolvem estivesse presente, tendo sido este proporcionado pela história *A que*

sabe a lua. Foi uma experiência muito produtiva e gratificante em que os alunos participaram com entusiasmo e dedicação, pois a estratégia estava baseada na experiência concreta. Segundo Pacheco (1999) “quanto mais a informação for preparada e sequencializada pelo professor mais os alunos a compreenderão” (p.179)

Quando preparei esta aula fi-lo com grande satisfação, e por esse motivo dediquei-me inteiramente à mesma, tentando, através de atividades diferentes, proporcionar aos alunos novas experiências. Como refere Pacheco (1999) o aluno deve ser “como um sujeito do processo didático”, que se envolve “ativamente na construção do conhecimento” (p.172).

29 de outubro de 2010

A manhã começou com a habitual roda, onde todos os bibes cantam juntos canções. Após este momento a turma tirou os bibes e seguiu para a aula de Educação Física.

Quando terminou a aula de Educação Física seguiram para a sala, onde confeccionaram bolinhos de canela para festejar o dia das bruxas. Todos fizeram bolinhos com a massa feita por eles. A atividade decorreu até à hora de almoço. Após o mesmo os alunos foram fazer jogos em grande grupo no salão.

Inferência/ Fundamentação teórica

A atividade de culinária, por ser algo que os alunos não estão muito habituados a fazer, não fazendo parte das rotinas do dia-a-dia, torna-se algo motivante e estimulante para a sua participação. Os alunos participaram com grande entusiasmo, solicitando à educadora que os deixasse ajudar. Segundo Spodek e Saracho (1998), “Experiências culinárias também podem ser usadas para estimular o aprendizado de ciências nas crianças pequenas” (p.294). Os mesmos autores ainda referem que “estas experiências também podem ser usadas para conversar sobre o que as crianças precisam para um crescimento sentimental” (p.294).

Considera-se fundamental fomentar atividades diferentes das que as crianças costumam fazer ao longo das suas rotinas, como forma de criar outras áreas de interesse, assim como encontrar áreas de interesse dos alunos.

2 de novembro de 2010

O dia teve início com a aula lecionada pela minha colega de estágio. Esta começou com o Conhecimento do Mundo.

Os alunos começaram por visualizar algumas imagens sobre o órgão do tato e em simultâneo a Alexandra fez a explicação do mesmo, a sua utilização, qual a sua importância, assim como os cuidados a ter com a pele, questionando os alunos sobre o que estes já sabiam.

A Alexandra mostrou alguns objetos para os alunos identificarem as suas características, tais como: macio, áspero, rugoso, mole, duro, quente e frio. Os alunos realizaram um jogo de identificação das diferentes texturas de olhos vendados, adivinhando quais os objetos que se encontravam dentro de uma caixa. De seguida explicou à turma o que são as impressões digitais e para que servem. Após a explicação, propôs aos alunos que fizessem a sua impressão numa folha. Por fim a turma sentou-se em semicírculo e a Alexandra leu a história *O rato e o gato* de Luísa Ducla Soares, e fez a interpretação da mesma. Depois da leitura os alunos foram para o recreio brincar livremente. Posteriormente, iniciou um jogo de texturas em que os alunos foram divididos em duas equipas, identificadas com a cor amarela e com a cor verde. Alternadamente, um jogador de cada equipa lançava o dado e avançava o número de casas indicadas pelo mesmo. Quando os alunos se encontravam numa casa com textura tinham de dizer de que textura se tratava, fazendo a identificação da mesma.

Inferências/ Fundamentação teórica

A manhã de atividades lecionada pela minha colega de estágio foi mais uma vez, um momento em que os alunos participaram de uma forma ativa. É importante salientar que as aulas proporcionadas pelas alunas estagiárias tornam-se diferentes e estimulantes para a aprendizagem dos alunos pois, com tanta diversidade de estratégias, os alunos aprendem diferentes conceitos de diferentes formas.

A Alexandra, ao realizar o jogo para sistematização dos conhecimentos, fez com que os alunos sintetizassem o que aprenderam de uma forma dinâmica e com maior interesse. Ao possibilitar um momento de jogo, as crianças trabalharam em equipa ajudando os colegas que apresentavam maior dificuldade na resolução das situações apresentadas. De acordo com Hohmann e Weikart (2011), é “(...) através da aprendizagem pela acção [...] as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (p.5).

Desta forma, a utilização de materiais diferentes permite ao docente diversificar as suas atividades, tornando-as mais estimulantes.

5 de novembro de 2010

A manhã iniciou com a aula da Jani, sobre o tema “Alimentação”. Esta começou com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fazendo a leitura

da história *Boas maneiras à mesa*. Fez uma dramatização com alguns alunos. Caraterizou-os de faca, garfo, colher, copo e um prato (Figura 7) no decorrer da história estes faziam o que lhes era pedido. Após a leitura da história conversou com os alunos sobre a mesma, levando-os a partilhar experiências e conhecimentos quotidianos, fazendo desta forma a passagem para a Área do Conhecimento do Mundo.



Figura 7 - *Dinamização da história “Boas maneiras à mesa”*

De seguida, os alunos dirigiram-se para as mesas e a Jani pediu a dois que ajudassem a entregar o material para a atividade que foi proposta (um prato, um copo, talheres). Os alunos tiveram de colocar a mesa de forma correta e, ao mesmo tempo, a Jani abordava os conteúdos propostos, tais como: onde devemos colocar os talheres, o prato, o copo e o guardanapo, levando a que os alunos falassem sobre a forma como faziam habitualmente.

Finalizou a aula com uma atividade de Expressão Plástica, em que os alunos decoraram um individual com papéis furados e um guardanapo com a técnica do guardanapo (Figura 8).



Figura 8 - *Atividade de Expressão Plástica*

Inferências/ Fundamentação teórica

A manhã foi ocupada com a aula da minha colega de estágio sobre as boas maneiras à mesa, sendo um tema importante, pois devemos incutir regras e hábitos à mesa. Segundo Cordeiro (2010), relativamente à utilização de talheres “o objectivo é utilizá-los de forma correcta, utilizando-os bem e apropriadamente.” (p.75).

Nesta manhã também é de salientar a atividade final em que os alunos aprenderam de uma forma dinâmica e divertida a pôr a mesa, utilizando copos e pratos de plásticos, assim como individuais e guardanapos decorados por eles, desenvolvendo diferentes técnicas no domínio das expressões.

8 de novembro de 2010

Os alunos, após o acolhimento, foram para a sala e sentaram-se em semicírculo para eu dar início à minha aula.

Iniciei a aula sobre “Alimentação” com a história *A girafa que comia estrelas* de Eduardo Agualusa. Os alunos fizeram a dramatização da mesma (Figura 9).



Figura 9 - *Dramatização da história “A girafa que comia estrelas”.*

Após a dramatização e a conversa sobre a história, segui com a turma para o ginásio para realizar o jogo “Vamos às compras!” (Figuras 10 e 11). Os alunos foram divididos por duas equipas com a respetiva identificação, de seguida e após a explicação das regras do jogo, este teve início. Cada jogador teve de seguir com o carro de compras, fazer um percurso, marcado previamente, em direção a uma caixa (supermercado), onde tinham de tirar um alimento e fazer o percurso inverso e colocar noutra caixa. O jogo teve como objetivo interligar com a Área de Conhecimento do Mundo. Ganhou a equipa que conseguiu tirar o maior número de alimentos.



Figura 10 – *Banca de alimentos.*



Figura 11 - *Jogo “Vamos às compras!”.*

Depois seguiram para o recreio e brincaram livremente com os pares. Posteriormente os alunos voltaram para a sala, onde teve início a terceira parte da manhã de atividades. Expliquei quais os alimentos saudáveis e não saudáveis, porque devemos ter uma alimentação equilibrada, cuidada e variada, fazendo a interligação com a roda dos alimentos. Os alunos iam construindo a roda dos alimentos com alimentos verdadeiros (cada aluno colocou um alimento à sua escolha). Finalizei a aula fazendo com cada aluno uma espetada de fruta, que ele comeu ali mesmo.

Inferência/ Fundamentação teórica

Na leitura da história consegui que os alunos entrassem no mundo da fantasia, passando de ouvintes a participantes ativos. A leitura e a dinamização de histórias têm um papel fundamental na educação de infância, sendo essencial que o educador lhe proporcione momentos de prazer e interação com os livros.

É fundamental o dinamismo e as inflexões de voz. Segundo Mata (2008), “o prazer e a satisfação que provêm dos momentos de leitura partilhada contribuem para o desenvolvimento de ações e comportamentos de leitor essenciais para que as crianças venham a ser leitores envolvidos” (p.70).

Após o momento de leitura é extremamente importante que a criança reflita sobre a história, retirando as ideias extraídas da mesma, formulando a sua opinião.

12 de novembro de 2010

Após o acolhimento a turma dirigiu-se para a aula de Educação Física.

A aula de Educação Física desenvolveu-se como habitual com diversos exercícios de cordas. No desenvolvimento da aula foram propostas diferentes temáticas como forma a desenvolver o domínio sensório motor dos alunos.

Depois seguiram para a sala onde iniciaram uma atividade de Matemática com o material manipulativo, 3º e 4º Dons de Froebel. Construíram a mobília de quarto e a mobília de sala, interligadas com situações matemáticas de cálculo mental, abordando a soma, a subtração, a divisão e, por fim, a multiplicação. Foram realizadas diferentes situações problemáticas oralmente; de seguida foram efetuados exercícios no quadro de ardósia passando do concreto para o abstrato.

Inferência/ Fundamentação teórica

A Educação Física promove o desenvolvimento físico, orgânico das crianças, melhorando os fatores de coordenação e de movimento. Segundo Serrano (2002), “Educação Física serve para facilitar a educação corporal, desenvolvendo os músculos

e as articulações, melhorando o funcionamento dos pulmões e do coração, contribuindo para uma atitude corporal correcta e para o desenvolvimento do ritmo e da expressão corporal”. (p.12).

Constata-se que a Educação Física permite aos alunos a compreensão do seu próprio corpo, do seu desenvolvimento pessoal e a melhoria da qualidade de vida, proporcionando hábitos de vida saudável

Sanchis (2007) salienta que “os tempos de actividade motora não são apenas a ocasião de satisfazer as necessidades das crianças se mexerem, mas são também um momento de verdadeira aprendizagem” (p.9.).

Segundo Serrano (2002), as aulas de Educação Física proporcionam à criança o desenvolvimento cívico, pois possibilitam a aprendizagem de regras, cooperação, partilha, trabalho em equipa, assim como o cumprimento e a vontade de atingir metas e objetivos por ela esperados.

1.3. Segunda secção: Bibe Azul A

O presente momento de estágio decorreu do dia 16 de novembro de 2010 a dia 7 de Janeiro de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, na turma do Bibe Azul A com a educadora Sofia.

1.3.1. Caraterização da turma

Segundo análise documental dada pela educadora cooperante, a turma do Bibe Azul A é constituída por vinte e oito alunos, sendo catorze alunos do género feminino e catorze alunos do género masculino. A turma é relativamente homogénea em relação à idade, pois nasceram todos entre janeiro e dezembro de 2005. Este grupo de crianças, segundo a educadora, está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

A nível cognitivo, os elementos da turma apresentam um nível médio/bom, não revelando grandes disparidades de aprendizagem, à exceção de uma aluna que necessita de trabalho individualizado. A maior parte dos alunos participam ativamente em todas as atividades. Os alunos têm uma grande autonomia, capacidade imaginativa e criatividade.

A nível afetivo, todas exercem uma boa relação com a educadora assim como com os seus pares; mesmo as crianças mais introvertidas integram as brincadeiras com os restantes membros da turma, manifestando amizade no decorrer das brincadeiras.

1.3.2. Caraterização do espaço

A sala do Bibe Azul A (Figura 12) é luminosa, tem muitas janelas viradas para a parte exterior do Jardim-Escola, não sendo por sua vez muito ampla. Apresenta duas filas com mesas expostas a pares. Num canto da sala encontra-se uma estante e um cesto com alguns livros. Possui dois quadros, um placar onde estão expostos os trabalhos dos alunos, um armário onde está guardado o material manipulativo tendo por cima o dossiê dos alunos. Ao pé dos quadros encontra-se a mesa da educadora, com a Cartilha Maternal. Existe ao lado a porta da entrada da sala que dá acesso ao salão. Num canto da sala estão algumas almofadas (cantinho da leitura), onde as crianças costumam sentar-se para fazerem a leitura de livros de histórias.



Figura 12 – Sala do Bibe Azul A

1.3.3. Rotinas

As rotinas do Bibe Azul não são muito diferenciadas das do Bibe Encarnado, mantendo-se a higiene, o recreio e as refeições. Contudo no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, os alunos iniciam nesta fase a aprendizagem formal da leitura e da escrita, pelo Método de Leitura João de Deus.

Em relação à iniciação à Matemática, nesta faixa etária as turmas abordam os mesmos conteúdos do bibe anterior mas com um pouco mais de complexidade, como forma de sistematização e conciliação de conhecimentos já apreendidos.

Horário

No Quadro 3 podemos observar a distribuição, ao longo do dia, das diferentes atividades curriculares e não curriculares como sejam, o Inglês, a Expressão Plástica e Dramática. Nunca assisti a estas atividades por estar fora do meu horário de estágio.

Quadro 3 – Horário do Bibe Azul A

Horas:	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
9H10 – 9H40	Música	Matemática	Leitura e escrita	Matemática	Leitura e escrita
9H50 – 10H30	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita
11H – 12H	Matemática	Informática	Matemática	Leitura e escrita	Matemática
12H – 13H	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13H – 14H	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
14H10 – 15H20	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Educação Física	Conhecimento do Mundo	Estimulação à leitura / Jogos / Grafismos de Série
15H30 – 16H30	Inglês	Trabalho em Grupo	Expressão Dramática	Expressão Plástica/barro	Assembleia de Turma
16H40 – 17H	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

1.3.4. Enquadramento teórico

De acordo com Mata (2008), a leitura “(...) não se desenvolve espontaneamente necessitando do ensino directo e intencional” (p.68). Por isso, considero muito importante o trabalho feito pelas educadoras que fazem este estímulo diariamente e de uma forma organizada, sequencial, que facilita muito a aprendizagem das regras básicas da leitura e da escrita.

O ensino da leitura que observei vai de acordo com o Guia Prático da Cartilha Maternal (1997). Este indica que o educador ensina primeiro as vogais, seguindo-se as consoantes e, dentro destas, primeiro as constrictivas e depois as oclusivas com um só valor e, só por fim, as letras de valor incerto (com dois ou mais valores), ou seja, a aprendizagem faz-se do mais simples para o mais complexo.

Segundo Marques (2002), “(...) as crianças pequenas parecem identificar mais facilmente as vogais do que as consoantes, o que não é de surpreender visto que o pronunciar das consoantes é, por vezes, muito complicado” (p.19). Daí me parecer pertinente o facto de João de Deus ter feito uma gradação das consoantes mais simples para as mais difíceis.

O educador deve criar, em cada uma das lições, atividades de consolidação. O Método de Leitura João de Deus segundo Ruivo (2009), “(...) respeita o ritmo de

trabalho e a aprendizagem de cada criança, porque é organizado de uma forma sistemática e lúdica” (p.42). A aprendizagem é feita através de um grupinho de crianças que se junta ao pé da Cartilha Maternal (um livro em tamanho A2, (suporte físico das lições) onde estão as vinte e cinco lições que compõem o método). Esta interação equilibra a aprendizagem de cada aluno, pois os alunos ajudam-se mutuamente enquanto permanecem na lição. Como já referi, o educador ao escolher o grupo de crianças para ir à lição, sendo que vão todas, todos os dias, é possível observar o nível de desenvolvimento de cada aluno. O educador regista diariamente no gráfico de leitura (Quadro 4) a lição dada. Este, estando sempre atualizado é uma excelente ferramenta de trabalho.

A escrita por sua vez é também desenvolvida nos alunos, sendo esta posterior à leitura. Segundo Marques (2002), “(...) as crianças aprendem a linguagem oral e escrita não apenas através da absorção dos seus elementos através do meio, mas sobretudo construindo regras e estabelecendo reações a partir delas” (p.17).

Desta forma podemos observar que as crianças, desde muito cedo, têm contacto com a escrita e com a leitura. Este é um procedimento da metodologia João de Deus que, sendo utilizado em todos os Jardins-Escolas, nos permite constatar o visível sucesso das crianças nesta área.

Registo ainda o facto de os nossos alunos aprenderem um tipo de letra concebida também por João de Deus, o que chamamos *letra bicuda*. Segundo Deus, (s.d. Citado por Ruivo, 2012)

O aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada, o que não quer dizer que oportunamente se não arredonde a letra, ponto de partida para outra mais variada e mais perfeita.» (in Caderno da Escrita) (p.1).

Este tipo de letra, que mais parece um grafismo propedêutico da escrita, antecede a caligrafia cursiva e tem como objetivo, além de ensinar o grafismo das letras, trabalhar a lateralidade e a orientação espaço-temporal.

Segundo Alarcão e Roldão (2008), “(...) a natureza questionadora, analítica, interpretativa, teorizada e reflexiva do trabalho supervisionado, assenta num acompanhamento e discussão permanente do processo e da acção dos seus resultados” (p.54).

A supervisão pedagógica enriquece a nossa reflexão, pois acabamos por ouvir a opinião de professores com mais experiências, ajudando-nos na nossa prática pedagógica e nas aulas que damos durante os nossos momentos de estágio.

16 de novembro de 2010

Hoje foi o meu primeiro dia no Bibe Azul. Como é hábito no ensino Pré-Escolar, iniciámos com o acolhimento em roda com os outros alunos. Cantámos igualmente as músicas já conhecidas de todos nós e as educadoras vão ajudando cantando alto e com ritmo.

De seguida os alunos foram para a sala e continuaram os trabalhos que se encontravam em atraso nas pastas. Foi-me solicitado pela educadora que ajudasse uma criança, com algumas dificuldades de aprendizagem, no trabalho que estava a realizar sobre as vogais e ditongos. Trabalhei com um material alternativo (molas e cabides). A aluna tinha de colocar no cabide as vogais e os ditongos que lhe eram solicitados, fazendo a repetição. Enquanto desenvolvia estes exercícios, os restantes alunos da turma realizaram os trabalhos que se encontravam em atraso e em grupos dirigiam-se para a lição de Cartilha para o estudo da respetiva lição.

Depois do intervalo iniciaram o Domínio da Matemática com o material manipulativo Tangram (Figura 13). Os alunos tiveram de construir um pinheiro de Natal, colando numa folha quadriculada e fazendo a decoração da mesma com lápis de cor.

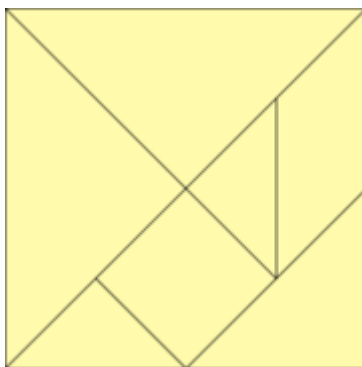


Figura 13 - Material manipulativo Tangram

A manhã finalizou com o almoço e de seguida com o recreio, onde brincaram livremente com os colegas de turma e com os pares das outras turmas.

Inferência/ Fundamentação teórica

As crianças no Jardim-Escola João de Deus, aos 5 anos aprendem a ler e a escrever, que lhe dá imenso prazer e motivação. Na maior parte dos casos as crianças adquirem esta aprendizagem de uma forma satisfatória, contudo, como pude observar neste momento de estágio, algumas vezes existem casos em que tal não acontece, sendo necessário encontrar outras estratégias e desafios. Desta forma podemos salientar que o ritmo e a aprendizagem de cada aluno são respeitados. Segundo Viana e Teixeira (2002), “desenvolvendo um método que permitia “massificar” o acesso à leitura, João de Deus não esqueceu a necessidade da individualização, já que cada criança segue a Cartilha ao seu ritmo próprio (e não ao ritmo de uma classe)” (p.119).

Penso que a estratégia adotada pela educadora foi uma mais-valia para a aluna.

Segundo Marques (2002),

Um ambiente educativo estimulante e rico em interações com outros sujeitos e com os materiais de escrita pode facilitar a aquisição das estruturas cognitivas necessárias à aprendizagem da leitura, estruturas essas que não podem ser construídas recorrendo apenas à transmissão linguística (p.28).

Se a aprendizagem for consolidada gradualmente pela criança, esta estará preparada para ler, assim como adquirirá as aptidões e capacidades necessárias para tal.

19 de novembro 2010

A manhã iniciou com o acolhimento na roda das canções. Hoje cantámos algumas músicas de Natal. De seguida os alunos foram para as salas e começaram a realizar as suas atividades de leitura e escrita. Depois, fomos realizar no salão a ilustração de um cenário de Natal para a festa. Estivemos aí durante o resto da manhã.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a manhã não observámos atividade de sala de aula pois estivemos a fazer os cenários. Esta atividade permitiu que as estagiárias trabalhassem em equipa, de forma a que o trabalho fosse realizado com perfeição. Segundo Pato (1995), “O trabalho de grupo é uma componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento” (p.9). De acordo com o mesmo autor, “(...) o trabalho de grupo coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e reagir” (p.9).

Assim, não só com as crianças, mas também conosco futuras professoras o trabalho de grupo mostra-se bastante enriquecedor do ponto de vista social.

22 de novembro 2010

A manhã teve início com o acolhimento no salão. De seguida, e após irem à casa de banho, foram para as salas.

Passado algum tempo depois do início das atividades, a minha colega de estágio teve aula surpresa no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Foi-lhe proposto que fizesse estimulação à leitura com o apoio do livro *A zebra Cecília* de Beatriz Duormec, começando por fazer a leitura da história e, depois, a análise da mesma. Perguntou a alguns alunos qual o som que se repetia mais vezes, e estes fizeram a identificação do mesmo. De seguida pediu-lhes para encontrarem palavras que conhecessem que tivessem o mesmo som.

Depois da atividade de leitura, a colega distribuiu a cada aluno uma folha branca para que fizessem um desenho a seu gosto sobre a história. De seguida três alunos foram fazer a leitura da décima quinta lição (lição da letra /c/) da Cartilha Maternal. A colega começou por rever os valores da letra, solicitando aos alunos que dissessem algumas das regras de leitura, depois fizeram a leitura de algumas palavras.

De seguida os alunos dirigiram-se para o recreio onde brincaram livremente. Depois regressaram para a sala e retomaram as atividades que se encontravam em atraso. Posteriormente, a educadora entregou a cada aluno uma caixa dos Calculadores Multibásicos para fazerem o jogo das bases, trabalhando a adição e a subtração.

A manhã acabou com a reunião de avaliação das aulas surpresa assistidas pelas professoras supervisoras do estágio.

Inferência/ Fundamentação teórica

Como referido anteriormente a manhã de atividades foi de aulas surpresa. A minha colega tentou trabalhar o que lhe tinha sido solicitado, contudo o facto de esta estar nervosa, impediu que o fizesse de uma forma descontraída e alegre.

Desta forma, foi fundamental a reflexão sobre a aula feita com a ajuda das professoras da equipa de supervisão. Quando temos a possibilidade de ouvir opiniões fundamentadas por parte de alguém mais experiente, devemos ser capazes de aceitar, integrar para melhorar a nossa prática pedagógica.

Segundo Alarcão (1995), “Um bom supervisor lança o seu olhar entre o passado e o futuro, jogando no presente; dirige-se para os professores, mas relança-o para os alunos destes; focaliza-o na sala de aula” (p.5).

23 de novembro de 2010

A manhã começou com a aula de Conhecimento do Mundo dada por uma colega do 2º ano sobre o tema “Os continentes”. Iniciou com a imagem do planisfério em tamanho ampliado. Em simultâneo construiu um livro com a ajuda dos alunos, utilizando imagens de alguns países presentes em cada continente abordado na aula.

Os alunos participaram oralmente, fazendo a identificação das características das imagens presentes, tais como: roupa, adereços, cultura, clima, entre outros. De seguida estes foram para o recreio onde brincaram livremente com os colegas de turma e com os pares de outras turmas. Depois pedi à professora para praticar as aulas de Cartilha Maternal com alguns alunos. Foi-me proposto que fizesse a revisão da sílaba forte na 13ª lição e de todas as suas regras, assim como a leitura de algumas palavras selecionadas por mim.

Após esta atividade de leitura, os alunos foram à casa de banho e estiveram a cantar algumas músicas no salão e a fazer jogos de interior. De seguida a turma foi almoçar e depois foram para o recreio até às 14h30.

Inferência/ Fundamentação teórica

A aula da minha colega de estágio do 2º ano foi um pouco confusa, pois os alunos não souberam esperar pela sua vez para falar e esta não conseguiu impor as regras na sala de aula. Segundo Vieira (2000), “É fundamental termos em consideração que o professor é um líder no contexto da sala de aula” (p.69). O mesmo autor ainda salienta que o professor deve “influenciar os seus alunos para que estes se interessem pelas aulas, estejam atentos, participem, apresentem comportamentos adequados e obtenham bons resultados” (p.69).

26 de novembro de 2010

As atividades tiveram início com a roda no salão onde, em simultâneo, é feito o acolhimento de todos os alunos do Pré-Escolar, enquanto cantam algumas músicas. Depois os alunos dirigiram-se para as respetivas salas.

Para começar a aula, a educadora entregou a cada aluno um copo com palhinhas de diferentes cores para trabalharem o cálculo da adição e da subtração através de situações problemáticas. De seguida propôs a cada aluno que representasse alguns conjuntos e combinações por ela ditados. Durante a primeira parte da manhã os alunos estiveram a realizar estas atividades matemáticas no quadro.

A seguir os alunos foram para o recreio, onde brincaram livremente com os colegas que já lá se encontravam. De seguida foram para a sala trabalhar algumas

atividades no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita sobre a letra em que se encontravam na Cartilha Maternal. Enquanto os alunos realizavam esta atividade as estagiárias foram para o salão onde estiveram a continuar a pintar o cenário para a festa de Natal.

Inferência/ Fundamentação teórica

Ao utilizar o material não estruturado “palhinhas” para trabalhar situações problemáticas, a educadora ajudou os alunos a fazerem cálculos de uma forma mais concreta. As crianças quando são muito pequenas precisam do material para fazer contagens. Segundo Caldeira (2009), “As palhinhas funcionam como suporte à contagem” (p.317).

De acordo com a mesma autora, “Na posse deste material, é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça” (p.317). No meu ponto de vista é fundamental o educador ser criativo e tornar a aprendizagem do aluno mais fácil e dinâmica.

Na segunda parte dos exercícios, quando a educadora solicitou aos alunos que fizessem conjuntos por ela ditados, utilizando o mesmo material, foi visível a compreensão da turma, pois com este material a aprendizagem torna-se mais concreta. Caldeira (2009) considera que “Agrupar objetos formando conjuntos que obedeçam a uma propriedade determinada, motiva e solidifica aprendizagens matemáticas” (p.319).

Foi visível durante toda a atividade no Domínio da Matemática, a participação ativa de todos os alunos, assim como a motivação e cooperação nas atividades propostas pela educadora. Podemos, deste modo, salientar que não precisamos de comprar materiais para proporcionar aulas diferentes, basta sermos criativos e aproveitar o que a natureza nos dá.

29 de novembro de 2010

A manhã iniciou com a minha aula surpresa. Foi-me proposto que trabalhasse o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita utilizando uma lengalenga. Optei por uma lengalenga que trabalhasse a expressão corporal e os gestos. Comecei por ensinar aos alunos as estrofes, de seguida os gestos. Depois de repetir várias vezes, os alunos memorizaram e, com a minha ajuda, disseram a lengalenga de diferentes formas, nomeadamente, rápido, lento, a cantar, a rir, ao contrário, etc. Seguidamente distribuí uma proposta de trabalho pelos alunos e, enquanto estes realizavam a mesma, fui com um grupo de três alunos trabalhar a 15ª Lição da Cartilha Maternal. Fiz a revisão de algumas regras, assim como a leitura de palavras e construção de frases sobre as mesmas.

Após a aula, a turma foi para o recreio brincar livremente e nós fomos para a reunião com as professoras supervisoras de estágio para termos um “feedback” das aulas lecionadas neste dia.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a manhã de atividades, quando me foi proposto que dinamizasse uma aula no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde utilizasse uma lengalenga, fiquei um pouco nervosa, pois teria de pensar em breves momentos o que iria fazer. E como nós, enquanto estagiários e quando formos educadores/professores temos de estar preparados para todas as surpresas que possam aparecer no dia-a-dia, lembrei-me de uma lengalenga que já sabia.

Assim, e para dinamizar a aula de uma forma diferente, dividi a turma em grupos e optei por fazer um jogo com os alunos em que estes tinham de dizer a lengalenga de forma a memorizá-la alegremente. Segundo Bertalot (2002), “O cultivo da memória por meio de poemas, canções, lengalengas, etc., realizadas repetidamente, de forma rítmica, torna-se um tesouro que dura para a vida” (p.9).

Nesta atividade pedi a colaboração de todas as pessoas que se encontravam na sala. Segundo Moutinho (2007,) “(...) procurámos novos sentidos àquilo que, tantas vezes, parece não ter sentido” (p.11). O mesmo autor refere ainda que as lengalengas/rimas têm “melodia e ritmo, movimento, sentido e não-sentido. É o maior gozo que se pode fazer com sons, utilizando vocábulos, expressões, abusando deles, desmontando frases até ao riso extremo” (p.11).

Foi visível durante toda a atividade “o gozo” e a satisfação de todos os alunos.

30 de novembro de 2010

A manhã começou com as aulas de duas estagiárias do 2º ano da Licenciatura, na Área do Conhecimento do Mundo, com o tema: O clima e as estações do ano. Começaram por sentar os alunos em semicírculo, mostrando algumas imagens sobre os diferentes tipos de clima. Durante o decorrer das imagens explicaram as características presentes em cada um dos climas e os locais onde ocorria com maior frequência.

De seguida, depois da explicação, espalharam no chão roupas utilizadas nas diferentes estações do ano e pediram a alguns alunos para vestirem os bonecos consoante a estação do ano considerando as diferenças climáticas características de cada época.

Posteriormente, através do diálogo com os alunos, fizeram a sistematização dos conteúdos abordados. Após a aula, e depois do recreio, os alunos fizeram com massa

de moldar formas de Natal para colocarem na árvore. Simultaneamente as estagiárias continuaram a fazer a preparação do cenário para a festa de Natal. Os alunos, depois de fazerem as formas, foram ensaiar para a festa com o professor de música.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a manhã, foi perceptível a agitação da turma por se encontrarem durante muito tempo no mesmo espaço e sentadas da mesma maneira. Os alunos estavam um pouco agitados, pois as minhas colegas deram uma aula um pouco expositiva. Segundo Brickman e Taylor (1996), “(...) as formas como os professores fazem perguntas e organizam actividades tem por objetivo fomentar a exploração e a descoberta por parte das crianças” (p.71).

Deste modo as minhas colegas deviam ter parado a aula e fazer retorno à calma ou mesmo conversar com os alunos sobre o seu comportamento, explicando que desta forma não iriam conseguir aprender. Os mesmos autores referem que “(...) sem levantar o tom de voz, o professor deve mostrar ao aluno a sua desaprovação, o seu descontentamento” (p.43).

É de salientar que a aula estava bem preparada e tinha um material de apoio bastante apelativo, o desenvolvimento da mesma e a indisciplina presente é que fizeram com que não corresse da forma desejada.

2 de dezembro de 2010

Durante a manhã foi a minha colega Alexandra que dinamizou as atividade. O tema que ela trabalhou foi “O Sistema Solar”. Começou por deitar os alunos no chão de barriga para cima para observarem no teto a imagem do espaço. Através da visualização de um *powerpoint*, os alunos viram como se formou o universo e o sistema solar. De seguida os alunos completaram uma maquete do sistema solar.

Após o Domínio do Conhecimento do Mundo seguiu-se o Domínio da Matemática. Foi entregue a cada aluno um tabuleiro, algarismos móveis e estrelas. Começou por contar uma história de um menino que viu estrelas no céu, elaborando desta forma situações problemáticas, apelando para o cálculo mental, nomeadamente sobre a subtração e a adição.

Depois do recreio onde os alunos brincaram livremente, iniciou-se a atividade de Expressão Plástica, onde os alunos tiveram de construir a sua maquete do Sistema Solar, com os planetas entregues anteriormente, assim como a decoração do mesmo, de uma forma criativa.

Inferência/ Fundamentação teórica

A manhã de atividades dinamizada pela minha colega Alexandra teve uma grande variedade de estratégias e materiais, fomentando sempre a participação ativa dos alunos.

Na Área do Conhecimento do Mundo esta utilizou um *powerpoint* para explicar o Sistema Solar, criando momentos de fantasia através do ambiente que proporcionou. Vasconcelos (2005) salienta que “Desde os primeiros dias de vida, a criança desenvolve crenças acerca das coisas que acontecem à sua volta” (p.75). As atividades que são realizadas através do imaginário e que transportam para as crianças a ideia do que se passa à sua volta, assim como do que ela já sabe do que ouve ou do que viu, é uma mais-valia para que esta se sinta interessada em aprender mais e melhor sobre os temas apresentados.

Segundo Zabalza e Arman (2002, citado em Martins *et. al.*, 2007), o educador/professor deve desempenhar um papel importante para a formação das crianças, na componente científica e tecnológica através da dinamização de atividades promotoras de literacia científica, com vista ao desenvolvimento de cidadãos mais competentes nas suas dimensões pessoal, interpessoal, social e profissional.

6 de dezembro de 2010

O dia teve início com a aula da colega Alexandra sobre a camada do ozono. Começou por mostrar umas imagens e dialogar com os alunos sobre as causas e consequências do aquecimento global no planeta.

De seguida, e como se aproximava a festa de Natal, fui finalizar os cenários com as restantes colegas estagiárias.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a aula da minha colega Alexandra não estive na sala de aula, pois fui fazer os cenários para a festa de Natal.

7 de dezembro de 2010

A manhã teve início com as minhas aulas sobre o tema “Alimentação”. Comecei pela atividade de Matemática, em que os alunos tinham de imaginar que se encontravam no supermercado e tinham de fazer compras. Ao longo do exercício estes tinham notas “alimentizos” e moedas “centalimentizos” (Figura 14) para utilização no supermercado.

Durante os exercícios alguns alunos estavam na caixa a realizar os pagamentos e os restantes faziam as compras utilizando um carrinho parecido aos do supermercado. No desenvolvimento dos exercícios, os alunos resolviam situações problemáticas com base em cálculos de adição e subtração.



Figura 14 - *Material de apoio para aula de matemática.*

De seguida a turma sentou-se em círculo à volta de duas mesas, uma com alimentos e outra com uma roda dos alimentos vazia, onde os alunos escolhidos previamente tinham de colocar o alimento no respetivo grupo da roda (Figura 15). Para sistematização da atividade a turma foi dividida por grupos e cada aluno construiu a sua espetada de fruta (Figura 16).



Figura 15 – *Roda dos Alimentos*



Figura 16 - *Construção das espetadas*

A manhã terminou com a construção de um Pai Natal articulado, em que os alunos com papel autocolante vermelho e preto e algodão tinham de completar o mesmo a seu gosto.

Inferência/ Fundamentação teórica

Ao preparar a aula pensei num modelo em que os alunos fossem agentes ativos na aprendizagem, criando participação e motivação dos mesmos. Optei por levar para a

aula experiências do dia-a-dia, tal como alimentos e atividades com dinheiro. Os alunos participaram de uma forma ativa no seu processo de ensino-aprendizagem, pois interagiram com os colegas e com o material apresentado. De acordo com Sanches (2001), “(...) os alunos não podem continuar a ser recetores passivos, eles têm de interagir” (p.45).

9 de dezembro de 2010

A manhã começou com a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde iniciei com a leitura da história *Roque o traquinas* de Beatriz Doumerc. Após leitura e diálogo com os alunos sobre a história, escrevi palavras no quadro em que estes tiveram de identificar a letra comum em todas as palavras.

De seguida foi entregue a cada aluno uma proposta de trabalho (Anexo 1), em que tinham de pintar as letras consoante a legenda apresentada na mesma, assim como circundar a letra “q”. No decorrer da atividade dois alunos foram à lição de Cartilha, onde foi feita a revisão da décima quarta lição (/q/).

Depois, na Área do Conhecimento do Mundo, foi abordado o tema “Higiene”. Comecei por mostrar imagens, explorá-las com as crianças, dialogando com estas no sentido de as sensibilizar para o tema. Após explicação mostrei um molde de uma boca e expliquei como devia ser feita a lavagem dos dentes, entregando a cada aluno uma pasta de dentes e um diploma. Para finalizar, os alunos realizaram um jogo do loto sobre o tema. De seguida realizaram uma gincana.

Inferência/ Fundamentação teórica

Ao preparar a manhã de atividades, pensei em estratégias dinâmicas e motivadoras para os alunos, pois considero que estas envolvem uma maior participação dos mesmos.

O Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi um momento pouco motivador porque não apelou à descoberta dos alunos, logo os meus objetivos não foram atingidos.

Segundo Brickman e Taylor (1996), “ À medida que se tornam mais conscientes dos seus interesses, pontos fortes e capacidades, as crianças vão ficando mais aptas a utilizar os seus conhecimentos para fazerem novas descobertas o que, por sua vez, as ajuda a desenvolverem-se” (p.65).

O facto de ter levado o molde da boca fez com que a Área do Conhecimento do Mundo fosse motivadora. Caldeira (2009) afirma que “O espaço escolar pode-se

transformar num espaço agradável, prazeroso, para que os jogos e brincadeiras permitam ao educador alcançar sucesso em sala de aula” (p.40).

10 de dezembro de 2010

A manhã começou com uma atividade de Matemática com o material manipulativo Cuisenare, em que os alunos realizaram exercícios de soma, subtração e divisão. Enquanto a educadora ditava os exercícios, os alunos iam ao quadro fazer a representação dos mesmos.

De seguida os alunos foram para o recreio brincar livremente com os colegas. Depois iniciou-se a atividade de Expressão Plástica em que estes fizeram com massa de moldar diferentes moldes de Natal para colocar na árvore. Depois, enquanto os alunos terminavam os trabalhos que se encontravam em atraso, as estagiárias foram continuar a preparação para a festa de Natal, assim como a pintura dos respetivos cenários.

Inferência/ Fundamentação teórica

A criança, ao utilizar material manipulativo, aprende através do lúdico. Aos cinco anos, as crianças devem ser capazes de resolver situações matemáticas de um modo concreto. Segundo Lopes *et. al.*, (1999), “É útil ensinar ao aluno conteúdos matemáticos, pois se o aluno não possuir o conhecimento de conceitos, factos e algoritmos matemáticos, o seu campo de resolução de problemas será extremamente limitado” (p.10). Logo o educador deve criar momentos de desenvolvimento do raciocínio matemático mesmo quando ainda são pequenos, pois ajuda-os a que nos momentos seguintes o seu desenvolvimento mental se torne mais apto.

Vasconcelos (2005) diz que “As crianças que estão muito habituadas a lidar com a Matemática do dia-a-dia começam a usar a linguagem matemática antes de iniciarem a escola” (p.60).

13 e 14 de dezembro de 2010

Optei por juntar os dois dias pois no dia 13 de dezembro os alunos do Bibe Azul estiveram a fazer a preparação para a festa de Natal, que era no dia seguinte, decorando a árvore e a sala. Em simultâneo, eu e o meu grupo de estágio, assim como o grupo de estágio do Bibe Azul A, fomos acabar os cenários e os últimos preparativos.

De seguida, os alunos foram para o salão da igreja, onde iria decorrer a festa, fazer o ensaio geral.

No dia 14 de dezembro realizou-se a festa de Natal do Jardim-Escola com a atuação do Bibe Amarelo, seguida dos outros grupos (Bibe Encarnado e Azul). Depois da festa, os pais dirigiram-se para o Jardim-Escola para um lanchinho, assim como para a entrega das avaliações do primeiro período. Os alunos receberam as suas prendas e conviveram.

Inferência/ Fundamentação teórica

As festas desempenham um papel importante nas escolas, permitindo união, envolvimento e participação dos pais em todo o processo de preparação. Segundo Marques *et. al.*, (1993), a melhor maneira de criar continuidade entre as escolas e as famílias é proporcionar momentos para que os pais venham à escola, quer sejam reuniões ou festas.

A festa de Natal é uma atividade que envolve toda a comunidade educativa unindo nestes dias os pais e a escola, levando a que os alunos queiram mostrar o trabalho que realizaram com entusiasmo e motivação. De acordo com Marques (2002), “Os alunos beneficiam porque sentem de perto, o interesse dos pais e ficam mais aptos a corresponder às expectativas de pais e professores” (p.109). Foi visível o entusiasmo de todos os alunos, assim como a participação ativa dos pais.

3 de janeiro de 2011

A educadora começou a manhã a conversar com os alunos sobre as férias de Natal e sobre as vivências de cada criança nesta época. Os alunos falaram sobre os locais onde tinham ido, assim como, os presentes que receberam.

Depois da breve conversa a educadora começou por rever os dias da semana, os meses do ano. Perguntou o que vem antes e o que vem depois, fazendo a localização espacial dos alunos. Através do diálogo, fez a revisão destes conceitos e explicou quantos dias tem o ano.

De seguida, após o recreio entregou peças do material manipulativo Blocos Lógicos e iniciou a revisão das peças que constituíam o mesmo e qual a sua forma. Depois pediu aos alunos para representarem um conjunto singular, depois um conjunto universal, explicando a diferença entre estes. Posteriormente explicou a reunião de conjuntos e como se representava, fazendo a demonstração no quadro.

Inferências/ Fundamentação teórica

Gostava de salientar a relação que a educadora tem com a turma. Na primeira parte da aula conversou com os alunos sobre as férias de Natal, quais as suas vivências e o que gostaram particularmente. No meu ponto de vista é importante a

criança trazer para a escola as suas vivências pessoais para as partilhar com os colegas.

Segundo Brickman e Taylor (1996),

Quando as crianças exprimem por palavras suas as experiências e sentimentos, mesmo que se refiram a uma luta, ficam mais conscientes das descobertas que fazem e mais aptas a fazer uso delas no futuro do que se forem os adultos a falar por elas (p.64).

Mesmo as crianças mais introvertidas falaram das suas vivências sem timidez. Segundo Brickman e Taylor (1996) “A comunicação natural entre o professor e a criança, por um lado, e entre as próprias crianças, por outro, é a chave do fortalecimento e do alargamento das capacidades de linguagem das crianças” (p.71).

4 de janeiro de 2011

O dia iniciou-se com a aula programada da minha colega Alexandra. Ela começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita lendo a história *A Girafa Girassol e o Girassol Girafa* de José Gonzalez. Leu a história e, de seguida colocou palavras no quadro, para que os alunos fizessem a leitura preparatória das mesmas. Com as letras das palavras Girafa e Girassol, os alunos tiveram de formar uma nova palavra. Para finalizar a atividade entregou a cada aluno uma ficha em que tinham de pintar as vogais e as consoantes conforme a respetiva legenda.

Após esta atividade deu início à Área do Conhecimento do Mundo entregando a uma boca em formato A3 e um envelope com dentes a cada aluno. Após a explicação através de imagens dos dentes, os alunos colocaram organizadamente na sua proposta de trabalho os dentes no seu respetivo lugar: à frente os incisivos e caninos a seguir, pré-molares e molares.

Para finalização da manhã de atividades no Domínio da Matemática, a Alexandra entregou uma caixa de material Cuisenaire e trabalhou as somas simples em situações problemáticas, iniciando com cálculos mais fáceis e depois passando para outros mais complexos.

Inferências/ Fundamentação teórica

As aulas programadas são uma mais-valia para a nossa aprendizagem como futuras educadoras/professoras, pois nelas podemos refletir sobre o que fizemos bem ou menos bem, para que desta forma sejamos capazes de melhorar em futuras aulas, não só no Jardim-Escola mas quando começarmos a exercer a nossa atividade profissional. Para que estas aulas sejam um fator de aprendizagem temos de saber planear, refletir e avaliar. Pais e Monteiro (2002) consideram que “Podemos frequentar

um sem-número de cursos e acções de formação, mas só a prática diária, no contacto directo com os alunos, permite passar da teoria para a prática” (p.11).

É fundamental sermos capazes de levar para a prática o que aprendemos na teoria, modificando comportamentos e atitudes enquanto damos as nossas aulas. Desta forma, considero muito importante este contacto direto com uma turma, darmos aulas e, por outro lado, ouvirmos as críticas que nos são feitas, de modo a melhorarmos e a crescermos no futuro. Segundo Gama ((s.d.) citado em Pais e Monteiro, 2002), “Ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar os alunos a estarem interessados; a não se lembrarem do que lá fora é melhor” (p.8).

É importante que troquemos ideias e opiniões, discutamos práticas, coloquemos em comum os problemas e as dúvidas para que a nossa aprendizagem seja feita de uma forma satisfatória e plena.

7 de janeiro de 2011

A minha colega Jani deu aula assistida pela professora da supervisão de estágio.

Dos diferentes temas que a educadora mostrou previamente, a Jani escolheu, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contar a história *A que sabe a lua!*, com dedoches. Distribuiu por alguns alunos dedoches que representavam personagens da história. Explicou aos alunos que sempre que ela falasse de uma personagem quem tivesse o dedoches correspondente tinha de levantar o dedo e fazer a representação da ação por ele realizada, colocando no flanológrafo. De seguida escreveu duas palavras no quadro (leão e leia) para os alunos circundarem a letra l.

Depois passou para o Domínio da Matemática, utilizando o material manipulativo, 3º e 4º Dons de Froebel. Começou por explicar como se construía a camioneta e o helicóptero, fazendo a demonstração da mesma com o respetivo material. Seguidamente colocou algumas situações problemáticas, em que foram trabalhadas as operações da adição e da subtração.

Após a mesma, e na Área do Conhecimento do Mundo, simulou com os alunos uma viagem à lua. Pediu para vestirem os fatos, olharem para o *powerpoint*, onde estava representado uma imagem de um foguetão e iniciarem a viagem. Em simultâneo foi fazendo a explicação das fases da lua, dialogando com os alunos sobre as imagens que apareciam no mesmo.

Inferências/ Fundamentação teórica

A Jani, na sua atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita transmitiu aos alunos enquanto fazia a leitura da história, fantasia e descoberta. Fabregat e Fabregat (1989) dizem que “O educando não é encarado como um ser passivo, apenas receptor de estímulos externos, mas sim um agente activo que cria o seu próprio mundo” (p.45). A Jani trouxe para a sua aula o imaginário das crianças e fê-las participar de uma forma ativa.

Na Área do Conhecimento do Mundo a Jani utilizou as novas tecnologias como ferramenta de dinamização da sua aula, nomeadamente o *powerpoint*, em que os alunos tiveram a possibilidade de observar as imagens das fases da lua. Segundo Botelho (2009), “A tecnologia deve estar presente na educação pois proporciona novas vias de comunicação no âmbito escolar e potencia as já existentes” (p.84).

Torna-se cada vez mais importante nos dias de hoje utilizar as novas tecnologias nas aulas, pois devido à evolução dos tempos está presente na vida dos alunos cada vez mais cedo. O professor deve criar momentos de interesse dos alunos.

1.4. Terceira Secção: Bibe Amarelo A

O terceiro momento de contacto com a realidade educativa João de Deus, decorreu de 10 de janeiro a 18 de fevereiro de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, na sala do Bibe Amarelo A com a educadora Rita.

1.4.1. Caraterização da turma

Após análise de documento facultado pela educadora da respetiva sala, observei que o Bibe Amarelo é constituído por trinta alunos, dezassete do género masculino e treze do género feminino. A turma não apresenta disparidade de idades, é um grupo homogéneo, visto todas as crianças terem nascido entre janeiro e dezembro de 2007.

A nível de aprendizagem, a turma apresenta alguns elementos com mais dificuldades e outros mais desenvolvidos no que diz respeito ao raciocínio lógico, socialização e motricidade. Também existem na turma elementos que apresentam dificuldades, nomeadamente, ao nível da concentração da atenção. A turma é bastante participativa, interessada e colaborativa no decorrer das atividades.

A nível afetivo e comportamental os alunos não revelam grandes problemas de relacionamento entre os seus pares. Relacionam-se com a educadora de forma carinhosa e meiga, manifestando essa afetividade ao longo de todo o dia com gestos e palavras de afeto. No entanto, existem alunos mais extrovertidos e comunicativos e

outros, que só comunicam ao serem solicitados. Na turma também se encontram alguns elementos que recorrem à agressividade como forma de resolução de conflitos.

1.4.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo A é ampla (Figura 17). Apresenta dois espaços, um constituído por quatro mesas e outro, marcado no chão com estrelas, onde é dinamizada a leitura, assim como os conteúdos de Conhecimento do Mundo. Num canto da sala encontra-se um cesto com brinquedos. Possui dois placares onde são expostos os trabalhos dos alunos.

Ao pé da porta tem um canto com livros e ao lado um armário onde estão guardados os materiais como: tintas, folhas, canetas de feltro, entre outros. Ao lado existe a porta que tem acesso ao recreio e às casas de banho.



Figura 17 - Sala do Bibe Amarelo A

1.4.3. Rotinas

As rotinas do Bibe Amarelo A são similares às do Bibe Encarnado e do Bibe Azul, mantendo-se a higiene, o recreio e as refeições. No entanto as crianças desta idade dormem a sesta depois do almoço.

Em relação ao Domínio da Matemática abordam alguns materiais de uma forma mais elementar, nomeadamente os Blocos Lógicos, e o 1º Dom de Froebel. Trabalham também com alguns materiais não estruturados como sejam as palhinhas, imagens de animais e flores, entre outros.

Sesta

Segundo Cordeiro (2010), “O que nas escolas se deve fazer é proporcionar ambientes onde a sesta possa ser feita” (p.306). O mesmo autor ainda refere que “(...) a sesta é um direito da criança, nesta idade” (p.373).

O momento da sesta decorre depois da hora de almoço, na sala. Cordeiro refere que “Deve ser feita num ambiente calmo” (p.373). Ainda refere que “A sesta deve ser um passo da rotina, que a criança antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores” (p.306).

Horário

Como é visível no Quadro 5 (Horário do Bibe Amarelo A), as crianças têm de uma forma organizada, calendarizada e rotineira as seguintes atividades: Desenvolvimento verbal, Educação Musical, Iniciação à Matemática, Estimulação à leitura e Conhecimento do Mundo; No 2º tempo da manhã têm atividades de Iniciação à Matemática, Conhecimento do Mundo, Ginástica, Informática e Dinamização da Biblioteca.

Quadro 5 – Horário do Bibe Amarelo A

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h	Acolhimento e canções no salão				
1º Tempo da manhã	Desenvolvimento verbal	Iniciação à Matemática	Iniciação à matemática/ Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
	Educação Musical (9h45/10h15)	Estimulação à leitura/ Desenvolvimento verbal			
10h30	Suplemento alimentar – Recreio/Cantinhos (10h30/11h)				
2º Tempo da manhã	Iniciação à matemática	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h50/11h50)	Informática (11h/12h)/ Dinamização da Biblioteca	Conhecimento do Mundo
12h	Almoço				
13h	Sesta (13h/14h30)				

1.4.4. Relatos diários

10 de janeiro de 2011

A turma iniciou o dia no salão com os restantes bibes, onde cantaram diferentes músicas. De seguida, cada aluno pegou no seu casaco, que se encontrava em cima das mesas dos Bibes Encarnados, e seguiram em fila com a educadora para a respetiva sala.

Quando chegaram à sala penduraram os casacos nos cabides e foram sentar-se no chão em cima de uma estrela (estrela de identificação de lugares no semicírculo), onde a educadora começou por dialogar com as crianças sobre o fim-de-semana, o que estes tinham feito.

Após o diálogo com os alunos chegou o professor de música, que deu início à aula começando por cantar a música do bom dia, seguido de algumas reproduções de sequências de sons, em que os alunos tinham de imitar, aumentando o nível de dificuldade. Depois cantou com os alunos algumas músicas já conhecidas.

De seguida, os alunos foram para o recreio onde brincaram livremente com os seus pares e com os colegas de outras turmas com a supervisão das educadoras.

Posteriormente ao recreio foram à casa de banho e seguiram para a sala. A educadora começou por mostrar no quadro diferentes imagens que formavam um quarto. De seguida, explicou que veio um gato e desarrumou tudo e pediu aos alunos que a ajudassem a arrumar novamente no quadro as imagens corretamente, fazendo a respetiva orientação, nomeadamente a cama ao centro, uma mesa-de-cabeceira no lado esquerdo e outra no lado direito, entre outros.

Após a aula, os alunos foram à casa de banho e regressaram para a sala para colocar os babetes e irem almoçar.

Depois de almoço foram fazer a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

O momento da manhã que considero mais relevante para inferir refere-se à aula de música. Durante esta os alunos estiveram sempre atentos e participativos, pois o professor de música desenvolve nas suas aulas a curiosidade, fazendo inflexões de voz brincando com os alunos. É visível, durante toda a aula, a alegria da turma, o gosto pelo que estão a fazer e a envolvimento.

Segundo Moreira (2004), “A frequência das sessões de Expressão Musical é encarada pela maioria das crianças com entusiasmo” (p.110). O mesmo autor diz-nos que as crianças “através desta forma de vivenciar a música, desenvolvem a sua coordenação motora” (p.10). Hohman e Weikart (2011) dizem que “As crianças em idade Pré-Escolar gostam de cantar melodias de todo o tipo” (p.670).

Foi muito gratificante observar o relacionamento que as crianças têm com o professor de música, e a sua envolvimento em toda a atividade.

11 de janeiro de 2011

A manhã teve início com o acolhimento no salão, posteriormente os alunos seguiram para as respetivas salas para começarem as atividades letivas.

Os alunos começaram por se sentar nos respetivos lugares à roda das mesas. A educadora colocou em cima de cada mesa o material manipulativo Blocos Lógicos e as linhas fronteiras. Dialogando com estes, foi fazendo a exploração do material, nomeadamente, a forma, as cores, o tamanho, questionando-os sobre quais as figuras da fase das peças. Depois, pediu aos alunos para fazerem diferentes conjuntos, respeitando os atributos cor, forma, entre outros.

Seguidamente os alunos foram para o recreio brincar livremente. Depois do recreio foram para a sala e a educadora iniciou a atividade com o tema “Sistema Solar”. A educadora começou por colocar um papel na parede, levou os alunos a imaginarem que estavam a viajar até ao espaço, colocaram os capacetes imaginários e vestiram os fatos e teve início a viagem. Começaram por seguir a ordem dos planetas, colocando imagens dos planetas no papel de parede, por ordem de proximidade do Sol.

Depois da atividade levantaram-se, colocaram os babetes, cantaram uma música e seguiram em comboio para o refeitório. Depois de almoço foram dormir.

Inferência/ Fundamentação teórica

O material manipulativo Blocos Lógicos é encarado como um material que ajuda a criança a criar a noção do tamanho, da espessura, forma e cor. Com este material segundo Dienes e Golding (s.d. citado em Caldeira, 2009), pretendia-se que as crianças “realizassem atividades, que desenvolvessem, através de actividades lúdicas, a construção de estruturas lógicas” (p.363).

Assim, a educadora ao utilizar este material pode não só trabalhar as noções em cima apresentadas, como também as combinações. A educadora, enquanto realizava os exercícios com os alunos, envolveu-os num ambiente de magia.

Para Simons (2007, citado em Caldeira, 2009), “(...) os blocos lógicos são um instrumento muito rico para aqueles que desejam mediar o desenvolvimento do sujeito e estão em busca de estratégias que lhe permitam o seu enriquecimento” (p.365).

14 de janeiro de 2011

Os alunos começaram a manhã com uma atividade de Matemática, em que a educadora entregou a cada aluno plasticina e pediu para fazerem bolas com diferentes cores. De seguida solicitou que estes colocassem as diferentes bolas nos locais que esta ia dizendo, por exemplo: coloquem a bola do lado direito, coloquem uma bola no meio, coloquem uma bola no canto inferior. Deste modo, ia trabalhando a lateralidade e o domínio espaço-temporal.

Depois dos diferentes exercícios matemáticos, os alunos sentaram-se em semicírculo e a educadora começou por ler a história *O leão e o rato*. Enquanto fazia a leitura da história interagiu com os alunos, levando-os a representar diferentes personagens e sons.

Inferência/ Fundamentação teórica

Na aula de Matemática os alunos trabalharam a noção de espaço, através dos exercícios propostos pela educadora. É muito importante nas crianças mais pequenas criar a noção de espaço para que estas mais tarde desenvolvam outras competências matemáticas fundamentais. Segundo Piaget e Inhelder (1956, citado em Hohmann e Weikart, 2011), “(...) as relações espaciais são fundamentais, pois as crianças de idade Pré-Escolar estão a começar a ficar conhecedoras do mesmo” (p.737). Os mesmos autores ainda afirmam que “o espaço de uma criança é essencialmente de natureza activa e operacional” (p.737).

É muito importante que os educadores tomem consciência que a noção de espaço que as crianças têm, vem das suas experiências e ações. Com a atividade proposta pela educadora, os alunos trabalharam este conceito sem saberem que o estavam a fazer.

17 de janeiro de 2011

Durante a manhã não estivemos no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, porque fomos para a reunião de Estágio, no Museu da ESE para avaliação do último momento de estágio, assim como para esclarecimento de dúvidas sobre a classificação dos diferentes parâmetros e critérios de que fomos alvo.

Alguns colegas colocaram questões relacionadas com as aulas, assim como sobre o Relatório Profissional. Depois as professoras leram as avaliações de cada aluno e, no fim, foi-nos entregue a folha de avaliação.

Inferência/ Fundamentação teórica

As reuniões de Estágio são importantes para refletirmos sobre as nossas práticas e as práticas dos nossos colegas, como forma de melhorarmos e aprendermos com professores mais experientes e com outra visão. Segundo Alarcão (2008), “A supervisão, como processo enquadrador da formação, tem como função proporcionar e rendibilizar experiências diversificadas em contextos diferentes originando interações, experiências e transições ecológicas, que se constituem em etapas de desenvolvimento formativo” (p.19).

18 de janeiro de 2011

O dia começou com o acolhimento no salão. De seguida, os alunos seguiram para a sala e sentaram-se nos respetivos lugares para iniciarem a atividade de Matemática com o material manipulativo palhinhas. Depois a educadora começou por contar a história da *Teresa e do Sebastião*, inventada por esta, utilizando duas imagens de meninos. Estes meninos foram ao Jardim-Zoológico e quando lá chegaram viram três leões, representando cada aluno com as palhinhas o número de leões que viram; de seguida viram mais dois leões, quantos viram no total? – perguntou a educadora. De seguida, solicitou aos alunos que imaginassem que estavam a tirar fotografias aos animais. Em cada fotografia por eles tirada, ia fazendo situações problemáticas.

Depois sentaram-se em semicírculo e a educadora começou por fazer a leitura da história *O Pedro e a lua* de Helena Simas. Enquanto esta contava, os alunos interagiam com gestos e sons presentes na história, participando no desenvolvimento da mesma.

Posteriormente os alunos fizeram o comboio, cantaram uma música e seguiram para o refeitório para almoçar. Depois de almoço foram dormir a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

Utilizando a história da *Teresa e do Sebastião* que foram ao Jardim Zoológico, a educadora trabalhou com os alunos a noção de número, utilizando o material manipulativo não estruturado palhinhas. Segundo Hohmann e Weikart (2011), “Através das suas interações com as pessoas e com os materiais as crianças de idade Pré-Escolar começam a construir o seu conceito operativo de número” (p.717).

Enquanto os alunos desenvolviam as situações problemáticas a educadora ia criando mais complexidade nos exercícios apresentados consoante a resposta dos alunos, ou seja, quando estes demonstravam estar a perceber, esta avançava.

A educadora pediu às estagiárias para arrumarem o material utilizado. No entanto, considero uma mais-valia que os alunos arrumem como forma de aprenderem com a ação, vendo os locais onde devem colocar o mesmo.

De acordo com Vasconcelos (2005), “Quando as crianças arrumam o material aprendem que cada conjunto tem lugar próprio para ser guardado e que essa arrumação se baseia num critério específico” (p.59).

21 de janeiro de 2011

A educadora começou a manhã por colocar três lagos feitos em plástico no chão e sentar os alunos em semicírculo. De seguida escolheu um aluno e deu-lhe uma cana, e este tinha de apanhar o número de peixes que esta indicava. O exercício repetiu-se e todos os alunos resolveram e participaram numa situação problemática (noção de par, ímpar, grande, médio e pequeno, divisão).

Posteriormente os alunos foram para o recreio onde brincaram livremente com a supervisão das educadoras e das alunas estagiárias. Brincaram nos baloiços, ao faz de conta, a fazer corridas, assim como brincaram com alguns brinquedos que trouxeram de casa.

Regressados à sala sentaram-se em semicírculo e a educadora escolheu dois meninos, um para ser o planeta Terra e outro para ser o Sol. Começou por explicar o movimento de translação e o movimento de rotação. Em simultâneo solicitou aos meninos que se encontravam no meio para representarem o movimento por ela explicado. Para finalizar a atividade dialogou com os alunos sobre o que estavam a observar e ensinou a música dos planetas, fazendo a identificação dos mesmos. Estes cantaram algumas vezes a música e foram almoçar, seguindo para a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

Na atividade de iniciação à Matemática a educadora, ao utilizar material não estruturado, ajudou os alunos a terem uma visão do que esta queria ensinar, nomeadamente a noção de médio, grande e pequeno. Segundo Vasconcelos (2005) “As crianças compreendem muito cedo a noção de «maior do que»”(p.58). As crianças, ao colocarem nos lugares o que a educadora solicitava, aprenderam a seriar e a comparar os tamanhos.

A educadora foi muito criativa nos materiais que utilizou para desenvolver os conteúdos matemáticos, diversificando e criando sempre o interesse das crianças, levando-as a ter gosto e vontade de aprender e participar.

24 de janeiro de 2011

A manhã teve início com o acolhimento na sala do Bibe Amarelo com as duas turmas. Depois chegou o professor de música que iniciou a aula. Cantaram músicas já conhecidas pelos alunos e outras novas, assim como reproduziram sons que o professor indicava, seguindo do mais simples para o mais complexo. Quando terminou a aula, os alunos fizeram comboio e seguiram para o recreio.

De seguida, a turma do Bibe Amarelo A foi para a sua sala para recomeçar as atividades. Posteriormente as crianças sentaram-se em semicírculo e a educadora começou por ler a história *A que sabe a lua* escrita por Michael Grejniec. No desenrolar da história os alunos participaram com sons e gestos que a educadora lhes pedia. Após a leitura e diálogo com os alunos, estes foram para o refeitório almoçar, e posteriormente regressaram para a sala para dormir a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a história os alunos participaram muito, pois esta levou-os ao mundo do imaginário e da fantasia, fazendo inflexões de voz e gestos que estimularam a sua atenção. De acordo com Bertalot (2002), “As histórias do mundo da fantasia, do popular, dos contos de fadas, das letras e das fábulas em todos os tempos formaram o carácter, a imaginação e a confiança” (p.13).

É importante na Educação Pré-Escolar levar os alunos ao contacto com histórias e com o mundo do “era uma vez”, pois estas desenvolvem a linguagem oral e o imaginário. Segundo Bertalot (2002), “A linguagem, inicialmente a linguagem oral e posteriormente também a escrita, torna-se o meio mais importante para o despertar e o desenvolvimento da personalidade” (p.9). Como refere o mesmo autor, só se torna possível alfabetizar uma criança quando penetramos na alma dela, sendo a alma dela a fantasia.

25 de janeiro de 2011

Os alunos começaram por se sentar nas mesas nos respetivos lugares, depois a educadora entregou a cada um, palhinhas e começou por contar uma história, em que entravam árvores de fruto, maçãs e laranjas. As palhinhas representavam um dos objetos consoante a sua cor, sendo esta previamente dita pela educadora, e os alunos calculavam o número de maçãs que se encontravam nas árvores, assim como o

número de laranjas. A educadora realizou com os alunos algumas situações problemáticas fazendo a respetiva representação no quadro para uma melhor visualização.

De seguida foram para o recreio brincar e comer as bolachas.

Posteriormente foram para a sala e a educadora dividiu a turma em dois grupos, um grupo foi fazer plasticina e os restantes foram fazer um desenho livre numa folha A3 com tintas. Depois os grupos trocaram, os que estavam na plasticina foram pintar e os que estavam nas pinturas foram fazer plasticina. De seguida, foram lavar as mãos e seguiram para o refeitório para almoçar.

Inferência/ Fundamentação teórica

Este dia em particular marcou-me muito, pois foi o único dia em que tive a possibilidade de observar as crianças a fazerem os seus desenhos de uma forma livre e criadora, podendo desenhar tudo o que estavam a pensar e a sentir. De acordo com Cordeiro (2010), é importante “(...) conseguir arranjar formas de «abrir gavetas» e pensar, conceber, esboçar, planejar, construir e finalizar a obra” (p.330).

O educador ao longo da sua prática diária com a sua turma deve fomentar momentos em que estas utilizem a criatividade, pois sem ela serão crianças muito limitadas no 1º Ciclo do Ensino Básico para fazer desenhos ou mesmo expressões escritas.

29 de janeiro de 2011

Hoje a Jani deu a sua aula programada sobre o tema das profissões. Ela falou da florista.

Iniciou com a estimulação à leitura, lendo e dinamizando a história *Seja como flor* de Mariacinha Gonçalves. Depois da leitura, os alunos recontaram a mesma utilizando imagens que iam colocando cronologicamente.

De seguida, iniciou a Área de Conhecimento do Mundo, levando os alunos a descobrirem o tema, através de questões dirigidas. Foi mostrando os utensílios utilizados pela florista, levando-os a fazerem a identificação dos mesmos, nomeadamente: luvas, borrifador, flores, tesoura, entre outros. Depois da explicação cada aluno teve de imaginar que era florista e, utilizando material previamente distribuído, construíram o seu próprio ramo de flores. Para finalizar a atividade cada menino ao som da música “Uma flor”, entregou o seu ramo a um amigo da sala.

Depois os alunos voltaram para o seu lugar nas mesas e a Jani entregou flores em papel a cada aluno e realizou algumas situações problemáticas utilizando somas e subtrações.

A Jani terminou a sua manhã de atividades a cantar novamente com os alunos a música “Uma flor”, levando-os seguidamente para o refeitório.

Inferência/ Fundamentação teórica

Ao aprenderem sobre as profissões os alunos começam a ter uma noção do mundo que os rodeia, começando por ter uma noção das profissões dos seus pais e dos pais dos restantes colegas. Este facto ajuda-os a conhecer e a alargar os seus horizontes em relação à sociedade.

Cabe ao educador criar momentos em que a criança observa a vida dos adultos, para que esta valorize o papel dos pais. As ciências/Conhecimento do Mundo na Educação de Infância segundo Vasconcelos (2005), “(...) oferecem oportunidades ricas e variadas para aprender e tirar partido do interesse que as crianças pequenas manifestam pelo mundo à sua volta” (p.71). Muitas das crianças aprendem a conhecer tudo o que se passa à sua volta valorizando o próximo e o outro respeitando-o como ele é e não com o que ele faz. De acordo com Urra (2007), “Os valores cívicos partem do respeito ao próximo” (p.133). O educador tem um papel importante no desenvolvimento humano da criança, pois é com este que a criança passa a maior parte do tempo.

31 de janeiro de 2011

A manhã de atividades foi dinamizada pela minha colega de estágio Alexandra, com a profissão de apicultor.

Iniciou a sua manhã de atividade com a dinamização da leitura, lendo a história *O Ciclo do Mel*, escrito por Cristina Quental e Mariana Magalhães, da coleção, Onde vamos hoje. Enquanto fazia a leitura da mesma, dialogou com os alunos acerca dos acontecimentos importantes que iam ocorrendo, explorando as vivências das crianças.

Após a leitura da história teve início a aula de música até à hora do recreio.

Posteriormente, e para finalização da atividade, os alunos provaram o mel.

De seguida, iniciou a atividade de Matemática sentando os alunos nos respetivos lugares, entregando a cada um abelhas em papel de diferentes cores e tamanhos. Fez algumas situações problemáticas com a noção de grande, médio e pequeno, agrupando as abelhas por cores. Fez ainda cálculos de adicionar, explorou a noção da adição.

Inferência/ Fundamentação teórica

A hora do conto é muito importante para fomentar na criança o gosto pela leitura e o desenvolvimento do vocabulário. Todas as manhãs, depois de conversar com os alunos, a educadora lê uma história. Este era o momento em que os alunos estavam completamente enfeitiçados com toda a magia que a história proporcionava. Segundo Gomes (2000), "(...) a defesa da hora do conto na perspectiva de contador/leitor visa sensibilizar para a importância destas práticas no desenvolvimento das competências da leitura" (p.38).

1 de fevereiro de 2011

A manhã iniciou com o acolhimento na sala com as duas turmas, onde os alunos cantaram e dançaram algumas músicas já suas conhecidas.

Depois seguiram para o ginásio onde assistiram ao concerto com o grupo "Flor de Lis". O grupo cantou algumas músicas infantis que os alunos não conheciam, pedindo alguma interação dos mesmos, levando-os a participar de uma forma dinâmica, com gestos, palmas e sons previamente indicados pelo grupo.

Posteriormente foram para o recreio, onde brincaram livremente até à hora de almoço, seguindo-se a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a manhã de estágio, é de salientar a forma como os alunos interagiram uns com os outros, durante as suas brincadeiras livres no recreio. Observei que estes criam grupos de brincadeira, tanto com os colegas de turma como com os de outras turmas, brincando livremente ao "faz-de-conta", ou com brinquedos que levam de casa. De acordo com Canavarro, Pereira e Pascoal (2001), "(...) as relações entre pares contribuem de forma única para o crescimento do indivíduo" (p.31). Os mesmos autores afirmam que estas "(...) promovem a capacidade para o estabelecimento das relações interpessoais, o desenvolvimento do controlo social, a aquisição de valores sociais, o comportamento cooperativo e competitivo" (p.31).

É muito importante a relação que os alunos têm uns com os outros e com os educadores, pois isso ajuda-os a ter confiança em si mesmo e no próximo e a desenvolver competências. Serão fundamentais ao seu crescimento harmonioso enquanto ser social.

4 de fevereiro de 2011

O dia de atividades foi dinamizado por mim, onde abordei a profissão de médico.

Comecei por pedir a alguns alunos para me ajudarem com sombras chinesas a contar a história *Os três porquinhos* da coleção *Historias de Encantar – 1.2.3. Aprender é Divertido*. Durante o desenvolvimento da história os restantes alunos colocaram uns óculos mágicos e imaginaram que estavam no cinema. Após terminar a dinamização da leitura os alunos dialogaram sobre a mesma, recontando alguns acontecimentos importantes presentes na história.

De seguida, caracterizei-me de médico, explicando que um dos porquinhos se tinha magoado. Posteriormente, caracterizei cada aluno de médico com tocas, luvas e máscaras, e simulámos algumas situações que se passam nos hospitais. Os alunos experimentaram alguns objetos e fizeram de médico, colocando pensos e ligaduras uns aos outros.

Posteriormente seguiram para o recreio para comer as bolachas e brincar livremente.

Após o recreio regressaram para a sala e sentaram-se nas mesas onde tinham uma folha A5 plastificada azul e desenhos de porquinhos. Começaram por resolver diferentes situações problemáticas utilizando os porquinhos e representando, com os mesmos, o resultado na folha. Depois de resolverem as situações problemáticas, utilizando a adição e a subtração, guardaram o material, fizeram comboio e foram para o refeitório almoçar, para de seguida irem dormir a sesta.

Inferências/ Fundamentação teórica

Ao elaborar a manhã de aulas optei por planear atividades dinâmicas em que os alunos participassem de uma forma ativa. Desta forma, optei por ler um conto tradicional por considerar que é importante ler histórias aos alunos pois estas desenvolvem a criatividade e a imaginação.

Segundo Rodari (2006), “O conto representa para a criança um abundante fornecimento de informações sobre a língua” (p.163). Segundo o mesmo autor os contos representam um conjunto de destinos em que a criança descobre alguns indícios da realidade.

Desta forma é de salientar que os alunos participaram de uma forma muito ativa na dinamização das sombras chinesas, pedindo para repetir, pois todos queriam ser as personagens e fazer a representação para os colegas.

Foi uma manhã de atividades que gostei bastante de dinamizar, assim como fazer a planificação e todo o material necessário para a mesma.

7 de fevereiro de 2011

A manhã teve início com o acolhimento no salão. De seguida os alunos seguiram para a sala e sentaram-se em semicírculo nas estrelas. A educadora começou por contar a história *O Bolinha*, de Eric Hill, dialogando com os alunos sobre a mesma.

Após a história começou a aula de Expressão Musical onde os alunos cantaram a música do bom dia, seguido de outras músicas já suas conhecidas.

Posteriormente, a turma foi para o recreio brincar livremente com os seus pares. Depois a educadora chamou a turma e regressou para a sala e os alunos sentaram-se nos respetivos lugares. A educadora entregou a cada aluno três galinhas e uma bola de plasticina: uma cor de rosa, uma branca e uma azul. De seguida, começou por contar a história de uma senhora que queria fazer um bolo e para isso necessitava de alguns ingredientes, nomeadamente ovos. A educadora continuou a contar a história fazendo diversos cálculos que os alunos iam representando com a plasticina.

Seguidamente, os alunos foram à casa de banho, colocaram os babetes e seguiram para o refeitório para almoçar. Depois de almoço foram dormir a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

A forma como a educadora transmitiu os conteúdos matemáticos que tinha preparado foi muito motivadora, cativando os alunos durante toda a atividade. Segundo Spodek e Saracho (1998), “Os professores facilitam a aprendizagem criando um ambiente propício e oferecendo experiências ao mesmo tempo relevantes e interessantes” (p.32). Os mesmos autores ainda referem que “(...) a forma de caracterizar um bom professor inclui identificar o que eles devem saber e o que devem ser capazes de fazer” (p.23).

Cabe ao educador ter consciência do que vai ensinar, partindo do interesse dos alunos de forma a motivá-los a aprender.

8 de fevereiro de 2011

A educadora iniciou a manhã com o Domínio da Matemática, fazendo interligação com a atividade do dia anterior do bolo confeccionado pela D. Joaquina. Os alunos sentaram-se e a educadora entregou a cada aluno palhinhas. Em simultâneo, fizeram a representação do número de ingredientes que a D. Joaquina utilizou no seu

bolo (história contada pela educadora no dia anterior), colocando por baixo os algarismos móveis com a respetiva quantidade.

Após o recreio seguiram para a sala. A turma foi dividida em dois grupos, alguns alunos foram pintar livremente com tintas (borrão simétrico) e os restantes elementos fizeram plasticina. Depois o grupo trocou de atividade.

Seguidamente foram à casa de banho, colocaram os babetes e foram para o refeitório almoçar, seguindo-se a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

Na Educação Pré-Escolar é fundamental o desenvolvimento de atividades de Expressão Plástica, pois estas desenvolvem nos alunos a criatividade e a destreza. Segundo Condemarim e Chadwick (1986), é importante “Realizar exercícios que tenham por finalidade o desenvolvimento da motricidade fina a nível dos movimentos do pulso, mão e dedos. Estes exercícios são destinados a desenvolver a precisão, coordenação, rapidez, distensão e controle dos gestos finos” (p.55). Foi visível na atividade da plasticina, assim como quando pintavam com pincéis este movimento do pulso e da mão.

De acordo com as OCEPE, ME (1997),

O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objetos (p.57).

Cabe, por isso ao educador proporcionar atividades que desenvolvam estas competências.

11 de fevereiro de 2011

A manhã teve início com a aula da minha colega Jani, com o tema reciclagem. Começou com o Conhecimento do Mundo, através do visionamento de alguns vídeos de desenhos animados sobre o tema.

Após o visionamento dos vídeos, a Jani dialogou com os alunos sobre o que estes viram nos mesmos e se o comportamento das personagens estava correto ou errado, o que podemos fazer para cuidar do nosso planeta. Posteriormente explicou aos alunos como fazer a separação do lixo e quais os objetos que se colocam em cada ecoponto.

De seguida, colocou três ecopontos e alguns objetos. Os alunos tiveram de colocar os objetos escolhidos no respetivo ecoponto, explicando o porquê de escolherem um e não outro ecoponto.

Seguidamente os alunos foram para o recreio brincar livremente com os colegas.

Depois seguiram para a sala e sentaram-se nas mesas nos respetivos lugares. A Jani entregou a cada aluno um tabuleiro com a imagem dos ecopontos e saquinhos do lixo. De seguida esta ia fazendo algumas operações, tais como: soma e subtração, e os alunos iam colocando os sacos no tabuleiro no espaço correspondente.

Posteriormente, os alunos foram almoçar e seguiram para a sala para dormir a sesta.

Inferência/ Fundamentação teórica

A minha colega Jani deu uma aula muito criativa. Ao mostrar os vídeos despertou a curiosidade e o fascínio das crianças, pois estas gostam bastante de ver desenhos animados. Segundo Proença (1990), "(...) os diferentes audiovisuais despertam a curiosidade e sustentam o interesse do aluno, mudam as relações entre o professor e o aluno e ainda obtêm uma melhor eficácia na pedagogia" (p.107).

A Jani não optou simplesmente em mostrar os vídeos mas dialogou com os alunos sobre os mesmos, ouvindo o que estes observavam e pensavam sobre o assunto. Foi uma aula repleta de materiais motivadores e com grande interligação de conteúdos, nunca perdendo o seu fio condutor.

14 de fevereiro de 2011

Neste dia fui eu que dei a manhã de aulas com o tema dos transportes. Optei por começar com a atividade de Matemática. Para isso, caracterizei cada aluno de pirata e expliquei que o capitão Gancho tinha baralhado as pistas do mapa do tesouro e que o Peter Pan pediu aos alunos do Bibe Amarelo para o ajudarem. Mostrei o mapa e as pistas todas baralhadas. Tinha doze pistas e as respetivas imagens dos meios de transportes; através de somas e subtrações os alunos foram completando o mapa.

Posteriormente foram para o ginásio, onde dialoguei com os alunos sobre os meios de transporte e como estes se deslocam, por terra, água ou ar. De seguida, os alunos, seguindo o mapa e os caminhos previamente marcados no ginásio, foram procurar o tesouro, passando por diferentes obstáculos, trabalhando em equipa.

Após encontrar o tesouro a turma foi à casa de banho lavar as mãos, comeu as bolachas e seguiu para o recreio para brincar livremente.

Seguidamente, depois do recreio a turma regressou para a sala, onde iniciámos a atividade de Expressão Plástica. Comecei por entregar a cada aluno um carro feito com materiais reciclados (Figura 18), em que estes tiveram de a decoração do mesmo com papel celofane de diferentes cores colado ao gosto de cada um.



Figura 18 - Atividade de Expressão Plástica

Inferência/ Fundamentação teórica

Ao preparar a aula tentei criar atividades dinâmicas e um pouco diferentes do que a educadora faz habitualmente. Caracterizei-me de pirata assim como a todos os alunos, para que estes entrassem no mundo da fantasia. Quando me viram vestida de pirata questionavam-se sobre o que ia acontecer.

Gostei muito de dinamizar todas as atividades da manhã, pois verifiquei que com estas consegui criar uma relação de proximidade afetiva com os alunos. Segundo Dean, Marchesi e Martin (s.d. citado por Morgado, 2004), "(...) o estabelecimento de um clima relacional, afectivo e emocional, baseado na confiança e aceitação mútuas, parece constituir um factor extremamente contributivo para a qualidade de acção educativa." (p.97).

Mais uma vez realço que esta foi a atividade que mais gostei de desenvolver na sala do Bibe Amarelo e onde me senti mais envolvida em toda a dinâmica existente, interagindo com os alunos com entusiasmo e dedicação.

15 de fevereiro de 2011

Neste dia foi a minha colega Alexandra que dinamizou as atividades da manhã. Começou com a Área de Conhecimento do Mundo em que, através do diálogo com os alunos, levou-os a descobrir o tema da aula, nomeadamente os meios de comunicação.

Falou da carta, do telefone e da televisão. A Alexandra explicou como era constituído cada meio de comunicação fazendo a explicação dos mesmos e mostrando alguns objetos que os caracterizavam. Mostrou um envelope grande, assim como um marco de correio, explicando que era o local onde colocávamos as cartas.

De seguida os alunos sentaram-se nas mesas e cada um tinha dois envelopes cor de laranja, dois envelopes verdes e um envelope azul e a imagem de um carteiro já conhecido pelos alunos, o carteiro Paulo. De seguida, resolveu algumas situações problemáticas utilizando o material. Depois das mesmas os alunos foram para o recreio.

Posteriormente regressaram para a sala, sentaram-se nos lugares e a Alexandra entregou a cada aluno um envelope que estes decoraram colando flores de papel e uma folha em branco, onde cada um teve de construir uma carta, através de um desenho, colocar dentro do envelope, fazendo a respetiva identificação, assim como colando um selo, previamente entregue e colocaram no marco do correio.

Inferência/ Fundamentação teórica

A minha colega interligou toda a sua manhã de atividades, tendo esta um fio condutor com princípio, meio e fim. É muito importante existir interdisciplinaridade em todas as atividades ao longo do dia. Maingain e Dufour (2002) dizem-nos que a gama de práticas utilizadas “(...) têm em comum a colocação em rede de saberes e competências provenientes de diferentes campos disciplinares” (p.25). As atividades interligadas ajudaram a Alexandra na condução da aula, sendo este um aspeto positivo a apontar durante toda a manhã.

1.5. Quarta secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa (Estágio Intensivo)

O Seminário de Contacto com a Realidade Educativa iniciou-se no dia 28 de fevereiro e findou no dia 4 de março de 2011, na sala do Pré-Escolar, da Creche e Jardim-de-Infância “Morangos” em Cascais.

1.5.1. Caraterização do grupo

O grupo é heterogéneo, constituído por dezanove crianças: oito rapazes e onze raparigas. As idades das mesmas estão compreendidas entre os 3, 4 e 5 anos.

A turma é bastante autónoma em praticamente todas as atividades, sendo igualmente colaborantes nas diferentes tarefas, sem que exijam excessiva atenção dos adultos da sala. Vestem-se e comem sozinhos. Verifica-se uma grande cooperação entre eles no que diz respeito a esta matéria.

O grupo compreende um grande poder de concentração, nomeadamente a ouvir uma história, bem como manifestam sempre grande entusiasmo nas atividades em que se envolvem, quer sejam realizadas em grupo ou individualmente.

1.5.2. Caraterização do espaço

A sala dos 3, 4 e 5 anos é luminosa, tem muitas janelas viradas para a parte exterior da escola, sendo esta virada para uma avenida. Apresenta vários espaços, onde tem diferentes cantinhos, tais como: a oficina, a casinha, a biblioteca e o espaço onde são realizados todos os trabalhos manuais. Em cada um dos espaços encontram-se objetos para que os alunos brinquem ao “faz-de-conta”.

1.5.3. Rotinas

No Quadro 6 apresento um dia tipo com as atividades e horas tal qual acontecem ao longo da semana.

Quadro 6 – Horário da sala de Jardim-de-Infância

Dia Tipo
7h30/ 9h30 – Acolhimento - Brincadeira livre – Atividade Orientada
9h30/ 9h45 – Hora da fruta e Higiene
10h00 – Conversa no tapete: (Música, fantoches, jogos de atenção e concentração Histórias, lengalengas, trava-línguas poesia)
10h00/ 11h30 – Desenvolvimento das atividades (Atividades com Movimento; atividades Plásticas, expressão dramática; Jogos; música; culinária; sombras chinesas; teatro; experiências)
11h30/11h40 – Brincadeira livre / interior ou exterior Arrumar a sala
11h50/ 12h00 – Higiene
12h00/ 12h45 – Almoço
12h45/ 13h00 – Higiene (incluí a higiene dentária)
13h00/ 15h00 – Repouso
15h00 / 15h15 – Higiene
15h15 / 16h00 – Preenchimento dos quadros (História, desenho, pintura, jogos sociais, de concentração, etc.)
16h00/ 16h20 – Lanche
16h20/ 16h30 - Higiene
16h00/ 18h00 – Atividades Brincadeira livre – interior ou exterior
18h00/ 19h00 – Brincadeira Livre/ Saída

1.5.4. Relatos diários

De 28 de fevereiro a 4 de março de 2011

As manhãs de atividades iniciaram-se com o acolhimento na sala do Pré-Escolar com todas as crianças da Creche e do Jardim-de-Infância, onde os alunos brincaram livremente com a supervisão da educadora responsável pela abertura.

Às 9h30 os alunos foram para as suas salas onde comeram a fruta. Depois a educadora solicitou que estes se sentassem em roda no tapete e começou a leitura de uma história, dialogando e interagindo com os alunos sobre a mesma.

Posteriormente, os alunos foram divididos e seguiram para os cantinhos onde brincaram livremente, trocando várias vezes de espaço, consoante as indicações da educadora.

A seguir foram almoçar, fazer a higiene e dormiram a sesta até às 15h00. Depois da sesta vestiram os bibes e antes do lanche foram até aos placares respetivos colocar o tempo e o comportamento. A educadora escolheu um aluno para ir colocar os comportamentos no placar assim como o estado do tempo. Seguidamente foram lanchar e depois brincaram livremente nos cantinhos até à hora de saída.

Inferência/ Fundamentação teórica

O estágio que realizei no Infantário “Morangos” foi mais uma aprendizagem, pois contactei com outra realidade, completamente distinta da dos Jardins-Escolas João de Deus.

Saliento que os dias das crianças são muito pobres de atividades. As crianças brincam livremente nos cantinhos sem atividades estruturadas. Contudo também é de referir que a hora da história é muito privilegiada, pois todas as manhãs a educadora lê uma história e dialoga com as crianças sobre a mesma. Segundo Hohmann e Weikart (2011), “As crianças em idade Pré-Escolar divertem-se com a linguagem e tiram dela prazer quando ouvem as pessoas contar e ler histórias” (p.545). De acordo com os mesmos autores, “Talvez mais nenhuma outra atividade seja tão importante para a emergente literacia da criança do que a leitura que um adulto lhe fizer” (p.546).

É uma atividade muito importante, contudo também é necessário desenvolver outras competências, nomeadamente no Domínio da Matemática, assim como na Área do Conhecimento do Mundo. Desta forma, cabe à educadora criar momentos de aprendizagem.

1.6. Quinta secção: 3º Ano, turma A

O presente momento de estágio decorreu do dia 14 de março de 2011 a 13 de maio de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, na sala do 3º ano A com o professor Hugo.

1.6.1. Caraterização do grupo

Após análise do documento facultado pelo professor da sala do 3º ano, saliento que a turma é constituída por dezassete alunos, oito do género masculino e nove do género feminino. Os dezassete alunos têm oito anos.

A maior parte da turma revela particular interesse pelas Áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

1.6.2. Caraterização do espaço

A sala do 3º ano encontra-se inserida no 1º piso do Jardim-Escola. A sala é ampla, tem janelas por toda a parede viradas para o recreio. Neste espaço existem dezassete mesas, dispostas a pares e outras individuais. A secretária do professor encontra-se na parte de trás das mesas dos alunos.

Existe um quadro interativo e noutra parede um quadro de ardósia para escrever com giz. Nas paredes existem placares onde o professor coloca os trabalhos realizados pelos alunos.

1.6.3. Rotinas

As rotinas são momentos que se repetem com periodicidade na escola. As turmas dos quatro anos do Ensino Básico, partilham rotinas comuns, sendo estas estabelecidas pela direção da escola inseridas num horário semanal. Assim:

O **acolhimento** das turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Jardim-Escola é realizado no ginásio da escola. Quando os alunos chegam dirigem-se a esse espaço, onde convivem com os pares, assim como conversam e brincam com objetos que trazem de casa. Durante este momento os alunos descontraiem e convivem alegremente.

A **higiene** possui um papel importante tanto na Educação Pré-Escolar como nos alunos mais crescidos. Esta é feita antes e depois das refeições.

Como refere Cordeiro (2010), “A lavagem de mãos é um comportamento aprendido” (p.106). O mesmo autor ainda salienta que “É bom que, paralelamente a uma aprendizagem das regras de lavagem, por forma que sejam instintivas, se faça ver

às crianças (...) que é uma rotina diária que deverá perdurar ao longo da sua vida” (p.106). Este autor refere também que as crianças quando são mais velhas realizam o mesmo ato sozinhas, sendo controladas apenas em algumas situações.

O **recreio** é um momento privilegiado em todas as instituições escolares. Aqui os alunos têm um recreio a meio da manhã, e outro a meio da tarde, tal como as turmas da Educação Pré-Escolar. Estes ocupam alternadamente os espaços de recreio, quer seja o telheiro coberto, quer seja o recreio de exterior, descoberto.

Estes momentos são sempre supervisionados pelos professores, de um modo rotativo. Antes de iniciarem as brincadeiras comem o lanche da manhã. De acordo com Cordeiro (2010), “(...) o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo” (p.377).

As **refeições** do 1º Ciclo são realizadas na cantina da escola. A ementa encontra-se afixada à estrada, onde os pais podem ter acesso.

O **horário**, como é visível no Quadro 7, apresenta as atividades da turma ao longo do dia. As crianças têm de uma forma organizada, calendarizada e rotineira atividades de: Matemática e Língua Portuguesa durante a manhã e da parte da tarde atividades na área de Estudo do Meio, Educação Física, Música, Hora do conto, Clube de Ciências, História de Portugal e Assembleia de turma.

Quadro 7 – Horário do 3º ano

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00m 10h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h00m 11h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h00m 11h30m	----- Tempo de jogos -----				
11h30m 13h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13h00m 14h30m	----- Almoço/Recreio -----				
14h30m 15h30m	Educação Física	Estudo do Meio	História de Portugal	Inglês	Informática/ Biblioteca
15h30m 16h30m	Expressão Plástica	Música (15h20/16h10)	Estudo do Meio	Estudo do Meio	História de Portugal
16h30m 17h00m	Expressão Plástica	Hora do conto	Clube de Ciências (16h10/17h)	Área de Projeto	Assembleia de Turma
17h00m	----- Lanche -----				

1.6.4. Atividades Curriculares

A **Matemática** faz parte integrante do currículo nacional do Ensino Básico, tendo uma presença significativa em todos os ciclos de ensino, proporcionando um contacto com ideias e métodos fundamentais na matemática.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, Ministério da Educação, ME (2002), “A matemática constitui um património cultural da humanidade e um modo de pensar. A sua apropriação é um direito de todos” (p.43).

A **Língua Portuguesa** tem um papel crucial na aprendizagem, pois é a língua materna, falada pela esmagadora das pessoas do nosso país. Deste modo, é necessário garantir, a cada aluno, competências específicas no domínio do modo oral, no modo escrito e no conhecimento explícito da língua.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, ME (2002), “A Língua materna é um importante factor de identidade nacional e cultural” (p.17). A mesma fonte ainda refere que “o domínio da Língua Portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício pleno da cidadania (...)” (p.17).

O **Estudo do Meio** desempenha um papel importante na aquisição de conhecimentos. O Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, ME (2002) refere que o Estudo do Meio “desempenha um papel condicionante e determinante na vida, experiências e actividades humanas, ao mesmo tempo que sofre transformações contínuas como resultado dessa mesma actividade” (p.61). Este deverá partir da observação e análise dos fenómenos. O mesmo ainda refere que “Estudar o Meio pressupõe a emergência de componentes emocionais, afetivas e práticas de relação com ele” (p.61). Devemos proporcionar aprendizagens significativas, partindo de experiências vividas pelos alunos e na relação destes com o meio.

As aulas de **Expressão Plástica** no Jardim-Escola João de Deus são lecionadas por outra professora que não a titular de turma. Todas as turmas do 1º Ciclo têm esta atividade uma vez por semana.

Segundo a Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004), “A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de

volumes e superfícies” (p.88). A mesma fonte ainda refere que "As actividades de manipulação e exploração de diferentes materiais moldáveis deverão ser praticadas, com frequência, pelas crianças no 1º Ciclo. Amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes, a libertação das tensões e o desenvolvimento da motricidade fina” (p.89).

As aulas de **Inglês** são no período da tarde e também têm uma professora própria para esta disciplina. Esta aprendizagem é muito importante nos dias de hoje, nomeadamente como forma de proporcionar aos alunos a aprendizagem de uma segunda língua.

As aulas de **música** ocorrem uma vez por semana e são lecionadas por um professor especializado na área. Neste momento os alunos aprendem a tocar flauta, além de outros aspetos gerais da educação musical.

De acordo com a Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004),

A prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1º Ciclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando (p.65).

Estas ainda referem que “Aprender a escutar, dar nome ao que se ouve, relacionar e organizar sons e experiências realizadas, são capacidades essenciais à formação musical da criança” (p.70).

A **Educação Física** também ocorre uma vez por semana e é lecionada por um professor especializado na área.

De acordo com a Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004), “O desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a actividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstracções e operações cognitivas” (p.34).

1.6.4. Relatos diários

Neste dia teve início um novo semestre de Estágio no 1º Ciclo de Ensino Básico no 3º ano de escolaridade.

14 de março de 2011

A aula começou com a apresentação dos alunos às estagiárias, assim como a apresentação das rotinas diárias da sala de aula. De seguida iniciou-se a Área da

Língua Portuguesa com a leitura e interpretação do texto “O botão artista”. Os alunos iniciaram a leitura e de seguida o professor fez a leitura modelo. Depois e após a compreensão do texto realizaram oralmente a análise gramatical da matéria dada em aulas anteriores, tal como: análise sintática, análise morfossintática.

Para finalização da área de Língua Portuguesa os alunos fizeram o exercício ortográfico de uma parte do texto.

De seguida a turma começou a Área de Matemática com a revisão das medidas de massa, medidas de capacidade e conversões. Para sistematização dos conteúdos abordados, os alunos realizaram uma proposta de trabalho. O professor fez a leitura da ficha e o esclarecimento das dúvidas.

Inferência/ Fundamentação teórica

O professor ao trabalhar a Área de Língua Portuguesa com a leitura e interpretação de um texto, desenvolve diferentes competências nos alunos, não só de compreensão como de vocabulário. Leva-os a ter um interesse pela leitura, despertando curiosidade pelos acontecimentos desenvolvidos na história. Segundo Sim-Sim *et. al.*, (1997), “Cabe à escola proporcionar aprendizagens conducentes a uma expressão fluente e adequada nos géneros formais e público oral, que se caracterize por um vocabulário preciso e diversificado e por uma progressiva complexidade sintática” (p.29).

O professor levou a que todos os alunos fizessem em voz alta a leitura do texto. Segundo os mesmos autores, “Por leitura entende-se o processo interactivo entre o leitor e o texto” (p.27). Contudo saliento como aspeto menos positivo este só ter feito a leitura modelo depois dos alunos, sendo fundamental que esta seja feita anteriormente, para que sirva de modelo.

Durante a atividade o professor levou a que todos os alunos lessem e ao mesmo tempo foi corrigindo as palavras que estes não diziam corretamente, levando-os a perceber o erro. É importante o professor ser capaz de corrigir o aluno durante a sua aprendizagem para que este não assimile conhecimentos errados, e, por outro lado, para que este seja capaz de se autocorrigir.

15 de março de 2011

O professor começou a manhã por nos pedir para embrulhar os presentes para o Dia do Pai, enquanto este fazia a correção no quadro dos trabalhos de casa em conjunto com os alunos.

De seguida, o professor iniciou a aula de Língua Portuguesa com a leitura e interpretação de um texto. Após a mesma fez algumas perguntas sobre o texto, nomeadamente: qual o tipo de texto? Os alunos responderam que era um poema. Depois o professor fez a revisão dos constituintes deste tipo de texto. Posteriormente escreveu no quadro uma frase e os alunos fizeram a análise morfosintática das palavras sublinhadas. Depois de terminarem, a turma fez mais alguns exercícios gramaticais. Para finalização do trabalho realizaram o exercício ortográfico do primeiro parágrafo do texto, seguindo-se o recreio.

Após o recreio, dois alunos distribuíram pela turma o material manipulativo Calculadores Multibásicos. O professor começou por ditar um número por cores, onde oralmente alguns alunos escolhidos por este fizeram a leitura por classes e por ordens. Para finalizar a manhã de atividades, os alunos fizeram operações com números complexos.

Inferência/ Fundamentação teórica

O dia do Pai e da Mãe são muito vivenciados nas escolas. Os alunos ao fazerem os trabalhos para o Pai mostraram uma grande satisfação e alegria, sendo vivido de uma forma especial por toda a comunidade educativa.

Segundo Cordeiro (2010),

Os Dias do Pai e da Mãe, que alguns desconsideram, são símbolos – e, se não é por se pensar nos pais nesse dia que se respeitam, amam ou se pensa neles mais ou menos no resto do ano, a sociedade as pessoas vivem de simbologia e de rituais (p.508).

Estes trabalhos devem ser feitos pelos alunos, assim como toda a decoração do embrulho e não deve ser o adulto nem o professor a fazê-lo.

De acordo com Cordeiro (2010), “São dias de alegria” (p.508), “levam-se trabalhos para casa” (p.508). A escola deve proporcionar momentos para as crianças fazerem estes trabalhos para os pais, com entusiasmo, amor e motivação.

18 de março de 2011

Foi feito o acolhimento no ginásio com todas as turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico, onde os alunos brincaram livremente e conversaram com os colegas de turma e das outras turmas. Após o momento de descontração, cada turma seguiu para a sua sala, com o respetivo professor, para iniciarem a manhã de atividades.

Os alunos sentaram-se nos seus lugares, corrigiram os trabalhos de casa no quadro e aguardaram que chegassem os pais. Após a entrada dos mesmos, iniciaram a atividade programada. O professor espalhou pelas paredes da sala alguns cartões e

começou por fazer a explicação do jogo. Estavam divididos em duas equipas: a dos pais e a dos alunos; cada elemento da equipa tinha de escolher um cartão e resolver a tarefa que era pedida, sendo esta de análise gramatical, nomeadamente: perguntas curtas, análise morfosintática e análise sintática, conjugação verbal, entre outras. Depois do jogo os pais viram alguns trabalhos feitos pelos alunos e seguiram para o recreio, onde viram os filhos a brincar e depois foram-se embora.

Depois do recreio a turma voltou para a sala e continuou a manhã com uma proposta de trabalho de Matemática sobre circunferências, retas, tangentes, secantes e cordas, em que estes tinham que representar o que era pedido. Para finalizar a manhã, o professor fez no quadro alguns exercícios de revisão para a prova de Matemática, sendo tiradas as dúvidas e esclarecidas oralmente e no quadro as dificuldades de cada aluno.

Inferência/ Fundamentação teórica

Esta manhã foi bastante diferente. Os pais vieram à escola passar um dia com os seus filhos, no espaço onde estes fazem as suas aprendizagens, como se de alunos se tratassem.

Segundo Reis (2008), “O envolvimento parental na educação exige a compreensão das interacções complexas entre as estratégias de intervenção, a motivação dos pais, a interação familiar, a aprendizagem dos alunos, a metodologia seguida pelos professores e o próprio clima da escola” (p.38).

É importante a escola criar momentos em que a família faz parte da escola, momentos estes que possibilitem a interação entre a família, a escola, os professores e os alunos.

Perrenoud (2002, citado em Reis, 2008) refere que

(...) a educação precisa de mudar e as mudanças podem ser negociadas entre os diferentes agentes educativos, cabendo à escola o papel de as tornar mais visíveis e reais, ficando as famílias mais interessadas, próximas e conscientes da sua importância (p.38).

Esta atividade de pais foi muito divertida. Os alunos participaram com entusiasmo, assim como os familiares que compareceram. O professor, quando programou as estratégias, optou por fazer uma aula dinâmica onde os pais fossem alunos por um dia no ambiente escolar dos seus filhos. Foi muito satisfatória toda a atividade, onde todos mostraram dinamismo, prazer em participar e satisfação. Gostei muito desta atividade e penso que deviam fazer estratégias destas mais vezes pois é muito importante a participação das famílias na vida escolar dos seus educandos.

21 de março de 2011

Neste dia foi realizada a reunião de Estágio no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus com as turmas de Mestrado. As professoras começaram por esclarecer algumas dúvidas sobre a estrutura do Relatório Profissional. De seguida foi realizada oralmente a leitura das avaliações individuais de cada aluno. Após a leitura, foram entregues as avaliações e terminou a reunião.

Inferência/ Fundamentação teórica

A reunião de Estágio Profissional é um momento de partilha de opiniões, conversa sobre as práticas, culminando com a leitura e a entrega das avaliações. As reuniões devem ser encaradas como um processo formativo combinando este com a reflexão e a ação. Segundo Alarcão (1992, citado em Rangel *et. al.*, 2008), “O processo formativo combina a acção, ou seja, reflexão, dialogando sobre o observado e o vivido segundo uma metodologia do aprender a fazer fazendo, que conduz à construção activa do conhecimento na acção” (p.26). De acordo com os mesmos autores, “A supervisão promove na formação dos docentes: relação entre a teoria e a prática, investigação e acção” (p.16). Na minha opinião, estas reuniões servem para melhorarmos as nossas práticas, baseando-nos no que foi dito, tentando fazer cada vez melhor.

22 de março de 2011

A manhã teve início com a realização da ficha de avaliação de Matemática. Os alunos sentaram-se nos seus lugares e o professor começou por entregar a cada aluno a proposta de trabalho. De seguida, fez a leitura do enunciado, esclarecendo alguma dúvida.

Como a turma estava a realizar a ficha de avaliação, nós fomos assistir à aula programada do nosso colega de estágio na outra turma do 3º ano. O João começou a sua aula com a leitura e interpretação de um texto, seguindo-se a análise gramatical em que trabalhou a análise sintática de uma frase e a análise morfossintática das palavras dessa mesma frase.

Posteriormente projetou um *powerpoint* e, dialogando com os alunos, fez a explicação da cadeia alimentar dos animais, quais as características e como se organiza, ou seja, o motivo pelo qual está estruturada como uma cadeia, explicando a sua divisão. Para finalizar a sua aula realizou no quadro algumas situações problemáticas, com os alunos

Após o recreio voltámos para a nossa sala. A turma estava a realizar exercícios de Língua Portuguesa: classificação de palavras quanto ao número de sílabas,

classificação de palavras quanto à sua formação e por fim classificação de palavras quanto à acentuação.

Inferência/ Fundamentação teórica

Como referi anteriormente os alunos realizaram a ficha de avaliação de Matemática.

Segundo o Despacho Normativo 338/93 (citado em Pais e Monteiro, 2002),

A avaliação é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo (p.43).

O professor ao aplicar aos alunos as fichas de avaliação pode observar se o aluno apreendeu os conteúdos pretendidos. Após análise e correção dos testes pode tirar as dúvidas aos alunos. Pais e Monteiro (2002) consideram que “a avaliação deve ser orientada fundamentalmente para a regulação contínua e, tanto quanto possível, individualizada da aprendizagem dos alunos” (p.43). Nunziati (sd. citado em Pais e Monteiro, 2002) refere que “a avaliação formadora constitui um percurso de avaliação conduzido por aquele que aprende e é um instrumento de construção dos conhecimentos que o aluno precisa adquirir” (p.44).

Deste modo, os testes formativos, ajudam o professor a regular a ação pedagógica e a aprendizagem dos alunos.

25 de março de 2011

Após acolhimento no ginásio com todas as turmas do 1º Ciclo, estas seguiram para as suas salas para início das atividades letivas. Posteriormente os alunos sentaram-se nos seus lugares e começaram por retirar o dossiê de casa para correção dos trabalhos.

Seguidamente, o professor solicitou à minha colega Ana se esta queria trabalhar com os alunos a Área de Língua Portuguesa. Anuindo, esta começou por fazer a leitura modelo do texto: “Portugal dos pequeninos” (manual escolar). Após a mesma solicitou a alguns alunos para lerem o texto. Enquanto estes liam, o professor fazia a avaliação da leitura. A Ana, depois da avaliação da leitura, começou por fazer a análise gramatical, nomeadamente análise sintática no quadro de algumas frases, assim como análise morfossintática de palavras selecionadas pela mesma. Seguindo-se o exercício ortográfico para finalização das atividades de Língua Portuguesa. Depois de terminarem a atividade foram para o recreio brincar livremente com os colegas de turma e com os colegas de outras turmas.

Posteriormente, foram para a sala onde iniciaram a atividade de Matemática. O professor começou por entregar uma proposta de trabalho a cada aluno. Estes começaram a realizá-la, seguindo-se a sua correção no quadro.

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia é importante salientar a leitura e a análise gramatical. A leitura é algo que é adquirido no processo de ensino aprendizagem, em que o aluno ao longo dos anos vai melhorando e adquirindo melhores competências e fluidez na leitura. Como refere Sim-Sim *et. al.*, (1997), a leitura “não é nem uma actividade natural, nem de aquisição espontânea e Universal. O seu domínio exige um ensino que não se esgota na aprendizagem ainda que imprescindível, de tradução letra-som” (p.27).

Em outra perspetiva também devemos ter em atenção a importância da aprendizagem da gramática, que é muito trabalhada no ensino básico. De acordo com os mesmos autores, “Ensinar gramática no 1º Ciclo visa desenvolver a consciência linguística das crianças, a qual, ao longo do seu percurso escolar, evoluirá para o estágio do conhecimento explícito” (p.18). Os mesmos autores ainda referem que “no contexto educativo, o termo “gramática” tem uma conceção alargada, designando tanto o estudo do conhecimento intuitivo, como os princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse conhecimento” (p.17).

Deste modo, é importante desde o início do 1º Ciclo o professor ensinar conteúdos gramaticais, pois estes ajudam o aluno na compreensão da língua materna.

28 de março de 2011

O professor começou a manhã com revisões e esclarecimentos de dúvidas para a prova de Língua Portuguesa. De seguida e, para uma melhor compreensão das dúvidas presentes, o professor passou no quadro alguns exercícios gramaticais que os alunos resolveram nas suas folhas, seguindo-se a correção no quadro. As revisões prolongaram-se até à hora do recreio.

Posteriormente, os alunos regressaram para a sala e o professor entregou uma proposta de trabalho a cada um, esta tinha exercícios com leitura de números, situações problemáticas e outros com combinações (probabilidades). A turma realizou individualmente os exercícios e depois o professor solicitou a alguns alunos para realizarem a correção no quadro para uma melhor sistematização do que era pedido, assim como para que estes fizessem a correção do que tivessem errado. Depois da realização dos exercícios os alunos foram para o refeitório almoçar.

Inferência/ Fundamentação teórica

O que considerei importante referir neste dia foi a aula de Matemática onde os alunos fizeram a revisão de conteúdos aprendidos em aulas anteriores, assim como, resolveram situações problemáticas todas elas com uma evolução de dificuldade, levando a que fosse necessário que o professor fizesse a explicação no quadro das mesmas. Segundo Palhares (2004), “A grande finalidade da matemática escolar é desenvolver nos alunos capacidades para usar a matemática eficazmente na sua vida diária” (p.7).

Alguns elementos da turma apresentam dificuldades na aprendizagem dos conteúdos de Matemática, pois os conhecimentos anteriores que estes já traziam não estavam completamente adquiridos e consolidados pelos alunos. De acordo com Grosso e Ruas (2002), “(...) as ideias matemáticas que as crianças adquirem nos primeiros anos e a forma como se desenvolvem as actividades de aprendizagem são fundamentais” (p.4).

É visível o trabalho que o professor faz com estes alunos, tentando criar estratégias que melhorem as dificuldades, levando a que os alunos aprendam de um modo satisfatório. Sprinthall e Sprinthall (1990) dizem que “Os professores proporcionam as condições para a aprendizagem na sala de aula não só através do que dizem, mas também através do que fazem” (256).

29 de março de 2011

Após entrada na sala, o professor entregou a cada aluno a ficha de avaliação de Língua Portuguesa. De seguida, este começou por fazer a leitura da prova, assim como esclarecimento de algumas dúvidas presentes. Depois os alunos iniciaram a prova e nós fomos para a biblioteca para avaliação de aulas assistidas e aulas surpresa realizadas na semana anterior.

A reunião começou com a opinião dos alunos estagiários sobre a sua aula, de seguida a professora cooperante deu a sua opinião, seguindo-se a avaliação das professoras da equipa da supervisão pedagógica. Após a avaliação de todas as aulas, terminou a manhã de estágio.

Inferência/ Fundamentação teórica

Nesta turma existe uma criança com dificuldades de aprendizagem, nomeadamente na Área de Língua Portuguesa, ao nível da leitura e da escrita, assim como na compreensão oral e escrita. Neste dia os alunos fizeram teste de Língua

Portuguesa e o professor entregou ao aluno uma ficha diferente, tendo sido solicitado à minha colega de estágio que o ajudasse na leitura e compreensão da mesma.

Torna-se fundamental que o professor esteja atento à dificuldade de aprendizagem dos seus alunos, de forma a conseguir colmatá-las, criando uma aprendizagem mais significativa. Fonseca (2008) considera que “toda a ação educativa que se centra no aluno, respeitando os seus interesses, necessidades e ritmos, como pessoas únicas, através da diferenciação pedagógica, promove experiências de aprendizagem activas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras.” (p.54).

Foi notável todo o trabalho desenvolvido pelo professor para integrar a aluna na aprendizagem, fazendo com que esta não se sinta inferiorizada por não saber, mas levando a que esta participe ativamente em todas as atividades, sendo um fator fundamental para desenvolver a sua aprendizagem, mesmo que esta seja realizada de uma forma mais lenta. O professor conhece toda a sua turma, cada um como ser individual.

1 de abril de 2011

Os alunos começaram por retirar o dossiê de casa e fazer oralmente a correção dos trabalhos. O professor retirou todas as dúvidas que lhe foram apresentadas.

Depois iniciou a atividade de Matemática. Entregou a cada aluno uma caixa do 5º Dom de Froebel, começando por explicar o que se entende por uma fração, o que é o numerador, o denominador e o traço de fração, explicando a sua função. Para sistematização da matéria dada os alunos realizaram alguns exercícios de aplicação, nomeadamente soma de frações com o mesmo denominador. Posteriormente, fizeram a construção do poço com o 5º Dom, enquanto o professor representava no quadro com um *powerpoint* todos os passos para fazer a mesma. De seguida, os alunos foram para o recreio.

Após o mesmo, o professor disse as notas dos testes de Língua Portuguesa e fizeram no quadro a correção do mesmo, esclarecendo as dúvidas que estes tiveram enquanto resolviam o teste. Depois foram para o refeitório almoçar.

Inferência/ Fundamentação teórica

O 5º Dom de Froebel é um material manipulativo muito utilizado no Jardim-Escola João de Deus no Ensino Básico. Com este material os alunos fazem construções, assim como aprendem de uma forma lúdica diferentes conceitos. Caldeira (2009) enumera vários conceitos que se podem trabalhar através do 5º Dom:

Lateralidade, equilíbrio, noção espacial, contagem, raciocínio lógico, cálculo mental, números racionais, situações problemáticas, criatividade e construções.

Por outro lado este material, segundo a mesma autora, “(...) permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre números racionais” (p.302). Este material também permite a aprendizagem de frações de uma forma lúdica e criativa.

Os alunos ao trabalharem com este material mostram uma grande motivação e empenho em fazer as aprendizagens. Segundo as Normas (1991, citado em Caldeira, 2009), “(...) é importante que usem materiais manipuláveis, diagramas e situações do mundo real em conjunção com esforços progressivos para descrever as suas experiências de aprendizagem, por meio da linguagem oral e de símbolos” (p.303). Caldeira (2009) ainda salienta que “As crianças com o 5º Dom de Froebel, desenvolvem o sentido do número e facilmente constataam que $\frac{1}{2}$ representa a mesma porção que $\frac{2}{4}$, podendo perceber o que são fracções equivalentes” (p.303).

4 de abril de 2011

A manhã de aulas foi dinamizada por mim. Iniciei as atividades com a Área de Estudo do Meio. Fiz uma breve explicação da classe dos anfíbios com o auxílio de um *powerpoint*, dialogando com os alunos. Mostrei uma rã albina e expliquei as características da mesma e a sua evolução ao longo da vida. Para sistematização dos conteúdos dados os alunos realizaram uma proposta de trabalho.

De seguida, na Área de Língua Portuguesa, os alunos fizeram a leitura do texto *A lição de bruxaria*. Depois expliquei os determinantes numerais fracionários e os determinantes numerais multiplicativos, referindo as características dos mesmos. Após explicação entreguei a cada aluno uma proposta de trabalho.

Por fim dei aula de Matemática, comecei por dividir a turma em grupos à volta de um tabuleiro de jogo, com a respetiva identificação. Após explicação do jogo as equipas tinham de responder a diferentes desafios e resolver situações problemáticas. O jogo terminou quando as equipas conseguiram alcançar a casa da chegada.

Inferência/ Fundamentação teórica

Nesta aula optei por levar um animal verdadeiro para trabalhar a Área de Estudo do Meio, para que os alunos após a explicação dos conceitos teóricos, conseguissem visionar um animal pertencente a esta classe. Apesar de ser um ambiente stressante para o animal, considero fundamental ter levado os alunos a perceber os conceitos, visionando a realidade. Segundo Catita (2007), “(...) talvez a relação intelectual que as

crianças destas idades têm com os animais seja semelhante àquele que os nossos antepassados tinham há milhares de anos” (p.66). A mesma autora ainda refere que

(...) no fundo, não se pretende a promoção do saber enciclopédico nas crianças, mas sim, desenvolver nelas a capacidade e o desejo de experimentar, observar, dialogar e descrever sobre o que se observou, descobrir e estimular a vontade do saber mais (p.6).

Os alunos ao terem contacto com o animal mostraram uma grande satisfação, pois não é um animal muito comum. Penso que os conteúdos abordados foram compreendidos.

5 de abril de 2011

A minha colega de estágio teve aula surpresa na Área da Matemática, onde foi proposto que utilizasse o material manipulativo Cuisenaire, com o tema multiplicação. Começou por pedir aos alunos para abrirem a caixa e construírem a escada por ordem crescente e por ordem decrescente. De seguida explicou como se fazia a multiplicação com o Cuisenaire, realizando diferentes exercícios de aplicação.

De seguida os alunos fizeram situações problemáticas utilizando o dinheiro. Depois da aula da Jani fomos para a turma do 1º ano assistir à aula lecionada por uma estagiária, que deu a soma com transporte, utilizando o material manipulativo Calculadores Multibásicos. Os alunos começaram por dizer as regras da utilização do material, assim como a revisão do valor das diferentes peças. Depois ditou diferentes números que os alunos leram por ordens e por classes. De seguida realizaram uma situação problemática utilizando a soma com transporte.

Após as aulas surpresa fomos para a reunião de avaliação, onde as colegas de estágio deram a sua opinião sobre as aulas assistidas, assim como as Professoras da Supervisão Pedagógica.

Inferência/ Fundamentação teórica

Os Calculadores Multibásicos são um material muito utilizado no Jardim-Escola João de Deus, no 1º Ciclo do Ensino Básico. Com este material os alunos desenvolvem diferentes conteúdos matemáticos, de um modo dinâmico e ativo. Segundo Nabais (1986, citado em Caldeira, 2009), os Calculadores Multibásicos são “(...) um material polivalente para a descoberta da matemática (...) Ideal para a introdução da criança na numeração (diferentes bases), bem como no algoritmo das operações aritméticas”. (p.61).

Nabais (1986, citado em Caldeira, 2009) defendeu que “(...) a verdade matemática deve saltar dos dedos dos alunos, através de múltiplas e variadas experiências” (p.188).

Caldeira (2009) refere-se aos Calculadores Multibásicos nomeadamente sobre o “jogo das torres”, propedêutica da soma com transporte da base decimal dizendo que

Este jogo pode ser explorado durante o tempo que o professor achar conveniente e sempre que considere necessário. Tem como finalidade os alunos adquirirem determinadas noções, nomeadamente a de saber o furo a que corresponde cada cor e quantos elementos tem cada torre (p.190).

Os alunos com este material aprendem vários conteúdos matemáticos, tais como: leitura de números, operações aritméticas e provas, entre outros. Os alunos sentem prazer quando utilizam este material e mostram gosto e satisfação em fazerem as aprendizagens inerentes à sua manipulação.

8 de abril de 2011

O dia começou com a aula de Estudo do Meio da colega Ana. O tema era: os peixes. Iniciou com a visualização de um *powerpoint* sobre a classe dos peixes e suas características. De seguida abriu um peixe onde mostrou as características do mesmo assim como as diferentes partes. Após explicação e conclusão do tema, passou para a Área de Língua Portuguesa com a leitura e interpretação do excerto do texto *O segredo do rio* de Miguel Sousa Tavares.

De seguida fez a análise sintáticas de algumas frases e a análise morfossintática de algumas palavras. Depois de realizar diferentes exercícios de matéria dada em aulas anteriores a turma foi para o recreio onde brincou livremente.

Após o recreio iniciou a aula de Matemática com o tema das frações. Começou por fazer alguns exercícios de revisão, assim como o esclarecimento de dúvidas existentes. De seguida os alunos aprenderam a construir o peixe com o material manipulativo 5º dom de Froebel, seguindo para a realização de duas situações problemáticas utilizando a construção realizada.

Inferência/ Fundamentação teórica

O Estudo do Meio é uma área importante no ensino, pois baseia-se em experiências e conhecimentos vivenciados pelos alunos. Segundo a Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004), “Todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulados ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia” (p.99). Deste modo, é importante a

escola valorizar e reforçar essas experiências e saberes de modo a que os alunos realizem aprendizagens mais complexas.

De acordo com a Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004), “O meio local, espaço vivido, deverá ser o objecto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta” (p.99).

O Estudo do Meio não só desenvolve as competências já sabidas pelos alunos, assim como os leva a contactar e a experimentar aspetos do mundo que a rodeiam. Este é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas, nomeadamente, História, Ciências da Natureza, Geografia, entre outras, contribuindo para a relação destes com a Natureza e com a Sociedade.

A Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004), afirmam que

É importante que os vestígios de outras épocas constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado. Pretende-se, assim, contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização (p.109).

11, 12 e 15 de abril

Durante esta semana os alunos encontravam-se nas férias da Páscoa, por isso as turmas do 3º ano juntaram-se na mesma sala, devido ao número reduzido de alunos presentes. Nesta manhã os alunos fizeram diversas atividades não curriculares. Jogaram, desenharam, conversaram uns com os outros, jogaram ao Uno, estiveram no computador, etc.

A pedido dos alunos, depois do intervalo, o professor colocou o filme “Viver a vida”. De seguida, e como ainda faltava algum tempo para o almoço, fizeram alguns jogos e os que ainda tinham a prenda do dia da mãe para terminar, fizeram-na.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante esta semana os alunos fizeram atividades diversificadas desde jogos de mesa, a jogos eletrónicos, assim como pesquisas nos computadores. Todos estes são fundamentais para a criança conviver, pois apesar dos jogos eletrónicos serem considerados como algo individualizado, quando é feito com os pares, estes dialogam e jogam em equipa. Segundo Araújo (2008), “(...) o acesso massivo das crianças a este tipo de dispositivos é anterior ao seu acesso ao computador e teve sempre uma grande importância na indústria do entretenimento” (p.8). Os jogos de vídeo são considerados

como um meio de entretenimento das crianças. De acordo com Watchtower (s.d., citado em Martins *et. al.*, 2007), “Os jogos podem distrair as pessoas, fazendo disso uma boa prática de lazer e repouso” (p.3). No entanto, é importante evidenciar que os adultos devem mediar e orientar as crianças enquanto jogam.

Na aula também foi visível a participação com as estagiárias nos jogos de mesa. Existiu uma relação de aproximação e convívio, sendo fundamental para a nossa prática pedagógica. Cordeiro (2010) afirma que “(...) os jogos de mesa são calmos e tranquilos. Trabalham a atenção, observação e memorização, (...) Por outro lado, para além de ser mais um momento de relação com os outros, permite divertimento, (...)” (p.372).

2 de maio de 2011

A manhã teve início com a aula da minha colega de estágio. Começou com a aula de História de Portugal onde se caracterizou de D. Afonso IV e dialogou com os alunos sobre a sua vida interagindo com os mesmos. No desenvolvimento da explicação mostrou um *powerpoint* para uma melhor apreensão do tema. De seguida os alunos imaginaram que estavam a entrevistar D. Afonso IV e faziam diferentes perguntas do seu interesse. Para sistematização dos conteúdos abordados, os alunos realizaram uma proposta de trabalho.

Após realização da proposta de trabalho a turma fez a leitura e interpretação do texto do *O milagre das rosas*, realizando diferentes exercícios gramaticais de revisão da matéria dada anteriormente.

Depois do intervalo a colega iniciou a Área de Matemática, abordando o tema “área” com o apoio do material manipulativo Cuisenaire. Começou por explicar a definição de área, fazendo a demonstração com o respetivo material, elaborou alguns exercícios para sistematização da matéria lecionada. De seguida construíram figuras à escolha com uma determinada área previamente dada, comparando as diferentes figuras obtidas. Para finalizar, entregou uma ficha de trabalho onde sistematizou a matéria lecionada.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a aula de Matemática a Ana utilizou o material manipulativo Cuisenaire que, no 1º Ciclo do Ensino Básico, é utilizado para trabalhar conteúdos mais complexos. Enquanto explicava o conteúdo matemático a Ana dialogou com os alunos e foi solicitando que estes explicassem a forma como resolviam e aplicavam os conceitos.

Como referem Spodek e Saracho (1998), “(...) as actividades de matemática (...) devem incluir muitas experiências práticas com materiais de manipulação. Assim,

muitos materiais oferecidos para as crianças na brincadeira manipulativa podem ensinar conceitos matemáticos” (p.224).

De acordo com a Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004), o professor deve “(...) organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria Matemática constitui para elas” (p.161).

O professor deve ser capaz de criar estratégias e metodologias para que os alunos aprendam os conceitos matemáticos, assim como gostem de aprender matemática, percebendo a sua importância.

3 de maio de 2011

O dia começou com a aula da minha colega de estágio Jani. Iniciou com a Área de Língua Portuguesa, seguida da Área de Matemática e por fim a Área de Estudo do Meio. Deu início à aula com a leitura e interpretação do texto *Era uma vez um rei*, do livro histórias dos reis de Portugal, adaptado. Fez oralmente perguntas de interpretação sobre o mesmo assim como a análise gramatical (análise sintática e morfosintática).

De seguida, na Área de Matemática, abordou o tema subtração com números complexos, começando por fazer a revisão da matéria dada anteriormente, esclarecendo dúvidas dos alunos. A seguir entregou a cada aluno uma proposta de trabalho que realizou em conjunto no quadro.

Depois do intervalo começou a Área de Estudo do Meio, com o jogo “Uma viagem ao tempo dos castelos”. Dividiu a turma em quatro grupos, com a respetiva identificação: nobres, povo, burguesia, clero. Cada equipa tinha moedas, para comprarem castelos e responderem ao maior número de desafios propostos, como forma de ganhar mais dinheiro e comprar mais castelo, atingindo assim o fim do jogo.

Inferência/ Fundamentação teórica

As estratégias adotadas pela minha colega de estágio foram muito positivas, facilitando e motivando os alunos nas suas aprendizagens. Ao trabalhar os conteúdos por ela selecionados, interligou a suas atividades com a Área do Estudo do Meio, onde trabalhou a disciplina de História.

Saliento como uma estratégia interessante o jogo que a Jani utilizou na área de Estudo do Meio, pois esta conseguiu que a turma cooperasse para obter a vitória. Segundo Fabregat e Fabregat (1989), “A aula activa pressupõe um papel aparentemente secundário do professor no desenvolvimento da mesma, é ele a alma

motora do trabalho (...) é ele que na realidade dinamiza e organiza a curiosidade que o tema desperta” (p.16).

Deste modo foi visível o trabalho cooperativo entre os grupos e a motivação na participação da atividade. De acordo com Lopes e Silva (2009), “A aprendizagem cooperativa é uma metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, actuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos” (p.4). Os mesmos autores ainda referem que “Os efeitos de aprendizagem cooperativa acontecem devido à união do grupo, isto é, os alunos ajudam os outros porque desejam sucesso” (p.5).

Considero cruciais as estratégias utilizadas pela minha colega, pois possibilitou atividades dinâmicas e diferentes ao longo da sua aula, assim como a cooperação e motivação de todos os alunos, sendo um fator importante para a sua aprendizagem.

6 de maio de 2011

A manhã deu início com a aula surpresa na Área de Língua Portuguesa da minha colega de estágio. Foi proposto à Ana que fizesse a leitura e interpretação do texto *O helicóptero amarelo*. No desenvolvimento da aula fez a leitura modelo do texto e de seguida os alunos lerem o mesmo. Após leitura dialogou com os alunos, assim como analisou gramaticalmente alguns adjetivos presentes no texto, onde fez a revisão da matéria dada em aulas anteriores.

A seguir a professora pediu-me que desse uma aula de Matemática com o material manipulativo 5º Dom de Froebel, com o qual os alunos construíram a colmeia. De seguida, oralmente, realizaram algumas situações problemáticas com abelhas e baldes de mel, utilizando a multiplicação. Depois os alunos realizaram no quadro a sistematização das situações problemáticas para uma melhor apreensão por parte dos alunos.

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia considero importante salientar que os alunos resolveram situações problemáticas, desenvolvendo competências matemáticas. Durante a aula o grau de dificuldade das situações problemáticas foi progressivo, partindo do mais simples para o mais complexo. De acordo com Palhares (2004), “A resolução de problemas coloca o aluno em situação activa de aprendizagem quer dando-lhes a possibilidade de construir noções como resposta às interrogações levantadas” (p.2).

Considero que as situações problemáticas que apresentei muitas vezes não foram muito claras para os alunos, devido à construção do enunciado, levando à

dificuldade de precisão por parte dos mesmos. É fundamental sermos claros no que queremos de forma a facilitar a compreensão por parte dos alunos. O mesmo autor ainda refere que “(...) é necessário resolver muitos problemas, pois, aprende-se a resolver problemas resolvendo problemas” (p.7)

Cada vez mais temos de formular corretamente o que pretendemos para que o aluno seja capaz de resolver e aprender.

9 de maio de 2011

Iniciei a manhã com um *powerpoint*, onde abordei a vida de D. Pedro e os acontecimentos que lhe são inerentes. De seguida os alunos preencheram o Bilhete de Identificação do mesmo. Após preenchimento do Bilhete de Identificação de D. Pedro, os alunos preencheram a árvore genológica do dito rei, como forma de sistematizarem os reis abordados anteriormente pertencentes à mesma dinastia.

De seguida procuram a carta escrita por enigmas que D. Pedro deixou a D. Inês de Castro. Depois tiveram de a decifrar fizeram a construção da mesma. A seguir iniciou-se a leitura e interpretação do texto *O amor de Pedro e Inês contado aos pequenotes* escrito por Vanda Furtado (Anexo 2). Depois, a turma realizou oralmente alguns exercícios gramaticais, fazendo uma revisão de conteúdos dados anteriormente.

Após o recreio iniciei a Área de Matemática, em que abordei o tema do “volume de sólidos” com o material manipulativo Cuisenaire, comparando com uma aula dada pela minha colega de estágio sobre a área. Fiz a respetiva definição de volume e os alunos construíram um cubo planificado, sendo essa a nossa unidade de medida. Depois da mesma, para que os alunos compreendessem de uma forma mais clara a definição de volume realizei a demonstração, enchendo dois recipientes exatamente com a mesma medida, e coloquei de seguida um objeto dentro dos mesmos. Os alunos observaram o aumento do volume e a sua diferença. Simultaneamente com o material Cuisenaire, construíram figuras tridimensionais com o volume pedido previamente, fazendo a respetiva comparação com as figuras construídas pelos colegas.

Finalmente entreguei uma ficha de trabalho para avaliação dos conteúdos ensinados (Anexo 3).

Inferência/ Fundamentação teórica

Quando preparei a aula na Área da Língua Portuguesa, procurei fazer uma atividade, em que os alunos não fizessem simplesmente a leitura do texto. Interligando com a aula de Estudo do Meio, entreguei aos alunos um enigma, que estes conseguiram resolver com entusiasmo e curiosidade sobre o que estaria por trás da

mensagem apresentada. Gostei muito, pois considero que as atividades mais lúdicas e diferentes proporcionam momentos de curiosidade, empenho e satisfação por parte dos alunos. Segundo Barbeiro e Pereira (2007), “O professor tem o poder de desencadear as diversas situações em que se recorre à escrita. As atividades de escrita podem ser idealizadas e recriadas a partir dos diversos elementos que constituem o ato de escrever” (p.12). Depois de encontrarem a mensagem os alunos fizeram a leitura da mesma. Considero crucial fomentar este tipo de atividades. E senti que a estratégia foi um sucesso. De acordo com Urra (2007), “Não há melhor prêmio do que a boa sensação do dever cumprido, ao esforço utilizado para obter um êxito” (p.114).

13 de maio de 2011

A manhã começou com a aula supervisionada da minha colega de estágio Ana. Esta começou a sua aula por mostrar um *powerpoint* com a explicação dos pontos cardiais, dialogando com os alunos sobre os mesmos. Para sistematização dos conteúdos entregou a cada aluno uma proposta de trabalho, que tinham de completar com os pontos cardeais.

De seguida fez a leitura e interpretação oral de um poema. Posteriormente fez a análise gramatical através do jogo do bingo. Cada cartão tinha as respostas e a Ana tirava uma bola com uma questão, quem tivesse a resposta colocava uma marca. Ganhava o aluno que preenchesse corretamente todo o cartão.

Após a análise gramatical iniciou a aula de Matemática com a construção do poço com o 5º Dom de Froebel. Fez a explicação oralmente de como se faz a construção. Depois os alunos realizaram algumas situações problemáticas utilizando o poço.

Para finalizar a manhã de estágio tivemos reunião de avaliação das aulas lecionadas.

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia saliento como aspeto principal a relação que a minha colega de estágio teve com os alunos durante toda a sua aula. Várias vezes não só possibilitou momentos agradáveis de aprendizagem, como utilizou diversas vezes o reforço positivo. Urra (2007) considera que “É conveniente reforçar o elogio com sorrisos, contacto visual, palavras, como complementos de reforço verbal que estamos a dar” (p.114). Considero a minha colega Ana carinhosa com os alunos não deixando de ser disciplinada e disciplinadora de todas as regras.

Spodek e Saracho (1998) salientam que “Os professores facilitam a aprendizagem criando um ambiente propício e oferecendo experiências ao mesmo tempo relevantes e interessantes para as crianças” (p.32). Possibilitou atividades diversificadas e levou os alunos a dialogarem sobre o que iam fazendo. No meu ponto de vista foi uma aula conseguida, em que os alunos fizeram aprendizagens diversificadas significativas.

1.7. Sexta secção: 4º ano, turma B

O presente momento de estágio decorreu de dia 16 de maio a 5 de Julho de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, na turma do 4º ano B com a professora Ana Sofia.

1.7.1. Caraterização do grupo

Segundo análise documental dada pela professora cooperante, a turma é constituída por vinte e quatro alunos, sendo nove do género feminino e quinze alunos do género masculino. A turma é interessada no ambiente que a rodeia e na sua maior parte estimulada pelos familiares. Em questões de comportamento em sala de aula é uma turma agitada e bastante conversadora, o que por vezes dificulta o decorrer das aulas.

O facto de alguns elementos demonstrarem dificuldade na Área de Língua Portuguesa e Matemática acaba por levar a situações pontuais de desinteresse e falta de atenção.

Na turma existem ainda três elementos com PEI (Plano Educativo Individual) e dois com plano de recuperação, havendo a necessidade de fazer alguns trabalhos diferenciados em sala de aula. Três destas crianças beneficiam, ainda, de apoio individualizado fora da sala de aula, com uma psicóloga. Das restantes crianças há três que beneficiam de apoio individualizado com a professora de apoio da escola.

1.7.2. Caraterização do espaço

A sala do 4º ano está situada no 1º andar do Jardim-Escola, sendo bastante ampla e arejada. Numa das paredes encontra-se janelas onde entra bastante luz. As mesas estão expostas em quatro filas, algumas expostas em grupo de dois e outras individuais. Possui dois quadros, um interativo, assim como um computador ligado ao mesmo. Também possui um quadro de ardósia.

Na parte superior da sala encontra-se a mesa da professora e armários com todos os materiais necessários para a aprendizagem. Nas paredes da sala estão três placares, onde estão expostos os trabalhos realizados pelos alunos.

1.7.3. Rotinas

As rotinas do 4º ano de escolaridade não são muito diferenciadas dos restantes anos, mantendo-se as refeições, a higiene e o recreio.

No Quadro 8 podemos observar a distribuição, ao longo do dia, das diferentes atividades curriculares e não curriculares, ou seja o Clube de Ciências, o Inglês, a Música, a Educação Física, a Orquestra e a Expressão Plástica.

Quadro 8 – Horário do 4º ano

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00					
10h00					
11h00					
11h00			Tempo de jogos		
11h30					
11h30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00					
13h00			Almoço/ Recreio		
14h30	Música	História de Portugal	Clube de Ciências	História de Portugal	Ed. Física
15h30					
15h30	História de Portugal	Inf/Bibl.	Estudo do Meio	Inglês	Exp. Plástica
16h30					
16h30	Orquestra	Estudo do Meio	Assembleia	Estudo do Meio	
17h00					
17h00			Lanche		

1.7.4. Relatos diários

16 de maio de 2011

Neste dia, durante a manhã diferentes alunas tiveram aula surpresa. A primeira aula que assisti foi da minha colega Talma, na Área de Matemática com o material manipulativo Calculadores Multibásicos. A Talma começou por ditar um número e os alunos representaram-no na primeira placa. Posteriormente pediu a alguns alunos para fazerem a leitura por cores, classes e ordens. De seguida, começou por fazer uma situação problemática com a operação da adição.

Após a aula da Talma seguimos para a turma do 4º ano do Ensino Básico, onde a Teresa também dinamizou uma atividade de Matemática, com o tema frações, nomeadamente soma e subtração de frações com o mesmo denominador. A Teresa

distribuiu uma folha quadriculada por cada aluno, depois começou por fazer oralmente uma pequena revisão de como se calculava frações com o mesmo denominador. Seguidamente ditou três exercícios e os alunos resolveram individualmente no seu lugar, fazendo a Teresa de seguida a correção no quadro.

Posteriormente, começou mais uma aula surpresa da minha colega Ana Sofia no 4º ano. Foi proposto à Ana que lecionasse uma aula utilizando o 5º Dom de Froebel, mas como não se sentia muito à vontade com este material pediu para fazer revisão das medidas de massa. Esta começou por distribuir uma folha quadriculada e como os alunos já sabiam bastante bem as medidas de massa ela optou por rever e fazer algumas situações problemáticas. Os alunos resolveram no lugar individualmente e depois fizeram a correção no quadro.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a observação das aulas surpresa das minhas colegas, considero fundamental salientar duas aulas onde os alunos simplesmente se limitaram a fazer exercícios individualmente. O objetivo das aulas surpresa é sermos capazes de desenvolver o conteúdo de um modo dinâmico e criativo. Segundo Proença (1990), “A aprendizagem é encarada como uma actividade funcional, imaginativa e criadora” (p.45).

Para que os alunos se sintam elementos participantes e ativos nas nossas aulas, devemos criar motivação, descoberta e entusiasmo de forma a que passem de elementos passivos. Sanches (2001) considera que “Apresentando os conteúdos como problemas a resolver para que todos sintam que estão a fazer algo de útil e sejam participantes ativos no processo” (p.82). Ainda refere que “Os alunos querem ser implicados, não querem ser recetores passivos do que os envolve” (p.82).

As aulas foram muito pouco dinâmicas e com estratégias muito pouco diversificadas, onde os alunos apenas se limitaram a ouvir e a não participarem para não prejudicarem a aula.

17 de maio de 2011

Os alunos iniciaram a manhã com a correção no quadro de uma ficha de Matemática. A professora solicitou a alguns alunos que resolvessem no quadro os exercícios, para que os alunos que não conseguiram fazer sozinhos, tirassem as suas dúvidas e completassem a resolução do exercício.

Posteriormente e após o recreio, a professora pediu a um aluno para distribuir os livros a cada colega, iniciando logo de seguida, a leitura do capítulo *George e o remédio*

maravilhoso de Roald Dahl. Depois da leitura da professora e de alguns alunos esta começou por fazer a interpretação oralmente. Após a mesma fez a análise gramatical de conteúdos aprendidos em aulas anteriores, fazendo revisões.

Inferência/ Fundamentação teórica

A estratégia utilizada pelas professoras do 4º ano para trabalhar a Língua Portuguesa é bastante interessante e diferente. Em vez de fazerem a leitura de textos do manual escolar, escolheram um livro, que trabalharam ao longo do período. Segundo Rigolet (2009), “Um livro quebra a rotina e demonstra que nele, e na sua leitura, há sempre qualquer coisa de bom para ir buscar e saborear” (p.9). Este ainda refere que o livro potencializa o que de melhor existe em cada um de nós.

Os alunos nas aulas mostraram a curiosidade em querer saber o que se ia passar no capítulo seguinte. Muitos deles leram os capítulos seguintes em casa, pois estavam bastante entusiasmados pelo livro e pela história que o envolvia. Rigolet (2009) considera que “Um livro é uma janela aberta para o mundo, pois é capaz de nos transportar para outras realidades e de nos fazer construir castelos de fantasia” (p.9). Ainda refere que “Seja ele qual for, o livro será sempre fonte inesgotável de riqueza, soprando sentimentos, paixão e companheirismo” (p.9). Os professores ao fomentarem a leitura, levam a que estes gostem mais de ler e se sintam motivados a fazê-lo.

Bobin (2003, citado em Rigolet, 2009) diz que “Do bebé ao adolescente, sozinho ou em companhia de um colega da mesma idade, de um adulto ou ainda no seio de um grupo, a leitura une e transcende-nos” (p.205),

Quando os alunos contactam com livro e com as histórias, melhoram o seu vocabulário, assim como a sua criatividade.

20 de maio de 2011

Durante a manhã decorreram aulas surpresas de algumas colegas de estágio. Eu optei por observar a aula da minha colega Inês. Foi-lhe proposto que lecionasse uma aula, utilizando o material Calculadores Multibásicos, com o tema subtração com transporte. A Inês iniciou a sua aula por fazer o jogo das bases, pedindo de seguida, aos alunos que fizessem a leitura das placas do aditivo e do subtrativo por cores. Após os exercícios realizou algumas situações problemáticas, utilizando a subtração transporte, solicitando aos alunos que fizessem a leitura por cores, por ordens e por classes.

Posteriormente fui observar a aula de outra colega no 2º ano. A ela foi-lhe proposto que desse o mesmo tema, subtração com transporte e com os mesmos

Calculadores Multibásicos. Esta fez o jogo das bases e de seguida realizou com os alunos algumas situações problemáticas.

Para finalizar a manhã de estágio tivemos reunião na biblioteca para avaliação das aulas observadas.

Inferência/ Fundamentação teórica

A aula de Matemática da minha colega não correu muito bem, pois esta não soube trabalhar corretamente com o material, assim como deu erros científicos. Foi-lhe proposto que desse uma aula com a subtração com transporte e ela colocou o aditivo menor que o subtrativo, levando a que os alunos não conseguissem resolver as situações problemáticas. Com estas aulas devemos observar os erros das nossas colegas, saber ouvir as críticas, refletir sobre as práticas e considerá-las construtivas. Devemos ser capazes de refletir e tentar mudar o que foi menos positivo, para crescermos como futuras professoras/educadoras. Segundo Vieira (2000), “É, então, fundamental que cada um de nós saiba reconhecer os seus defeitos ou falhas como forma de acolher positivamente as críticas que nos são feitas” (p.65).

23 de maio de 2011

Durante a manhã estivemos no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus na reunião de Estágio Profissional. Estiveram presentes todas as turmas do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Durante a mesma foi-nos solicitado que refletíssemos sobre a nossa prática pedagógica, analisando e avaliando o que observámos, referindo os aspetos positivos e aspetos a melhorar. De seguida, as professoras começaram por ler a avaliação individual de cada um e as notas. Terminada a leitura de todas as avaliações, deu-se por acabada a reunião.

Inferência/ Fundamentação teórica

As reuniões de Estágio Profissional são um fator importante para sermos esclarecidos sobre questões relacionadas com a mesma. Podemos ouvir/falar sobre as aulas que damos, assim, como sobre as nossas práticas durante os dias de estágio. É fundamental sermos capazes de aceitar e refletir sobre o que dizem/escrevem as professoras cooperantes, como forma de melhorarmos os nossos comportamentos e atitudes numa determinada situação. Segundo Alarcão (2008), “o supervisor é colaborador, aquele que orienta, apoiando, questionando e disponibilizando-se para ajudar” (p.18).

É bom para nós, enquanto elementos que estamos em formação e em crescimento, termos alguém que nos ajude, dando a sua opinião, fazendo-nos refletir e apoiando-nos sempre que precisamos. Considero uma mais-valia esta ajuda de quem tem mais experiência no contacto com a educação e com ambiente escolar.

Com as reuniões desenvolvemos as nossas competências partindo do que nos disseram, refletindo e agindo de um modo mais correto.

24 de maio de 2011

A manhã iniciou com o acolhimento no ginásio a todas as turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico. De seguida e após irem à casa de banho os alunos foram para a sala e começaram com a leitura do livro no capítulo “O remédio maravilhoso número três”. Depois os alunos realizaram a análise sintática de uma frase do texto e a análise morfossintática das palavras.

Após a realização da ficha de trabalho a turma fez um exercício ortográfico. Para finalizar a 1ª parte da manhã os alunos realizaram a correção dos trabalhos de casa “verbo calcular” em todos os tempos e modos aprendidos anteriormente.

Depois do recreio, na Área de Matemática, a professora fez a revisão do tema “estatística”. Após a mesma realizaram uma proposta de trabalho para sistematização dos conteúdos abordados, aplicando diferentes exercícios, utilizando interesses dos alunos, assim como cores preferidas, cor dos olhos, entre outros.

Inferência/ Fundamentação teórica

Na manhã de atividades vou salientar a atividade na área da Matemática, onde a professora trabalhou com os alunos o tema “estatística” partindo de características dos alunos, nomeadamente cores preferidas, cor dos olhos e outros aspetos importantes.

A professora enquanto fazia oralmente com os alunos o exercício, estes participaram ativamente e com interesse, mostrando entusiasmo e satisfação enquanto faziam o mesmo.

De acordo com Palhares (2004), “(...) a estatística é um conjunto de técnicas apropriadas para recolher, classificar, apresentar e interpretar conjuntos de dados” (p.54). Segundo o mesmo autor, “Actualmente, a vida das pessoas é significativamente influenciada pela utilização variada e frequente da estatística” (p.53).

Palhares (2004) afirma ainda que “A crescente importância da estatística nos nossos dias tem-se repercutido nos currículos escolares” (P.53).

27 de maio de 2011

O dia começou com a leitura do capítulo número IV do livro “*George e o remédio maravilhoso*”; “O remédio maravilhoso número quatro”. Após a leitura os alunos fizeram uma ficha de trabalho em que realizaram a interpretação do texto. De seguida a turma arrumaram nos dossiês dos trabalhos que fizeram durante a semana.

Na Área da Matemática os alunos realizaram uma ficha de trabalho sobre os números complexos. No desenvolvimento da mesma, a professora esclareceu as dúvidas e, de seguida, foi feita a correção da ficha de trabalho no quadro. A professora dividiu depois a turma em grupos e criando uma estratégia de comportamento. Entregou a cada equipa uma estrela e estes perdiam ou ganhavam consoante o seu comportamento e as suas atitudes no desenvolvimento da manhã de atividades.

Inferência/ Fundamentação teórica

A sala do 4º ano do Ensino Básico tem quadro interativo. Com ele a professora e os alunos podem diversificar as suas estratégias, explorando as competências deste ao máximo.

De acordo com Giddens (2008), “(...) a utilização de tecnologia nas escolas foi totalmente transformada com a introdução de várias iniciativas nacionais orientadas para modernizar e informatizar as escolas” (p.509). O mesmo autor ainda refere que “A educação desenvolveu-se para proporcionar capacidades de literacia e de computação” (p.509).

Os professores e os alunos têm ao seu dispor novas técnicas eletrónicas, devido à evolução tecnológica presente na sociedade. Hoje em dia quase todos os alunos têm computador em casa, pesquisam assuntos que muitas vezes não são tratados na escola, acabando por trazer estas questões para a mesma.

30 de maio de 2011

A aula começou com a conclusão dos exercícios de Matemática do dia anterior, ou seja adição e subtração de números complexos, seguindo o esclarecimento dos exercícios e das dúvidas presentes.

De seguida na Área de Língua Portuguesa a turma fez a leitura do V capítulo do livro “*George e o remédio maravilhoso*”. Depois iniciou-se a explicação do discurso direto e indireto, identificando os mesmos no capítulo lido pelos alunos. Posteriormente para sistematização dos conteúdos aprendidos a professora distribuiu uma proposta de trabalho com exercícios de aplicação.

Inferência/ Fundamentação teórica

É interessante os alunos trabalharem a Língua Portuguesa através de um livro pertencente ao Plano Nacional de Leitura. Ler livros por capítulos desperta a curiosidade e o imaginário dos alunos. De acordo com Traça (1992), “O livro alarga a percepção do mundo, educa e sensibiliza, abre as portas do imaginário, enriquecem-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros” (p.75).

Com a leitura os alunos aumentam o seu vocabulário. A leitura leva a que os alunos aprendam a compreender o significado da mensagem e tudo o que a envolve. Sim-Sim (2007) refere que “Como a compreensão do oral, o importante na leitura é a apreensão do significado da mensagem, resultando o nível da compreensão e da interação do leitor com o texto” (p.7).

A professora utilizou a leitura do capítulo para trabalhar o discurso direto e indireto, sendo este mais fácil de compreender por parte dos alunos, pois tinham percebido o assunto do que leram. Considero esta estratégia bastante apelativa para a aprendizagem. Devemos criar futuros leitores com gosto para a leitura.

31 de maio de 2011

A professora começou a manhã de atividades com a realização de um exercício ortográfico. Distribuiu pelos alunos uma folha com uma música da cantora Mafalda Veiga, com espaços incompletos. Os alunos ouviam a música e em simultâneo tinham de completar os espaços. A professora repetiu a música quatro vezes até os alunos conseguirem completar o maior número possível de espaços. Para finalizar a atividade cantaram todos a música trabalhada no exercício ortográfico.

Como se encontrava na escola uma escritora, os alunos do 1º Ciclo foram assistir à apresentação de um livro até à hora de almoço.

Inferência/ Fundamentação teórica

A estratégia adotada pela professora para fazer o exercício ortográfico foi muito criativa e diferente do que esta costumava fazer. Os alunos desenvolveram o raciocínio e a memória a ouvirem a música e terem de escrever ao mesmo tempo isto exige muita atenção e concentração. No fim da atividade, todos juntos, cantaram a música. Gostei bastante desta estratégia, pois considero que o professor tem de ser capaz de criar desafios novos e diferentes de forma a criar uma maior motivação. Segundo Pato (1995), “De turma para turma, variam as motivações, as necessidades e os saberes dos alunos, o professor tem de recorrer a pedagogias diferenciadas que perspectivem a progressão individual dos alunos, num contexto educativo e sociocultural

frequentemente heterogéneo” (p.9). Cabe ao professor ser capaz de escolher estratégias novas, pois estes devem conhecer as necessidades das suas turmas. De acordo com o mesmo autor “Cada professor deverá, contudo, ter em conta a sua experiência prática e, tal como o aluno, dispor de liberdade de escolher e construir a sua estratégia de acção” (p.9).

Com esta atividade foi visível a aproximação da professora com a turma, enquanto cantavam criaram um momento mais descontraído, não deixando esta de trabalhar o pretendido. Os alunos participaram e gostaram da atividade, demonstraram este agrado com palavras dirigidas à professora.

6 de junho de 2011

A manhã teve início com a minha aula programada com os temas previamente dados pela professora: a notícia, o volume do cilindro e por fim uma experiência. Optei por começar com a Área de Língua Portuguesa, em que dividi a turma em grupos. De seguida expliquei, através de um esquema (Figura 19), como se encontrava estruturada uma notícia e o motivo pela qual se encontrava desta forma, dialogando com os alunos sobre a mesma. Depois entreguei a cada grupo uma parte da notícia (Figura 20), e eles tinham de a ordenar de forma correta. De seguida todos juntos fizemos a construção da notícia ordenando-a corretamente. Após construção entreguei a cada aluno um jornal com a respetiva notícia “A torre mais inclinada do mundo”. Realizámos a leitura da mesma.



Figura 19 - Construção da notícia pelos grupos

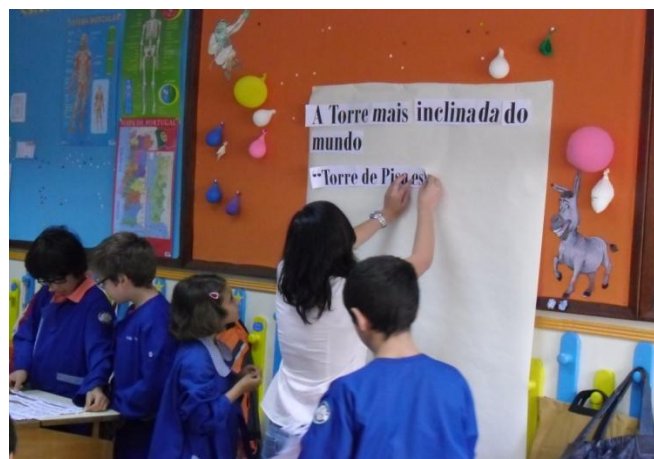


Figura 20 - Notícia

Iniciei de seguida a Área de Matemática com a explicação do volume do cilindro com o apoio de um *powerpoint*. Demonstrei especificamente como era calculado o volume de um sólido. Terminei a aula dando aos alunos a maquete da Torre de Pisa e outros objetos de forma cilíndrica para que calculassem o volume.

Após o cálculo entreguei a cada aluno um saco com o material para a realização da experiência “O que faz encher o balão?”. Os alunos leram em conjunto o protocolo e fizeram a mesma, tirando as respectivas conclusões (Figuras 21 e 22).



Figura 21 – Experiência: “O que faz encher o balão?”



Figura 22 – Observação da experiência

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia saliento a atividade experimental realizada na minha aula. Entreguei a cada aluno o material e questionei-os sobre “O que faz encher o balão?”. Os alunos disseram as suas concepções alternativas. Após o diálogo fomos fazer a experiência e os alunos mostraram motivação ao fazê-la e em querer saber o que ia acontecer. O trabalho experimental e o Ensino das Ciências no 1º Ciclo é muito importante, pois estes conseguem melhorar as suas concepções sobre determinados temas que lhes suscita curiosidade. Segundo Martins *et. al.*, (2007), o termo atividade experimental “(...) aplica-se às actividades práticas onde há manipulação de variáveis” (p.36).

De acordo com os mesmos autores, “As tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças, sobretudo para as mais novas, como forma de potenciar o seu desenvolvimento físico com o mundo exterior” (p.36). É importante este tipo de atividades para os alunos desde que sejam orientadas e organizadas pelo professor, pois os alunos gostam de descobrir e experimentar, como resposta à sua curiosidade e à necessidade da atividade de descoberta.

7 de junho de 2011

A professora Sofia começou a manhã por pedir aos alunos que lessem o capítulo do livro “O George e o remédio maravilhoso”. De seguida, fizeram a leitura em voz alta. Após a leitura a professora entregou a cada aluno uma proposta de trabalho com questões de interpretação do texto e questões de análise gramatical.

A seguir ao recreio, iniciaram as revisões para o teste de Língua Portuguesa, onde os alunos fizeram apontamentos do que consideraram mais importante para estudar.

14 de junho de 2011

A professora iniciou a manhã com a entrega dos testes de avaliação aos alunos, seguindo-se a leitura do mesmo e explicação de dúvidas presentes no enunciado. Os alunos resolveram o teste e seguiram para o recreio onde brincaram livremente com a supervisão da professora.

Depois do recreio, os alunos iniciaram a revisão para o teste de História de Portugal, em que cada aluno fez os apontamentos que considerou mais importante para o seu estudo individual.

Inferência/ Fundamentação teórica

Considero a estratégia da professora para ajudar os alunos a saberem estudar muito importante, pois estes têm de ter pilares de acompanhamento do estudo, para que mais tarde sejam capazes de o fazer sozinhos. É visível muitas vezes que os alunos não sabem estudar sozinhos, levando a que não se interessem por o fazer, nem o façam. O professor tem de ser capaz de criar estratégias que motivem os mesmos para esta prática, tão importante enquanto estudante e fundamental para a vida futura.

17 de junho de 2011

Neste dia fui para o Jardim-Escola João de Deus da Estrela para assistir às Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional (P.P.A.C.P) de algumas colegas. Foram várias as provas, contudo escolhi ir assistir à da minha colega Rita no Bibe Amarelo. Ela deu o tema “O burro”. Esta começou por sentar os alunos em semicírculo no tapete. De seguida, iniciou a leitura do poema *O Burrito* e dialogou com os alunos sobre o mesmo.

Posteriormente, através de uma maquete de um burro, simulou uma conversa entre os alunos e o animal. De seguida, os alunos faziam perguntas e o burro respondia. Em simultâneo a Rita ia abordando os conteúdos pretendidos, nomeadamente, o tipo de alimentação, o habitat, a reprodução, entre outros aspetos importantes.

Seguidamente fui assistir à prova da minha colega Mafalda, no Bibe Azul, com o tema as “cores”. A Mafalda iniciou com a leitura de um poema *As cores* em que esta solicitou que alguns alunos fizessem a leitura das estrofes. Posteriormente dialogou

com os alunos sobre as mesmas, assim como as suas características, explicando se são cores primárias ou secundárias.

Após o almoço fui assistir à prova da Alexandra sobre o tema “A formiga”. A colega começou por fazer a leitura de um texto sobre a formiga, seguindo-se a explicação das características deste animal. De seguida, entregou a cada aluno um protocolo experimental, que com uma lupa estiveram a observar a constituição do corpo da formiga. Em simultâneo os alunos preencheram um protocolo. Depois fez uma gincana no recreio, com a turma dividida em equipas, que tinham de pegar num alimento e colocar no respetivo espaço.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante este dia estive a ver as Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional. Considero que estas são um processo de formação enquanto futuras professoras/educadoras. Deste modo saliento a importância de professores mais experientes e informados, orientarem os estagiários na sua aprendizagem, encaminhando para a reflexão. Alarcão (2008) refere que a supervisão tem um modelo “(...) construtivista de base reflexiva que alia experiência, reflexão, ação e formação pela investigação” (p.17). Tem como objetivo principal o desenvolvimento das capacidades profissionais. A mesma autora ainda refere que “A supervisão passa como uma forma de avaliação, atualização de desenvolvimento de ensino aprendizagem” (p.13).

20 de junho de 2011

Esta manhã foi ainda dedicada às PPACP. Comecei por ir assistir à prova da Cláudia sobre o caracol africano no 1º ano de escolaridade. A Cláudia iniciou a sua aula com a leitura do texto *Os caracóis* de António Torrado. De seguida, fez a interpretação e dialogou com os alunos sobre o mesmo. Posteriormente seguiu a análise gramatical, onde abordou o tema “tipos de frase”. Esta colocou no quadro uma frase e foi modificando os diferentes sinais de pontuação, explicando as características. Desta forma solicitou aos alunos que fossem lendo a frase entoando consoante o sinal de pontuação apresentado. De seguida, deu início à Área de Estudo do Meio com o apoio de um *powerpoint*, em que fez a explicação das características deste animal, dialogando com os alunos sobre o mesmo. Posteriormente mostrou aos alunos dois caracóis africanos. Para finalizar as suas atividades, entregou a cada aluno um cartão com números ordinais e várias imagens de caracóis.

Após a prova da Cláudia fui assistir à prova da Francisca na turma do 4º ano. Esta trabalhou o tema “as cores do arco-íris”. Iniciou com a leitura e interpretação da

biografia de Weinstein, seguindo-se a análise sintática de uma frase e a análise morfossintática.

De seguida, entregou a cada aluno um prisma para que estes observassem as cores do arco-íris, dialogando com os alunos sobre as mesmas e sobre o resultado da experiência.

Posteriormente, cada aluno tinha um saco com pedras pintadas com várias cores e fizeram diferentes exercícios de probabilidades, ou seja, a Francisca solicitava que colocassem no saco diferentes pedras e estes tinham de perceber qual a cor da pedra que iria sair.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a manhã mais uma vez estive no Jardim-Escola João de Deus a ver as Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional, do 1º Ciclo de Ensino Básico. Neste dia as aulas foram muito diversificadas, com temas muito interessantes. Os alunos colaboraram de um modo ativo e cooperante.

24 de junho de 2011

A manhã de atividades foi diferente visto os professores se encontrarem em *roulement*. As duas turmas juntaram-se na mesma sala e estiveram a fazer diferentes jogos de uma forma livre.

Desta forma, foi um dia livre, com a supervisão da professora e das estagiárias, que interagiram com os alunos em alguns jogos.

Inferência/ Fundamentação teórica

As atividades lúdicas são muito importantes, principalmente quando os alunos as podem fazer livremente em contacto com o exterior e com a natureza. Cordeiro (2010) salienta que "(...) as brincadeiras são uma forma da criança poder sentir-se livre para expressar o que sente" (p.335). Esta brincadeira livre também desenvolve fisicamente, como refere o mesmo autor, "(...) o jogo e a brincadeira praticada principalmente ao ar livre (...) diminuem as tensões e o stresse, e aumentam a boa disposição" (p.334),

Nestes dias as crianças têm a possibilidade de conviver de uma forma livre com os pares, brincando com o que mais gostam de fazer e passando um dia agradável na escola.

27 de junho de 2011

Durante a manhã fui eu que dirigi as atividades. Desta forma e após preparação prévia dei início à minha aula na Área de Matemática. Comecei por dividir a turma em seis grupos. De seguida, dialogando com os alunos, disse as regras do jogo e esclareci dúvidas que oralmente me colocaram. De seguida iniciou-se o jogo, em que os alunos tinham de resolver cálculos com percentagens e situações problemáticas. Os grupos, em cada desafio atingido, recebiam a peça de um puzzle, sendo o objetivo principal obterem as seis peças e formarem a imagem pretendida.

Após obterem todas as peças e formarem a imagem, que por sua vez era o texto de Língua Portuguesa, nomeadamente *A pequena Cientista* de Luísa Ducla Soares, solicitei a alguns alunos que fizessem a leitura do texto. Depois oralmente fiz a interpretação do mesmo e a análise gramatical de conteúdos abordados em aulas anteriores pela professora. Para finalizar entreguei a cada aluno uma ficha, em que estes tiveram de fazer uma banda desenhada partindo do poema que leram. Depois alguns alunos apresentaram aos colegas a sua banda desenhada.

Como o final do Ano Letivo estava perto os alunos foram ensaiar, não me sendo possível iniciar a Área de Estudo do Meio.

Inferência/ Fundamentação teórica

O jogo é uma atividade fundamental para as crianças e para os adultos. Segundo Savater *et. al.*, (2010), "(...) aproveitando a inclinação das crianças para o jogo, é possível ensinar-lhes muitas coisas" (p.35). Com a atividade de Matemática criei desafios e estratégias de forma a motivar os alunos enquanto trabalhava os conteúdos matemáticos.

O jogo é uma atividade didática que permite uma interação entre este e o jogador, existindo um espírito de equipa, de modo a que todos cooperem e consigam chegar a um fim. Os alunos trabalham em grupo porque querem ter os desafios resolvidos, interagindo entre eles. O jogo que levei possibilitou e exigiu o trabalho em equipa pois todos os membros tinham de participar e responder.

Torna-se indispensável criar aulas diferentes para que os alunos sintam curiosidade e desafio. De acordo com Lopes *et. al.*, (1999), a Matemática "(...) deve despertar a curiosidade do indivíduo, provocar-lhe uma certa tensão durante a procura de um plano de resolução e, finalmente fazê-lo sentir a alegria inerente à descoberta da solução" (p.7).

Os alunos mostraram uma grande vontade de participar, levando a que após reflexão da aula, considerasse que o resultado foi satisfatório e a estratégia adequada.

29 de junho de 2011

Neste dia, e como no dia anterior não tive tempo para lecionar tudo o que tinha preparado, conclui as atividades. Comecei a aula de Estudo do Meio por dividir a turma em duas equipas, depois expliquei as regras do jogo, nomeadamente que cada elemento da equipa tinha de fazer o percurso previamente marcado no recreio, ir até a uma piscina cheia com água, apanhar um objeto e colocar na respetiva caixa consoante o seu estado físico. Cada equipa tinha três caixas no início do percurso legendadas com sólido, líquido e gasoso. Depois de todos os elementos das equipas retirarem os objetos e colocarem nas caixas, dialoguei com os alunos se estava correto ou não, levando-os a refletir sobre o que observaram e a verbalizarem a sua opinião.

Por fim fizeram uma proposta de trabalho escrita (Anexo 4).

Posteriormente, os alunos foram para a sala e a professora começou a fazer a explicação do que era uma República, dialogando com os alunos sobre o tema. Depois os alunos em grupo apresentaram os seus trabalhos sobre a República aos colegas. Cada grupo votou no melhor trabalho, fazendo a sua análise.

Inferência/ Fundamentação teórica

Os trabalhos de grupo são bastante produtivos. Os trabalhos finais ficaram bastante bem e os alunos souberam explicar os conteúdos. Desta forma, é importante salientar que os professores devem proporcionar momentos em que os alunos trabalhem em grupo, cooperando e dialogando sobre as suas opiniões sendo estas fundamentais para desenvolverem competências essenciais para a sua vida futura. Pato (1995) diz-nos que “O trabalho de grupo coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e reagir” (p.9).

Os alunos ao trabalharem em grupo aprendem não só a cooperar como a ser críticos das suas opiniões assim como a dos colegas. É fundamental o trabalho de grupo nestas idades para que desenvolvam competências, que serão fundamentais para o 2º e 3º Ciclos. Quanto mais cedo se trabalharem estas competências, melhores serão os resultados.

Ainda segundo Pato (1995), “Há frequentemente necessidade de afixar trabalhos dos alunos/grupos para que possam ser analisados, debatidos e avaliados pela

totalidade dos alunos/grupos, o que implica a existência de um ou mais placards na sala de aula” (p.17).

A professora afixou os trabalhos dos alunos e falou sobre as notas, sendo todas satisfatórias, ou pela apresentação ou pelos aspetos que estes trabalharam.

1 de julho de 2011

Após a turma entrar na sala, a Ana deu início à conclusão da sua aula de Matemática, sobre proporcionalidade direta. Esta começou por explicar a definição de proporcionalidade direta e como era feito o cálculo da mesma. De seguida, realizou no quadro alguns exercícios, solicitando a alguns alunos que viessem resolver e explicar aos restantes colegas. Posteriormente a Ana começou por dizer que no dia anterior tinha ido ao supermercado e uma senhora estava descontente com a tabela de preços, visto esta não estar correta. Desta forma, a empregada da loja solicitou se os alunos do 4º ano a podiam ajudar a construir uma tabela de preços. Após contar a pequena história em conjunto construíram uma tabela, utilizando a proporcionalidade direta. Depois dividiu a turma em grupos, e solicitou que cada grupo fizesse uma ementa de preços, seguindo as instruções previamente dadas pela Ana. Quando terminaram o trabalho fizeram a respetiva apresentação aos outros grupos.

Inferência/Fundamentação teórica

Os alunos mostraram grande empenho em querer ajudar a senhora da loja, tentando deste modo encontrar soluções possíveis. A estratégia da Ana foi muito satisfatória pois conseguiu envolver todos os elementos da turma, levando-os a trabalhar em grupo/turma, proporcionando a cooperação e a interajuda de todos.

4 de julho de 2011

Durante esta manhã a Jani deu aula sobre a Ditadura Militar. Começou por entrar na sala caracterizada de António de Oliveira Salazar. Dialogou com os alunos sobre o mesmo, respondendo a questões que os alunos tinham e levantando alguns debates entre a turma. De seguida, mostrou um esquema sobre a Ditadura Militar para sistematização da matéria.

Posteriormente, deu início à sua aula sobre o retrato físico, onde explicou que queria encontrar um ladrão que tinha fugido, através de algumas pistas, nomeadamente do retrato físico, representadas no *powerpoint*, a Jani levou os alunos a encontrarem o ladrão.

Depois do recreio a colega levou os alunos a resolverem algumas situações problemáticas com o Tangram e com palitos. Todas as situações problemáticas foram

resolvidas individualmente, aparecendo de seguida no quadro a explicação e resolução das mesmas.

Inferência/ Fundamentação teórica

O material Tangram considera-se um jogo ou quebra-cabeças. Segundo Santos (2008, citado em Caldeira, 2009), o “Tangram como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio” (p.391). Com este material os professores podem fazer inúmeras explorações.

Na aula da Jani considero que os alunos estiveram sempre a desenvolver diferentes desafios, aumentando o grau de dificuldade. Esta poderia ter feito uma breve explicação de como se faziam as construções, contudo optou por pedir aos alunos para descobrirem e só depois ajudou e explorou a que queria. Santos (2008, citado em Caldeira, 2009) também refere que “A Filosofia do Tangram é de que um todo é divisível em partes, as quais podem ser reorganizadas num outro todo” (p.394).

Palhares (2004) refere que “A lógica é uma ferramenta usada para codificar as descobertas matemáticas numa forma aceite por todos, a qual possui uma estrutura claramente dedutiva” (p.7). Durante a aula na Área de Matemática a Jani desenvolveu vários exercícios de lógica e desafios, sendo uma aula dinâmica e bem estruturada.

5 de julho de 2011

A manhã de atividades foi dinamizada por mim. Optei por iniciar com a Área de Estudo do Meio. Comecei por explicar, com o apoio de um *powerpoint*, o Estado Novo, dialogando com os alunos sobre os acontecimentos ocorridos na altura, sensibilizando os alunos para refletirem e darem a opinião. Depois dividi a turma em dois grupos, (visto estarem poucos alunos) expliquei as regras do jogo de tabuleiro que preparei. O tabuleiro do jogo era constituído por três tipos de desafio, um em que os alunos eram a PIDE e o outro grupo era o povo, e cada um tinha de representar o seu papel. Outro desafio era responder às questões e por fim fazer mímica para o grupo adivinhar. Ganhou a equipa que chegou primeiro ao final do jogo.

Posteriormente, entreguei a cada aluno uma ficha com a biografia de António de Oliveira Salazar, solicitando aos alunos que fizessem a leitura da mesma. Depois fiz revisões sobre o retrato psicológico e pedi aos alunos que preenchessem uma tabela com o retrato psicológico do estadista, segundo a opinião de cada aluno.

Depois do intervalo distribuí pelos alunos uma tabela e caixas com algarismos móveis. Seguindo-se a realização de situações problemáticas com proporcionalidade direta. A correção foi feita no quadro.

Inferência/ Fundamentação teórica

Esta aula foi muito desafiante, pois como se estava a aproximar o fim do ano letivo muitos alunos já não foram à escola. Deste modo, tentei fazer uma aula um pouco diferente tendo conseguido a participação ativa de todos.

Na aula de história dialoguei com os alunos apelando aos seus conhecimentos. Encaminhei o diálogo para a época pré 25 de Abril de 1974. Tentei levá-los a refletir sobre a política da altura desafiando-os a dizerem o que gostavam de mudar e a sua opinião sobre a história desse tempo. Fabregat e Fabregat (1989) dizem que “O papel da história é como um instrumento que nos permite analisar o mundo em que estamos inseridos” (p.31). Os mesmos autores ainda referem que “Da imaginação do professor, da sua capacidade de situar-se no ambiente do jovem, na etapa da sua evolução psicológica depende o êxito de uma aula de história” (p.31). Tentei na aula de história levar os alunos a participarem ativamente, trabalhando os conteúdos após diálogo e explicação através de um jogo, em que estes mostraram o seu espírito crítico em relação às respostas dos outros assim como as suas próprias respostas.

Apesar de no início me sentir um pouco desmotivada por ter um número reduzido de alunos, na verdade todas as atividades correram bem, assim como a interação entre a turma e eu.

1.8. Sétima secção: 1º Ano, turma B

O presente momento de estágio decorreu do dia 26 de setembro a 18 de novembro de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, na turma do 1º ano B com a professora Anabela.

1.8.1. Caraterização do grupo

Após análise documental dada pela professora cooperante, a turma é constituída por vinte e seis alunos, treze do género masculino e treze do género feminino. Todos os alunos têm seis anos. Os alunos que frequentam o 1º Ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram a Infantil, porque o regulamento desta instituição assim o prevê. Existem, algumas exceções como sejam as transferências. Nesta turma vinte e seis alunos frequentam o Jardim-Escola desde o Bibe Amarelo (3 anos).

Na turma há dois alunos que revelam dificuldades de aprendizagem. De uma forma geral, a turma sente interesse por todas as áreas curriculares.

1.8.2. Caraterização do espaço

A sala do 1.º B está situada junto ao salão. Tem vinte e seis mesas individuais, dois quadros verdes (para uso de giz).

A sala tem um móvel onde a professora guarda os materiais dos alunos e uma estante onde estão os dossiês dos mesmos. Existem painéis nas paredes onde a professora expõe os trabalhos dos alunos na Área de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Não sendo um espaço amplo, possui uma boa iluminação natural (tem duas janelas grandes).

1.8.3. Rotinas

A rotina diária do Bibe Castanho respeita a rotina comum ao 1.º Ciclo do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. No Quadro 9 apresento o Horário do Bibe Castanho.

Quadro 9 – Horário do 1º Ano B

HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
09:00	Higiene				
09:15	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:15	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11:15	Recreio/Higiene				
11:45	Música(12h10/13h)	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12:45	Higiene				
13:00/13:30	Almoço				
13:30	Recreio/Higiene				
14:30	Língua Portuguesa	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio
15:30	Estudo do Meio	Educação Física(15h30)	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Biblioteca
16:30	ACND	ACND	Expressão Plástica	ACND	ACND/Assembleia
17:00	Higiene /Lanche / Saída				
17:45					

1.8.4. Relatos diários

26 de setembro de 2011

A manhã teve início no Museu da ESEJD com a reunião de Estágio. Estiveram presentes todos os alunos dos Mestrados, assim como as professoras supervisoras que acompanham o nosso estágio. No desenvolvimento da mesma foram apresentados os novos alunos, entregues os regulamentos assim como os momentos de avaliação e outros documentos importantes. Ficámos também a saber o nosso local de estágio e o grupo e recebemos as avaliações do último momento do ano letivo transato.

Também foram entregues as avaliações do semestre anterior e os relatórios de estágio dos alunos do 3º ano da Licenciatura em Educação Básica. No desenvolvimento da reunião foi-nos dito a empregabilidade dos alunos que acabaram o Mestrado no ano anterior e as possíveis vagas para o próximo ano, assim como as escolas que já têm a decorrer o 2º Ciclo do Ensino Básico e as que vão abrir este ano letivo de 2011/2012.

Inferência/ Fundamentação teórica

Torna-se crucial referir a importância do estágio supervisionado para que nos sintamos acompanhados e ajudados com o objetivo de melhorar as nossas práticas.

Alarcão e Roldão (2008) referem que

(...) a formação inicial e as perspetivas do exercício profissional futuro, nomeadamente as experiências docentes ou da pré-docência, constituem-se como momentos de consolidação ou aprofundamento das motivações para abraçar a profissão e de compreensão do que envolve ser professor (p.33)

Os supervisores ajudam-nos a crescer como futuras professoras, proporcionando-nos ambientes formativos estimulantes.

De acordo com os mesmos autores, o supervisor de estágio

(...) é alguém que se preocupa em me ajudar a crescer como professora, alguém que proporciona aos seus alunos ambientes formativos estimuladores de um saber didático, alguém que sabe abanar quando é preciso, alguém que influencia o processo de socialização, contribuindo para o alargamento da visão do ensino, estimulando o auto-conhecimento e a reflexão sobre as práticas, transmitindo conhecimentos úteis para a prática profissional (p.54).

Em todas as reuniões refletimos sobre novas práticas, assim como novos modos de agir perante as mais diversas situações melhorando as nossas atitudes e comportamentos.

27 de setembro de 2011

Hoje foi o primeiro dia de estágio no 1º ano do Ensino Básico. Entrámos para a sala e os alunos fizeram uma pequena apresentação. De seguida a professora esteve a falar com os alunos sobre o mau comportamento ocorrido no dia anterior.

De seguida a professora entregou a cada aluno uma proposta de Matemática para estes fazerem a correção dos exercícios que se encontravam errados ou por acabar. Depois a professora escolheu três alunos para irem buscar o material manipulativo Calculadores Multibásicos e iniciar a Área de Matemática. Cada aluno ficou com uma caixa e começou por dizer as regras da utilização do material. Ao longo da aula a professora foi fazendo as mesmas e um aluno disse o número vinte e a

professora perguntou do género: Qual o número que vem antes? E depois? Qual o algarismo das unidades de unidade? E o da dezena de unidades?. A seguir os alunos fizeram a representação de números nas placas e no quadro. Ao terminar a aula estiveram a brincar livremente com as peças como forma de exploração livre do material. Depois do recreio regressaram à sala onde começaram a realizar um exercício de expressão escrita.

Após o mesmo os alunos foram à casa de banho e seguiram para o almoço terminando assim a manhã de estágio.

Inferência/ Fundamentação teórica

Foi perceptível durante os primeiros momentos de estágio a indiferença da professora em relação a uma criança com grande dificuldade de aprendizagem. Este aluno encontrava-se na última mesa, na última fila. A professora no início não dava muita atenção a este aluno e este começou a sentir-se perdido na aprendizagem, sem saber fazer os trabalhos solicitados pela mesma.

Muitas vezes com o número elevado de alunos que temos na sala, torna-se complicado darmos atenção individualizada a cada um, mas é fundamental que o façamos! Segundo Zabalza (1998), "(...) mesmo que não seja possível desenvolver uma atenção individual permanente é preciso manter, mesmo que seja parcialmente ou de tempos em tempos, contactos individuais com cada criança." (p.53).

O trabalho individualizado realizado pelo professor é uma mais-valia na aprendizagem dos alunos que possuem dificuldades em realizar ou compreender determinadas tarefas, precisando assim de mais apoio e de mais orientação por parte do professor.

30 de setembro de 2011

A manhã teve início com a realização de uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa do dia anterior. De seguida, os alunos fizeram um exercício ortográfico de palavras e a ilustração das mesmas.

Posteriormente os alunos que acabaram o trabalho anterior estiveram a praticar no caderno de duas linhas a letra manuscrita. Seguidamente a turma foi para o recreio.

Após o recreio seguiram para a casa de banho e regressaram para a sala onde iniciaram a aula de Matemática. A professora pediu ao chefe do material para escolher dois colegas para irem buscar o material manipulativo Geoplano e os respetivos elásticos. Começou por perguntar como se chamava o material que tinham em cima da mesa e quais as regras para trabalhar com o mesmo. Pediu então que a turma fizesse

um quadrado com três pregos no canto inferior direito, depois que fizessem um retângulo com um elástico azul no canto superior esquerdo. Depois do mesmo, pediu para fazerem uma linha reta no centro com um elástico branco. De seguida os alunos copiaram para o papel o que estava representado no Geoplano.

Inferência/ Fundamentação teórica

O Geoplano desperta nos alunos a curiosidade e estimula a descoberta, assim como a experimentação. Segundo Caldeira (2009), "O Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas" (p.409). O aluno com o mesmo material trabalha a descoberta das figuras geométricas, assim como a lateralidade. Esta ainda refere que "Assim os alunos livremente tomam conhecimento do material através da sua manipulação e exploração e descobrem a utilidade dos pregos, manipulando os elásticos" (p.409). A mesma autora ainda refere que "Na utilização do Geoplano é importante que o professor desenvolva aulas com lógica e sequência tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho" (p.409).

Com a utilização deste material os alunos trabalham conceitos matemáticos baseados na experimentação e nas hipóteses. Matos e Serrazina (1988, citado em Caldeira, 2009), afirmam que "(...) a formação dos conceitos pertence à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência" (p.410). Com esta experimentação o aluno explora os conceitos e aprende-os mais facilmente, partindo do que sabe e do que observou.

3 de outubro de 2011

A turma iniciou a manhã com a Área de Língua Portuguesa. A professora entregou a cada aluno uma proposta de trabalho, onde estes começaram por colocar o cabeçalho, seguido da data e do nome. Após o mesmo a professora começou por fazer a leitura do texto: *A Rute* (Manual escolar). De seguida e, após leitura modelo, os alunos fizeram a leitura do texto e a professora fez a avaliação da leitura registando-a na grelha de avaliação. Seguidamente cada aluno fez a cópia do texto e a sua ilustração. No desenvolvimento do exercício fomos ajudando os alunos com mais dificuldades.

Depois foram comer as bolachas e brincar no recreio. De regresso à sala tiveram aula de música. O professor de música começou por mostrar as diferentes flautas que tinha dentro de uma mala e o som que cada uma fazia. Depois pediu ao chefe da música para ir para a frente e identificar as notas musicais fazendo a respetiva representação no quadro.

Inferência/ Fundamentação teórica

No 1º ano do Ensino Básico é fundamental, devido ao facto dos alunos estarem a aprender a ler e a escrever, fazerem uma série de tarefas (exercícios caligráficos e ortográficos) que os ajudarão a consolidar as suas aprendizagens.

Condemarin e Chadwuck (1986) afirmam, referindo-se aos exercícios caligráficos, que estes permitem

(...) à criança avançar [no] conhecimento das características específicas da linguagem escrita quanto aos sinais de expressão, pontuação (...), formulação espaço-diferencial da esquerda para a direita, [e] percepção da palavra como conjunto de letras separadas por dois espaços em branco (...)
(p.182).

Foi visível, enquanto os alunos faziam as cópias, o quanto esse exercício os desenvolvia em competências essenciais e pré-requisitos para se tornarem leitores hábeis, lendo e escrevendo com correção.

Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004), diz que

Para aprender a escrever, as crianças têm de realizar, sobre a escrita que produzem uma série de acções semelhantes às que realizam sobre o objecto físico, isto é, têm de descobrir como, porquê e em que situações a escrita funciona (p.145).

A experiência de escrever vai ajudar a que os alunos ganhem gosto pela mesma, ajudando na compreensão das regras de um texto, nomeadamente, o uso da letra maiúscula, sinais de pontuação entre outros aspetos, característicos do texto escrito.

4 de outubro de 2011

O dia iniciou com a realização de um exercício de identificação e associação palavra/imagem. De seguida na mesma ficha ordenaram frases e fizeram a respetiva ilustração. Após as mesmas, a professora fez um exercício ortográfico, em que ditou duas frases que ilustraram posteriormente.

De seguida a professora pediu a dois alunos que fossem buscar caixas do material manipulativo Cuisenaire e que entregassem uma a cada dois alunos. Começou por fazer um exercício em que os alunos tinham de ir à caixa buscar uma peça com o valor cinco, iniciando desta forma o jogo dos comboios. A professora explicou ainda como se faz a decomposição de um número, utilizando este material. Pediu aos alunos que fossem à caixa buscar peças que completassem o número quinze, chegando estes à conclusão que utilizaram duas peças, uma com o valor dez e outra com o valor cinco, ligadas pela extremidade. Após o mesmo, a professora chamou os alunos ao quadro

individualmente e estes tinham de fazer a decomposição de alguns números. Quando acabaram a professora deixou a turma brincar livremente com as peças, enquanto alguns alunos terminavam os exercícios que tinham em atraso.

Inferência/ Fundamentação teórica

Considero importante salientar o exercício ortográfico realizado pelos alunos como uma prática diária. A professora, quase todos os dias, fomenta esta atividade, nomeadamente, o ditado de palavras, frases e parágrafos. Condemarin e Chadwuck (1986) dizem que “o ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementa a qualidade de atenção da criança” (p.184). Acrescentam dizendo que “O exercício de registar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor perceção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem! (p.184).

7 de outubro de 2011

Os alunos começaram o dia com um exercício ortográfico, em que a professora ditou duas frases. No fim fizeram a ilustração das mesmas.

No fim a turma passou para uma atividade de Matemática. A professora começou por explicar o exercício no quadro que consistia na resolução de operações aritméticas. Depois a turma foi para o recreio comer as bolachas e lanchar.

De seguida e após irem à casa de banho continuaram o trabalho de Matemática. No desenvolvimento do mesmo a professora chamou os alunos individualmente para realizar a avaliação da leitura.

Inferência/ Fundamentação teórica

Considero importante salientar a aula de Matemática pouco diversificada e desmotivante para os alunos. Os alunos que apresentam mais dificuldades, não conseguiram resolver as operações sem ajuda do colega do lado, ou dos exercícios que foram resolvidos no quadro. Segundo Brickman e Taylor (1996), “Os adultos podem ajudar as crianças a descobrir e aprender os conceitos matemáticos proporcionando-lhes materiais que elas possam contar, medir, montar, desmontar” (p.92).

Não basta o professor distribuir os materiais, mas sim deve dar tempo para que estes o experimentem e manipulem livremente, descobrindo sozinhos a utilidade do mesmo e só depois o professor deve começar a explorá-lo. Os mesmos autores ainda referem que “As crianças também precisam de tempo para explorar esses materiais e para o usar ao seu próprio ritmo, fazendo-lhe de maneira que mais interesse lhe

desperta” (p.92). É muito importante que o professor crie estratégias diversificadas para a aprendizagem dos conteúdos pretendidos.

10 de outubro de 2011

O dia teve início com uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa. Os alunos começaram por fazer um exercício ortográfico de duas frases. De seguida continuaram a realizar os exercícios que se encontravam na proposta de trabalho, em que tinham de fazer um exercício caligráfico do abecedário maiúsculo e minúsculo. Depois os alunos seguiram para o recreio.

Após o recreio a professora pediu aos chefes de material para distribuírem a cada aluno uma caixa com o 5º Dom de Froebel. Foi solicitado pela professora que abrissem a caixa, visto ser um material novo e nunca terem trabalhado com o mesmo. Após isso, a professora começou a explicar como se construía a colmeia e as colmeias pequenas, falando um pouco sobre a característica deste material.

Depois os alunos tiveram aula de música, em que iniciaram a aprendizagem de flauta, terminando a aula à hora de almoço.

Inferência/ Fundamentação teórica

Considero importante salientar a importância dos reforços positivos, quando as crianças estão a iniciar uma aprendizagem nova, incentivando e estimulando a aprendizagem destes pequenos aprendizes. Urra (2007) refere que “O elogio consegue de forma positiva o que por vezes não se consegue com o castigo, estimula e desenvolve algo essencial como é a auto-estima” (p.114).

O professor de música deve estimular a aprendizagem nos alunos e quando estes conseguem resolver algum desafio, deve fazer um reforço positivo, para que este ganhe estímulos para continuar a aprender e não se sinta desmotivado e sem qualquer tipo de interesse por um determinado aspeto.

11 de outubro de 2011

Depois de irem à casa banho os alunos seguiram para a sala, onde se sentaram nos seus lugares e iniciaram a proposta de trabalho de Língua Portuguesa. Os alunos tiveram de ligar palavras às respetivas imagens seguindo-se a pintura das mesmas. Após a realização do exercício tinham de legendar as imagens e de seguida fizeram o exercício caligráfico do texto *A caça* (Manual Escolar). De seguida os alunos colocaram os chapéus e foram para o recreio brincar.

Após o recreio, a professora deu início à aula de Matemática, abordando a simbologia de menor, maior e igual. A professora começou por explicar, através de

imagens do material manipulativo Cuisenaire, como podemos representar a simbologia matemática com este material. De seguida colocou vários tamanhos e representou a simbologia, fez um exercício de consolidação no quadro.

Inferência/ Fundamentação teórica

No 1º ano do Ensino Básico torna-se fundamental iniciar a aprendizagem da escrita e da leitura. Contudo, os alunos do Jardim-Escola João de Deus aprendem a ler aos 5 anos utilizando a Cartilha Maternal e as suas regras. Os alunos aprendem a leitura das letras através de mnemónicas. Sprinthall e Sprinthall (1990) consideram “As estratégias de mnemónicas (...) técnicas para auxiliar tanto a aquisição como a recuperação do material aprendido” (p.291). Ainda referem que estas “Permitem que a informação fique sistematicamente armazenada” (p.292).

Este método de ensino da leitura é um fator facilitador da aprendizagem, sendo visível a compreensão e evolução por parte dos alunos.

14 de outubro de 2011

A professora começou a manhã de atividades com a revisão da letra /s/ com o apoio da Cartilha Maternal. Começou por rever os casos de leitura e as suas regras. De seguida, solicitou a alguns alunos que fizessem a leitura de palavras. Depois, a professora entregou a cada aluno uma proposta de trabalho em que os alunos tiveram de circundar as palavras que tinham o terceiro valor do /s/, e por fim construíram frases. Para finalizarem o trabalho, os alunos tiveram de pintar duas sílabas, nomeadamente “sa” e o “po”, formando assim a imagem de um sapo.

Seguidamente, depois do recreio, alguns alunos acabaram os trabalhos que tinham para finalizar e os restantes fizeram a leitura livre de livros que se encontravam na biblioteca da sala.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante a realização do estágio, foi visível o trabalho cooperativo entre os professores que lecionavam turmas do mesmo ano. Este trabalho de equipa é notório quando realizam fichas de trabalho ou outro material de apoio para as aulas. Todos os materiais são partilhados para as duas turmas, dando a possibilidade aos alunos de poderem utilizar materiais diversificados, existindo uma partilha de ideias. Morgado (2004) considera que “(...) a cooperação entre professores parece também constituir-se como uma das áreas de maior desenvolvimento potencial” (p.42). Refiro a importância desta cooperação entre os professores, pois poderá levar a que a aprendizagem dos

alunos seja ainda mais significativa. Trindade (2002) refere que a cooperação amplia as possibilidades de sucesso numa determinada tarefa.

17 de outubro de 2011

Chegada à aula a professora entregou aos alunos uma ficha de Língua Portuguesa. Esta constava de um exercício ortográfico. Seguidamente os alunos continuaram a realização da ficha, em que tinham de ler e copiar frases, fazendo a ilustração das mesmas.

Depois a professora entregou a cada aluno uma ficha de Matemática. Os alunos realizaram as situações problemáticas individualmente e, posteriormente, a professora fez a correção no quadro.

De seguida, começou a aula de música, em que os alunos continuaram a iniciação da aprendizagem de flauta. O professor pediu-lhes que referissem as regras das aulas de flauta. A turma tocou o som da polícia, da ambulância e do elevador. Em simultâneo o professor fez individualmente a avaliação de flauta.

Inferência/ Fundamentação teórica

Realço a importância dos alunos aprenderem um instrumento musical durante as aulas de música. Estes mostraram entusiasmo no decorrer da aula, não só pelo facto do professor ser motivador, como também terem gosto pela música. Segundo Cordeiro (2010), “Independentemente dos talentos pessoais (...) há que dar a oportunidade às crianças de aprenderem um instrumento de música” (p.419). O mesmo autor ainda refere que se habituarem a ouvir música, as crianças, desenvolverão os seus próprios gostos e preferências, assim como sentir-se-ão atraídas a experimentar e investigar novos sons e novos ritmos.

18 de outubro de 2011

A professora iniciou a manhã de atividades por distribuir a cada aluno uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa. Após escreverem o nome e a data, os alunos começaram por realizar um exercício caligráfico, seguindo-se um exercício para ordenar palavras e formar uma frase. De seguida, foram para o recreio.

Posteriormente, a turma voltou para a sala e a professora solicitou a dois alunos que fossem ao armário e distribuíssem pelos colegas o material matemático, Calculadores Multibásicos. Seguidamente os alunos retiraram as placas da caixa e representaram por cores o número ditado pela professora. Depois os alunos fizeram a leitura do número, repetindo-se o exercício com diferentes números ditados pela professora. De seguida, foi distribuído por estes uma proposta de trabalho de

Matemática com leitura de números. Para finalizar a manhã de atividades a professora deixou que os alunos explorassem o material livremente.

Inferência/ Fundamentação teórica

Duarte (2008) refere que “Não é difícil imaginar o elevado grau de complexidade inerente à tarefa de fazer corresponder um som de fala a um grafema quando desempenhada por crianças que não conseguem ainda segmentar o contínuo sonoro (p.7). Deste modo saliento o facto, das crianças terem alguma dificuldade em organizar as palavras e formar frases, pois estas implicam uma maior compreensão do código linguístico.

Alguns alunos conseguem juntar as palavras e formar frases, outros, para quem este processo é complexo, tiveram de pedir ajuda ao adulto.

Oliveira (2007) considera que “Ensinar um aluno a falar, ler e a escrever é dar-lhe o poder comunicativo para a intervenção e compreensão científica do Mundo que o rodeia” (p.8).

21 de outubro de 2011

Foi-nos solicitado pela professora que ajudássemos a arrumar no dossiê as propostas de trabalho realizadas durante a semana. Enquanto arrumávamos as fichas os alunos começaram por escrever o cabeçalho na folha de Língua Portuguesa, seguindo-se a ilustração da imagem que estava na ficha. Quando terminaram a professora começou a ditar o exercício ortográfico. Depois deu a noção de frase e não frase, nomeadamente perceber que uma frase começa com letra maiúscula, termina com um sinal de pontuação e tem de fazer sentido. Dialogando com os alunos escreveu diferentes frases e não frases. Os alunos, depois de realizarem a proposta de trabalho sobre a matéria apreendida, foram para o recreio.

Após o recreio a professora fez a explicação do que se entendia por conjunto universal e conjunto singular, partindo do que os alunos sabiam de conhecimentos anteriores. De seguida, realizaram uma proposta de trabalho com exercícios de aplicação sobre a matéria apreendida. Para finalizar o trabalho completaram sequências seguindo a legenda.

Inferência/ Fundamentação teórica

Ao longo do ano letivo as crianças colecionam uma grande diversidade de trabalhos realizados. Nos Jardins-Escolas João de Deus, os trabalhos são arrumados num dossiê, tendo em conta a respetiva ordem cronológica crescente. A ordem de arrumação dos trabalhos poderá ter como objetivo visualizar-se a evolução dos alunos

desde o início do ano ao final do mesmo. De acordo com Trindade (2002), “(...) o portfólio é um instrumento que se constrói, de uma forma planeada e organizada, a partir de uma coleção de trabalhos, produzidos pelos alunos durante um determinado período de tempo” (p.75).

24 de outubro de 2011

A manhã teve início com a Área de Língua Portuguesa, com a revisão da 22ª lição da Cartilha Maternal sobre as vogais nasaladas. A professora fez a revisão solicitando aos alunos exemplos de palavras com estes fonemas. Depois a professora abriu a Cartilha na lição e os alunos leram algumas palavras que se encontravam na mesma. De seguida, foi entregue a cada aluno uma proposta de trabalho com exercícios de aplicação, nomeadamente exercícios em que os alunos tiveram de legendar imagens (avião, balão e cão). Depois copiaram uma frase. Posteriormente foram para o recreio.

Após o recreio a professora entregou uma proposta de trabalho de Matemática, com exercícios de lateralidade, interior e exterior, utilizando imagens de peixes e gatos. Os alunos tiveram de pintar os animais seguindo a legenda.

De seguida, chegou o professor de música e iniciaram mais uma aula com avaliação de flauta e canto.

Inferência/ Fundamentação teórica

Os alunos no exercício onde tinham de legendar as imagens, apresentaram algumas dificuldades, nomeadamente na troca de letras ou mesmo o não saberem escrever as palavras pretendidas. Segundo Sim-Sim *et. al.*, (1997), “A expressão escrita consiste no processo complexo de produção de comunicação escrita. Tal como a leitura, não é uma atividade de aquisição espontânea e natural” (p.30).

Aprender um código alfabético é algo complexo para as crianças do 1º Ciclo, apesar destas aprenderem com facilidade quando bem agrupado e organizado na mente da criança.

De acordo com Duarte (2008),

Aprender um código alfabético envolve obrigatoriamente a transferência de unidades do oral para a escrita, logo, a primeira tarefa da escola deve ser a de promover, através de um treino sistemático, o desenvolvimento da sensibilidade de aspetos fonéticos da língua (p.8).

Azevedo (2000) refere que a escrita é uma “(...) técnica que é preciso aprender, pois não é o tipo de conhecimento que se adquire, se guarda e a que se recorre sempre

que necessário” (p.43). Cabe ao professor criar estratégias e mecanismos para a aprendizagem da mesma.

25 de outubro de 2011

A professora começou a manhã de aulas com a Área de Língua Portuguesa. Iniciou com a revisão da lição (/m/). Dialogou com os alunos sobre o que estes sabiam sobre esta letra que consta na 21ª lição da Cartilha Maternal. De seguida, os alunos fizeram a leitura de algumas palavras da lição. Posteriormente a professora entregou aos alunos uma proposta de trabalho, sendo esta composta por um exercício em que os alunos tinham de ligar as palavras à respetiva imagem. A seguir tinham de ler e copiar frases, fazendo a ilustração das mesmas. Os alunos permaneceram a resolver a proposta de trabalho até à hora do recreio.

Após o mesmo, a professora entregou a cada aluno uma proposta de trabalho de Matemática, com os seguintes exercícios: completar sequências de 3 em 3 até ao 21, fazer linhas fechadas e linhas abertas, colocar os números por ordem crescente, pintar os números pares e, para finalizar, a ficha tinha um exercício com uma situação problemática e uma sequência de números para obter uma imagem.

Inferência/ Fundamentação teórica

A professora no 1º ano do Ensino Básico deve rever as regras da Cartilha Maternal de todas as lições, pois os alunos nas férias de verão esquecem bastante o que aprenderam. Deste modo é fundamental que a educadora dos 5 anos fale com a professora e passe todas as informações necessárias referentes a cada aluno. Para isso é fundamental o preenchimento do gráfico de leitura.

De acordo com as OCEPE, ME (1997), “o diálogo e a troca de informação entre educadores e professores permitem valorizar as aprendizagens das crianças e dar continuidade ao processo, evitando repetições e retrocessos que as desmotivam e desinteressam” (p.92). As mesmas ainda referem que a colaboração entre os educadores e os professores do 1º Ciclo são facilitadoras para a transição. É importante esta ligação para que o professor saiba informações sobre os alunos e que desta forma sejam capazes de adaptar as suas estratégias às competências adquiridas pelos alunos em anos anteriores.

28 de outubro de 2011

Após entrarmos na sala a professora pediu-nos para arrumar os trabalhos da semana anterior no dossiê. De seguida, entraram as professoras supervisoras da prática pedagógica. Foi-me solicitado uma aula de Língua Portuguesa. Comecei por

fazer a leitura do texto *Fadas precisam-se!*, depois os alunos leram o texto. Posteriormente, fizemos oralmente a interpretação do texto. Após a mesma com o apoio da Cartilha Maternal fiz a revisão da 19ª lição (/s/).

De seguida, fomos para a biblioteca para ter reunião de avaliação de aulas surpresa até à hora de almoço.

Inferência/ Fundamentação teórica

Os alunos que aprendem pelo Método de Leitura João de Deus, aprendem através das regras e do conhecimento implícito das mesmas, através de um estudo mais amplo da fonética e dos modos de leitura. De acordo com Deus (s.d. citado por Deus, 1997), “Não basta ler, é necessário ler com conhecimento de causa” (p.8). As letras não são ensinadas seguindo a ordem alfabética, mas sim das mais simples para as mais complexas. O mesmo ainda refere que “A descoberta de valores e regras a aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtivista que lhes dá muita satisfação” (p.10). O princípio da aprendizagem segundo o poeta João de Deus é passo a passo, ao ritmo de cada criança.

No 1º ano os alunos já sabem ler, contudo e como ainda são pequenos necessitam que no início do ano se volte a fazer uma revisão de todas as lições da Cartilha Maternal. A professora da sala teve de o fazer, pois alguns alunos não conseguiram no Bibe Azul assimilar todas as regras nem aprender o mecanismo de leitura.

4 de novembro de 2011

Hoje fui eu que dinamizei a manhã. Optei por iniciar com a Área de Língua Portuguesa, onde me foi solicitado que trabalhasse a noção de frase aceitável e de frase não aceitável. Desta forma, coloquei duas frases no quadro (uma frase aceitável e uma frase não aceitável) e, dialogando com os alunos, fiz a explicação da diferença existente entre elas. Depois, para uma melhor compreensão por parte dos alunos, solicitei que estes dissessem frases aceitáveis e frases não aceitáveis. Posteriormente e como os alunos já tinham demonstrado não ter dúvidas em relação ao explicado, entreguei um envelope com palavras móveis e os alunos formaram duas frases (uma aceitável e outra não aceitável) e colaram numa ficha.

De seguida, comecei por explicar através de imagens a diferença entre Seres Vivos e Seres Não Vivos. Após as mesmas distribuí por cada aluno um puzzle e os alunos a pares fizeram a construção de imagens que representavam Seres Vivos e Seres Não Vivos. Para sistematização dos conteúdos foi entregue a cada aluno uma ficha e um envelope com imagens que eles tinham de colar no espaço próprio na folha.

Após o recreio comecei por colocar no quadro imagens de figuras geométricas. De seguida, solicitei a dois alunos que distribuíssem pelos colegas um envelope e uma ficha aos colegas. Posteriormente, os alunos construíram um comboio seguindo um molde e depois um palhaço, colando-o na respetiva ficha.

Inferência/ Fundamentação teórica

Realço o facto de considerar esta aula um momento de grande aprendizagem. Durante as estratégias que planifiquei e estruturei nunca pensei que o excesso de material pudesse dificultar o bom funcionamento de uma aula.

Quando planificamos devemos pensar em todas as estratégias. Foi visível, quando apresentei todo o material que os alunos se sentiram confusos com tantos recursos. Concluí que não interessa a quantidade mas a qualidade. Caldeira (2009) refere que “O professor no contexto escolar assume o papel de organizador do ensino” (p.53). A mesma autora ainda refere que as ações realizadas “(...) têm de ter um método adequado” (p.53).

É muito importante sabermos que a estratégia utilizada não foi a mais adequada e tentar mudar e melhorar. Contudo penso que o resultado final da aula após conversa com a professora da sala foi satisfatório.

7 de novembro de 2011

A professora começou a aula a falar com os alunos sobre o fim-de-semana. De seguida, entregou a cada aluno uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa e uma folha com palavras. Os alunos tiveram de cortar as palavras, ordenar e formar uma frase. Depois fizeram a ilustração da mesma.

Posteriormente, a professora solicitou a dois alunos que fossem ao armário do material de matemática buscar o 3º e 4º Dons de Froebel. Depois abriram a caixa e fizeram a construção da escada e da mobília de sala. A professora começou por contar uma história, fazendo diferentes situações problemáticas. De seguida, brincaram livremente com o material até à hora da aula de música.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante o momento de estágio no 1º ano não tive a possibilidade de observar nenhuma aula de Estudo do Meio lecionada pela professora. No meu ponto de vista, no nosso processo de aprendizagem e de formação é importante observarmos diferentes práticas, metodologias, como forma de crescermos nos nossos conhecimentos e nos nossos saberes, pois todas as áreas são importantes, cada uma com os seus conteúdos específicos e todas indispensáveis à nossa aprendizagem.

Sprinthall e Sprinthall (1990) referem que “os professores poderão ser o modelo mais importante” (p.255). Enquanto estagiários seguimos modelos e tentamos construir a nossa própria forma de pensar e agir, a partir dos exemplos que observamos retirando deles os aspetos positivos, esquecendo os negativos, consolidando assim a nossa capacidade de crítica e a formação do futuro.

8 de novembro de 2011

A turma começou com a realização de uma ficha de Língua Portuguesa, em que os alunos tinham de circundar as letras pedidas finalizando com o abecedário. De seguida, a Ana teve aula surpresa de Matemática. Foi-lhe solicitado que trabalhasse com o material manipulativo Calculadores Multibásicos, nomeadamente trabalhar a adição. A Ana começou por resolver alguns exercícios com o material, seguindo-se algumas situações problemáticas.

Depois fomos para a reunião de avaliação das aulas surpresa.

Inferência/ Fundamentação teórica

A comunicação, principalmente dentro da sala de aula, é das coisas mais difíceis e complicadas. Nas nossas aulas surpresa devemos pensar que a postura e a comunicação não-verbal, são um facto indispensável para que estas corram bem. A nossa postura demonstra se estamos ou não confiantes e se colocamos os nervos de lado e tentamos passar aquele momento de uma maneira alegre e descontraída, mesmo que seja difícil. Segundo Assunção *et. al.*, (2005), “A linguagem corporal é o tipo de linguagem que se transmite por meio de gestos e posturas. Trata-se de uma comunicação não-verbal, sendo a expressão corporal, as atitudes, o silêncio e o vestuário” (p.9).

Com estas aulas aprendemos a ultrapassar momentos de nervosismos e a ultrapassar as nossas dificuldades, pois depois daquele momento falamos sobre os nossos erros e o que podemos melhorar. Considero esta metodologia de aulas surpresa uma mais-valia enquanto futuros docentes, pois vamos ter momentos de avaliação durante a nossa vida profissional e já sabemos como agir, ganhamos deste modo um *background* considerável!

A Ana mostrou uma grande descontração não sendo notório o seu nervosismo. Conseguir transmitir aos alunos segurança e confiança. Considero que a aula foi um momento agradável de aprendizagem.

11 de novembro de 2011

A manhã teve início com a aula da Ana. Esta começou com a Área de Língua Portuguesa e utilizando a Cartilha Maternal fez a revisão do significado de sílaba, dialogando com os alunos fez a definição da mesma, e como identificar o número de sílabas numa palavra. De seguida, através de exemplos da Cartilha Maternal perguntou aos alunos quantas sílabas tinham as palavras. Ensinou a classificar as palavras quanto ao número de sílabas: monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo. Posteriormente entregou a cada aluno uma ficha para consolidação da matéria dada.

Após o exercício de Língua Portuguesa, deu início à aula de Estudo do Meio. Mostrou diferentes imagens e dialogando com os alunos explicou os diferentes habitats. De seguida, colocou cartolinas no quadro representando respetivamente ambientes terrestres, aquáticos e aéreos.

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia realço o facto da importância da relação do professor com o aluno em sala de aula. Estas crianças apesar de se encontrarem no 1º Ciclo ainda são muito pequenas, e necessitam da atenção e do afeto por parte do professor.

Marchest e Martin (sd. citado em Morgado, 2004) consideram que

(...) o estabelecimento de um clima relacional, afectivo e emocional baseado na confiança e aceitação mútuas, parece constituir um factor extremamente contributivo para a qualidade da ação educativa, uma vez que o afecto, as motivações e a relação interpessoal são elementos essenciais dos processos educativos (p.97).

Não foi visível durante o estágio este afeto e a relação interpessoal, existindo um afastamento e um sentido de autoridade sobre a turma, que permitiu que os alunos se expressassem sobre os seus sentimentos, pensamentos, ou algo que considerassem interessante. Constatei que esta atitude de professor ditador levou a que os alunos em algumas situações se sentissem inibidos e não respondessem ao que lhes era solicitado.

O presente comportamento foi alterando ao longo do tempo que permanecemos nesta sala e por isso foi uma mais-valia para a aproximação e melhoramento da relação entre a professora e os alunos.

14 de novembro de 2011

Após entrada na sala os alunos iniciaram a realização de uma ficha de Língua Portuguesa. Os alunos realizaram a ficha individualmente, seguindo-se a correção no quadro, assim como esclarecimentos de dúvidas dos alunos.

Posteriormente a professora distribuiu pelos alunos uma ficha de matemática, onde estes tiveram de fazer os números de sessenta até setenta, representando através da decomposição de números. Depois, os alunos tiveram de colocar num quadro figuras geométricas de acordo com um código colocado na ficha. Para finalizar a aula a professora colocou no quadro uma sequência e os alunos fizeram a mesma na parte superior da ficha.

Inferência/ Fundamentação teórica

Saliento a importância dos alunos saberem decompor os números de diversas formas. Os alunos mostraram alguma dificuldade em perceberem o mecanismo, mas após alguns exercícios práticos no quadro ficaram esclarecidos.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico, ME (2002), as crianças no 1º ano, devem ter "(...) a compreensão global dos números e a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos e desenvolver estratégias úteis de manipulação dos números" (p.46). Os alunos ao experimentar as diferentes formas de poder decompor o número, desenvolvem o cálculo mental e um conhecimento mais amplo do sistema de numeração, e as diferentes formas de representação.

15 de novembro de 2011

A professora iniciou a sua manhã de atividades, distribuindo por cada aluno o material matemático 3º e 4º Dons de Froebel. Através de uma história os alunos construíram a ponte baixa e a ponte alta. Depois da construção a professora fez oralmente algumas situações problemáticas, utilizando a operação da multiplicação. De seguida, os alunos brincaram livremente com o material até a hora do recreio, fazendo construções conhecidas por estes e outros inventaram novas construções.

Posteriormente a professora fez a leitura da biografia de João de Deus Ramos, dialogando com os alunos sobre a mesma, assim como de aspetos importantes da sua obra. Depois entregou uma ficha de trabalho aos alunos, com perguntas de interpretação e para finalizar o exercício caligráfico em que estes tiveram de copiar o 1º parágrafo do texto.

Inferência/Fundamentação teórica

Foi pertinente a professora ter dialogado com os alunos sobre a bibliografia de João de Deus Ramos, levando a que os alunos conhecessem assim a instituição de ensino onde estudam, assim como o seu fundador.

18 de novembro de 2011

Quando chegámos à sala a professora solicitou-nos que fossemos para a biblioteca fazer o cenário para a festa de Natal, onde permanecemos até à hora do recreio.

Posteriormente, quando voltámos para a sala, a professora fez a introdução ao material manipulativo Calculadoras Papi. Começou por explicar as regras e as características do material. Depois, fez alguns exercícios em que os alunos tiveram de fazer algumas adições.

De seguida, quando terminaram os exercícios fomos novamente para a biblioteca continuar a fazer o cenário.

Inferência/ Fundamentação teórica

A professora solicitou que observássemos o momento em que esta ia dar uma aula utilizando as Calculadoras Papi, sendo esta a primeira vez que os alunos trabalhavam com este material manipulativo da Matemática. Segundo Caldeira (2009), “Estas calculadoras são baseadas no Minicomputador Papy” (p.345). A mesma ainda refere que “Funcionam como um ábaco, que combina o sistema decimal, com o sistema binário e têm como base as cores das peças do material Cuisenaire” (p.345).

A professora trabalhou diferentes situações problemáticas, trabalhando a operação da adição. Caldeira (2009) considera que “O material (...) consiste numa série de placas ou de painéis, divididos em quatro partes, cada uma das partes tem uma cor diferente do material Cuisenaire e representa um valor numérico” (p.345).

Quando a professora disse as regras e os alunos começaram a trabalhar com as Calculadoras Papi, foi notável a compreensão dos alunos da forma como se trabalha com o material. Ficaram tão motivados que solicitaram à professora que fizesse mais exercícios. Deste modo, seria importante que a professora o utilizasse em outros dias, pois os alunos responderam muito bem e com entusiasmo.

1.9. Oitava secção: 2º ano, Turma B

O presente momento de estágio realizou-se do dia 21 de novembro de 2011 a 14 de fevereiro de 2012, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, na sala do 2º ano B com a professora Margarida.

1.9.1. Caracterização do grupo

A turma do 2.º Ano A é constituída por vinte cinco alunos, dez do género masculino e cinco do género feminino.

Segundo informações fornecidas pela professora titular de turma, dois alunos revelam dificuldades de aprendizagem.

1.9.2. Caracterização do espaço

A sala do 2º ano está situada no 1º andar do Jardim-Escola. Tem vinte e seis mesas, expostas em grupo de dois e uma secretária para a professora. Possui dois quadros verdes, de ardósia. É um espaço amplo, com boa iluminação natural. Tem janelas grandes numa das paredes.

A sala tem duas estantes onde a professora guarda os dossiês e os materiais dos alunos. Numa das paredes existem placares onde a professora coloca os trabalhos dos alunos, assim como alguns conteúdos da matéria dada.

1.9.3. Rotinas

As rotinas do 2º ano são similares às restantes turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico. No Quadro 10 apresento o horário desta turma.

Quadro 10 – Horário do 2º ano

HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
09:00	Assembleia de turma				
09:30	Assembleia de turma				
09:30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11:00	11h20 - 12h00 (Quilómetros) Clube de Ciências	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11:00	Recreio/Higiene				
11:40	Recreio/Higiene				
11:40	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12:50	Higiene/Almoço				
13:30	Higiene/Almoço				
13:30	Recreio/Higiene				
14:30	Recreio/Higiene				
14:30	Música	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Informática
15:30	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Educação Física	Expressão Plástica
16:30	Estudo do Meio	Estudo do Meio	16h/17h Biblioteca	Area projeto	Expressão Plástica
17:00	Higiene/Lanche / Saída				
17:00	Higiene/Lanche / Saída				
17:15	Higiene/Lanche / Saída				

1.9.4. Relatos diários

21 de novembro de 2011

Os alunos iniciaram a manhã a arrumar no dossiê de casa uma ficha informativa com a matéria que estes tinham de estudar para o teste. De seguida, arrumaram trabalhos corrigidos no dossiê da escola.

Posteriormente a professora entregou aos alunos a proposta de trabalho de Língua Portuguesa. De seguida, a professora iniciou o exercício ortográfico de palavras.

De seguida, os alunos foram para o recreio brincar livremente. Depois a professora entregou a cada aluno a proposta de trabalho de Matemática, onde os alunos escreveram o sumário e a lição. Posteriormente esta pediu a dois alunos para irem ao armário buscar o material Calculadores Multibásicos e entregar a cada aluno uma caixa. De seguida, os alunos abriram a caixa e a professora explicou como faziam a prova real pela mesma operação, e a prova dos nove. Para iniciar a explicação começou por fazer duas adições e, a partir destas, iniciou as provas. Os alunos resolveram alguns exercícios, para consolidarem o aprendido. Enquanto fez as provas foi fazendo algumas perguntas sobre o resultado, nomeadamente: qual o algarismo de maior valor relativo?, e absoluto?. Pediu que lessem o número por classes e por ordens, entre outros. Depois solicitou que arrumassem a caixa para irem almoçar.

Inferência/ Fundamentação teórica

Como é referido no Programa de Matemática do Ensino Básico, ao longo do 1º Ciclo, os alunos desenvolvem a compreensão do sistema de numeração decimal, aprendendo a ler e a representar números, pelo menos até ao milhão. Como refere o Currículo Nacional do 1º Ciclo do Ensino Básico, ME (2002), os alunos devem ter “Sensibilidade para a ordem de grandezas de números” (p.46).

O professor, ao utilizar este material, cria entusiasmo nos alunos, possibilitando ambientes propícios à aprendizagem. Devemos deixar as fichas de parte e trabalhar mais com objetos concretos ou situações do dia-a-dia, criando assim desafios e empenho dos alunos e o gosto pela Matemática e sobre tudo o que a envolve.

De acordo com a Organização Curricular e Programas do Ensino Básico, ME (2004),

Caberá ao professor organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria Matemática constitui para elas. (p.161).

É cada vez mais importante que o professor encontre estratégias diversificadas e sempre que possível utilize materiais manipuláveis.

22 de novembro de 2011

A professora começou a manhã com a aula de Matemática. Distribuiu uma ficha de trabalho pelos alunos, onde estes escreveram o cabeçalho e o sumário. Depois a professora fez a avaliação das tabuadas oralmente, perguntando aos alunos diferentes

tabuadas e registando a sua avaliação. Após a mesma os alunos começaram a fazer a proposta de trabalho. Depois de resolverem cada exercício a professora solicitou a um aluno que fosse fazer a respetiva correção no quadro. A ficha tinha exercícios diversificados, nomeadamente, leitura de números, operações aritméticas e prova real pela mesma operação. A professora solicitou a um aluno que fosse ao quadro resolver um exercício. Este, orgulhosamente, não foi capaz de dizer que não sabia, permanecendo no quadro algum tempo, só depois começou a chorar. A professora levou-o a perceber que não sabemos tudo e que temos de o admitir. Depois os alunos foram para o recreio.

Seguidamente, a professora distribuiu uma ficha de Língua Portuguesa, começando por fazer a leitura modelo do texto *O mealheiro*. Depois foi a vez da leitura dos alunos. De imediato foi feita oralmente a interpretação e a análise gramatical do texto, revendo conteúdos aprendidos em aulas anteriores. Depois os alunos continuaram a fazer a ficha individualmente enquanto a professora falou com as alunas estagiárias do 2º ano. A professora falou ainda com os alunos sobre o mau comportamento que estes tinham tido no dia anterior na aula de Expressão Plástica.

Inferência/ Fundamentação teórica

O comportamento que os alunos apresentam normalmente, quando não está a professora titular na sala, é pouco desejado, pois tentam levar ao limite a paciência do adulto. A professora falou com os alunos sobre os seus comportamentos, fazendo-os refletir sobre as atitudes, de modo a que estes melhorem. Deste modo, devemos educar os alunos a saber respeitar os outros e as regras importantes para que tudo corra bem, como forma de os sensibilizar para a vida futura, onde vão ter de respeitar as regras da sociedade. Segundo Urra (2007), “A interiorização das regras, valores, juízos é uma parte importante do desenvolvimento individual, social e moral” (p.133). Contudo não basta dizermos que estes erraram, mas devemos fazê-los perceber que se esse comportamento se repetir mais vezes será necessária uma punição.

A professora falou com os alunos, mas o comportamento não adequado repetiu-se mais vezes.

28 e 29 de novembro, 5,6 e 9 de dezembro de 2011

Durante a manhã destes cinco dias eu e o meu grupo de estágio, assim como o grupo de estágio da outra turma do 2º ano, estivemos no ginásio a preparar os materiais e os cenários para a festa de Natal.

Inferências/ Fundamentação teórica

Durante a preparação para a festa os alunos ensaiaram a peça de teatro que iam apresentar aos pais, familiares, amigos, professores e colegas.

De acordo com Hohmann e Weikart (2011), “O mundo em que vivemos está a mudar rapidamente, não conhecemos os desafios que as crianças com as quais estamos a trabalhar enfrentarão, quando forem adultos, mas sabemos que, de modo a vencer estes desafios, as crianças têm de ser criativas” (p.131). Considero importante que se trabalhe a Expressão Dramática pois através da representação estes poderão desenvolver capacidades e expor os seus sentimentos. Penso que na escola, os professores deviam trabalhar mais vezes à arte de representar, livre ou orientada.

Quando ensaiam para a peça de teatro as crianças desenvolvem capacidades de memorização, pois têm de decorar os textos. Cordeiro (2010) refere que “À medida que a idade aumenta, a capacidade das crianças para decorar papéis e representar peças escritas por outros é maior” (p.423). Este ato é muito importante pois isso “é indispensável para compreender o mundo e as pessoas” (p.423).

Os alunos durante o tempo de ensaios ficavam muito orgulhosos de si mesmo quando conseguiam decorar os papéis.

12 de dezembro de 2011

No início da manhã de atividades fomos para o ginásio continuar a preparação do cenário. Depois a professora entregou a cada aluno uma ficha de Língua Portuguesa. Nesta havia uma receita com lacunas *Os homens de gengibre*, em que a professora fez o exercício ortográfico das palavras em falta, seguindo-se a leitura do texto pelos alunos. Posteriormente juntaram-se as duas turmas e todos juntos fizeram a receita, nomeadamente, cada aluno fez um homem de gengibre, seguindo a receita.

Depois os alunos foram ter Clube de Ciências até à hora de almoço.

Inferência/ Fundamentação teórica

A finalidade da educação em Ciências é cada vez mais importante, principalmente quando estes ainda estão no 1º Ciclo do Ensino Básico, pois possibilita a formação do cidadão com um papel mais ativo, permitindo um comprometimento com soluções mais equilibradas, sendo estes igualmente capazes de lidar, de forma mais eficaz, com os desafios e as necessidades da sociedade atual. Deste modo, devemos proporcionar à criança ocasiões de observação de fenómenos da Natureza e de acontecimentos sociais que favoreçam o confronto de interpretações.

Saliento a importância das concepções alternativas pois o aluno procura interpretar o mundo à sua maneira. Do ponto de vista de Cachapuz (1995, citado em Martins *et. al.*, 2007), designam-se por concepções alternativas as “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes do esforço consciente de teorização” (p.362).

Desta forma, a criança ao manusear/experimentar os objetos, questiona-se com o que pode acontecer. Se fizer aquela ação repetidas vezes irá chegar a uma explicação por si própria, formando assim uma ideia que para ela faz sentido. Assim essas ideias, vão despertar na criança curiosidade e vontade de observar fenómenos que vivencia no dia-a-dia.

13 de dezembro de 2011

Durante a manhã fomos para o Salão Paroquial, preparar os cenários e ultimar os acessórios para a festa de Natal.

Inferência/ Fundamentação teórica

No decorrer da manhã fomos fazer os últimos preparativos para a festa de Natal e levar os cenários e o material necessário, tendo sido um dia, basicamente, de preparativos, onde não observámos a rotina da sala de aula.

14 de dezembro de 2011

A manhã iniciou-se com a festa de Natal do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade no Salão Paroquial, da Igreja de São João de Brito. A festa deu início com as turmas do Bibe amarelo, seguida das outras turmas da Educação Pré-Escolar. Depois da festa os pais dirigiam-se para a sala da turma do seu filho (a). Aí encontrava-se um lanche de convívio, assim como os presentes dos alunos e a professora entregava o boletim de avaliação do primeiro período. Estivemos na festa o dia todo e após as apresentações de todas as turmas, todas as estagiárias, os professores, as empregadas da escola, assim como o Diretor António Ponces de Carvalho e a Diretora do Jardim-Escola, estivemos num lanche convívio.

Inferência/ Fundamentação teórica

A festa de Natal é o culminar de um processo bastante longo que envolve toda a comunidade educativa, nomeadamente, professores, estagiários, entre outros. É necessário a elaboração de cenários, ensaiar os alunos, pensar nas roupas e nos acessórios, entre outras coisas. Como refere Aguera (2008), “as festas e celebrações

constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças” (p.73).

As crianças devem participar em toda a construção da festa, pois sentem-se pertença da mesma, apesar de muitas vezes não acontecer, devido à escassez de tempo, acaba por ser os adultos a realizar todo o trabalho de preparação. A mesma autora ainda salienta que “as festas, celebrações e outros eventos são acompanhados de ações nas quais as crianças podem e devem participar” (p.73).

16 de dezembro de 2011

A professora começou a manhã por dialogar com os alunos sobre a festa de Natal. Depois, após diálogo, distribuiu pela turma uma ficha de Língua Portuguesa, onde iniciou com a leitura do texto do Manual escolar *O Natal do castelo encantado*. De seguida todos os alunos leram o texto e depois fizeram oralmente a interpretação do mesmo, referindo acontecimentos pertinentes do texto. Posteriormente fez no quadro alguns exercícios gramaticais que estavam presentes na ficha, ou seja, categorias morfossintáticas, família de palavras, entre outros. Depois fez o exercício ortográfico do 1º parágrafo do texto. Os alunos, quando terminaram o trabalho, foram para o recreio comer a bolacha e brincar livremente.

Posteriormente os alunos voltaram para a sala e a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Matemática para os alunos resolverem exercícios com operações, numeração romana, decifrar um código e por fim um exercício de simetria. Depois dos alunos resolverem a ficha, a professora fez a correção da mesma no quadro, esclarecendo as dúvidas.

Inferência/ Fundamentação teórica

É importante realçar o facto da professora no início da aula dialogar de uma forma descontraída, sobre a festa de Natal, criando um momento de descontração em que os alunos tiveram a possibilidade de dizer o que sentiram enquanto estavam no palco. Foi também visível o reforço positivo que esta deu aos alunos sobre as suas atuações e representações, elogiando e valorizando o trabalho de cada um.

A professora ao conversar com os alunos pode observar os seus sentimentos e maneiras de pensar, pois cabe a esta conhecer cada aluno como ser individual, como um ser único. De acordo com Vasconcelos (2005), “Nascemos com a necessidade de partilhar e compreender as ideias, pensamentos e sentimentos das outras pessoas” (p.205).

3 de janeiro de 2012

A professora começou a manhã com a leitura do texto *O Sol mascarado de chuva*. Depois todos os alunos fizeram a sua leitura em voz alta que foi alvo de avaliação. A professora registou a avaliação no respetivo quadro. Seguidamente os alunos esclareceram as suas dúvidas sobre vocabulário que não conheciam e passaram para a interpretação oral do texto. Posteriormente os alunos fizeram o exercício ortográfico do 1º parágrafo do texto. Depois foram para o recreio brincar.

Após o recreio a professora solicitou a dois alunos que distribuíssem o material Calculadores Multibásicos pelos alunos, seguindo-se o trabalho com o mesmo. A professora ditou as peças, utilizando os ferrinhos tocou a quantidade de vezes que os alunos tinham que colocar nas placas. Os alunos fizeram a leitura por cores, por ordens e por classes até à classe dos milhares, sendo os exercícios realizados dos mais simples para o mais complexos.

Inferência/ Fundamentação teórica

Considero importante referir a leitura muito pouco fluída de uma grande parte dos alunos desta turma, nomeadamente pelo facto de alguns soletrarem muitas das palavras. Como os alunos estão muito preocupados numa leitura através da descodificação linguística, muitas vezes não conseguem compreender o assunto do texto, sendo-lhes deste modo difícil fazer a interpretação do mesmo. Por este motivo a professora da sala faz a leitura modelo, para uma melhor compreensão por parte dos alunos. Um dos objetivos do Currículo Nacional do Ensino Básico, ME (2002), na Área de Língua Portuguesa é a “Familiaridade com o vocabulário e as estruturas gramaticais de variedades do Português” (p.19).

É importante referir que os alunos evoluíram bastante em relação à leitura durante a nossa estadia nesta sala.

6 de janeiro de 2012

A manhã teve início com a aula surpresa da minha colega de estágio Ana. Foi-lhe solicitado que desse uma aula de Língua Portuguesa e trabalhar a iniciação aos verbos, nomeadamente o Presente do Indicativo. A Ana começou a sua aula com a leitura modelo do texto *Porque somos todos diferentes?*. De seguida, os alunos fizeram a leitura do mesmo e oralmente fizeram a interpretação do texto. Depois explicou a definição de verbo, introduzindo o tempo Presente.

Após a aula da Ana, foi-me solicitado que desse uma aula utilizando o material Cuisenaire, trabalhando a multiplicação. Comecei a minha aula por pedir aos alunos que

dissessem o valor das peças do material. Depois expliquei como representar com o Cuisenaire a multiplicação, seguindo-se vários exemplos para esclarecimento de dúvidas, fazendo a representação no quadro.

Depois, fomos para a biblioteca com as professoras da equipa de supervisão de estágio para avaliação das aulas lecionadas.

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia saliento a relação que a Ana teve com os alunos durante a sua aula surpresa. Esta interligou o texto com o tema da multiculturalidade, dialogando com os alunos sobre o tema, apelando ao respeito pelas diferenças.

Na minha aula de Matemática senti que os exercícios apresentados não tiveram o nível de dificuldade adequado. Contudo deu para perceber a importância de formular questões de forma correta de forma a aumentar o nível de dificuldade mantendo o aluno motivado na resolução das questões que lhe propomos. Como refere Palhares (2004), “Os bons problemas podem proporcionar a exploração de conceitos matemáticos importantes e reforçar a necessidade de compreender e usar várias estratégias, propriedades e relações matemáticas” (p.7).

9 de janeiro de 2012

A manhã começou com a aula da minha colega Ana. Esta iniciou com a Área de Língua Portuguesa. Deu início à sua aula com a leitura do texto *Elmer e o ursinho perdido*, escrito por David McKee. Depois, após os alunos fazerem a leitura do texto a Ana fez oralmente a interpretação do mesmo, assim como a análise gramatical. Posteriormente fez a introdução aos determinantes, a sua definição, como se dividem e classificam. Terminou a aula com exercícios de aplicação para consolidação do conteúdo ensinado.

Seguidamente deu início à sua aula de Matemática com o tema: Iniciação às unidades de comprimento. Começou por fazer a explicação das unidades de comprimento, as suas características e deu o exemplo de alguns instrumentos de medição. De seguida, solicitou aos alunos que medissem de várias formas um percurso. O objetivo era aprenderem que o metro é uma unidade de comprimento. Depois os alunos mediram as suas secretárias e outros objetos. Posteriormente os alunos foram para o recreio.

Depois da aula de Estudo do Meio a Ana espalhou pela sala diferentes imagens e dialogou com os alunos sobre os meios de transporte. Solicitou-lhes que escolhessem

uma imagem que se encontrasse na sala e a colocassem no local representado num quadro com a legenda: aéreo, fluvial/marinho e terrestre.

Inferência/ Fundamentação teórica

Na minha opinião as imagens utilizadas pela Ana na sua aula de Estudo do Meio foram bastante apelativas e visíveis para todos os alunos. É importante quando estamos a preparar as nossas aulas pensarmos que as imagens e o material que utilizamos têm de ser visíveis para toda a turma. Spodek e Saracho (1998) referem que “(...) as fotografias estimulam a discussão e oferecem informação” (p.335). Os mesmos autores ainda consideram que “As fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não deve conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante” (p.335).

A estratégia utilizada pela Ana e as fotografias que esta trouxe para trabalhar o conteúdo por si preparado favoreceu o sucesso da sua aula, levando a que os alunos participassem e tivessem interesse no que estavam a aprender, respondendo-lhe a todas as questões.

10 de janeiro de 2012

Neste dia a manhã de atividades foi dinamizada por mim. Comecei com a leitura do texto *O aquário* de Nazaré de Castro. Depois dialogando com os alunos, fiz a interpretação de aspetos importantes do texto. De seguida, pegando em algumas palavras do mesmo e revendo a definição de determinante dada pela Ana no dia anterior, expliquei uma subclasse dos determinantes, nomeadamente os determinantes artigos definidos. Solicitei aos alunos que vissem todas as palavras sublinhadas, depois entreguei uma ficha onde estes tinham quatro aquários com a seguinte legenda cada um: Determinante artigo definido masculino do singular, determinante artigo definido feminino do singular, determinante artigo definido masculino do plural e por fim determinante artigo definido feminino do plural. Depois entreguei um envelope com peixes com os determinantes escritos por cima de cada um, que os alunos tinham de colar no respetivo aquário.

Após a atividade distribuí pelos alunos o material Cuisenaire. Depois questionei-os sobre o valor das peças. Os alunos experimentaram várias peças para comprovarem as suas medidas (Figura 23). Seguidamente levei os alunos a chegarem à definição de perímetro, levando-os a fazer o cálculo de várias peças. Depois, para finalizar, fizeram a construção de uma casa (Figura 24) utilizando as peças do material Cuisenaire. No papel de 1cm fizeram depois a respetiva representação com lápis de cor.

Posteriormente calcularam o perímetro do telhado da casa. Após o mesmo foram para o recreio.



Figura 23 – Comparação das peças do Cuisenaire



Figura 24 - Construção da casa com o material Cuisenaire

Depois do recreio encaminhei os alunos para o ginásio, onde comecei por mostrar imagens com regras da prevenção rodoviária (utilização do cinto, importância da passadeira, respeito pelos semáforos, etc.). Seguidamente distribuí pelos alunos carros, autocarros, táxis e outros meios de transporte terrestre feitos em tamanho grande. Eles tinham de fazer um percurso previamente marcado como se fossem carros, respeitando os sinais e as indicações do mesmo (Figura 25). Para finalizar entreguei uma carta de condução a cada aluno, visto estes respeitarem todas as regras.



Figura 25 - *Circuito automóvel*

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia considero importante realçar a importância da minha aula de Estudo do Meio, porque abordei a prevenção rodoviária a partir dos seus conhecimentos prévios. Brickman e Taylor (1996) referem que “As formas como os professores fazem perguntas e organizam atividades têm por objetivo fomentar a exploração e a descoberta por parte das próprias crianças” (p.71).

De acordo com Hohmann e Weikart (1997), “(...) através da aprendizagem pela acção – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (p.5).

Optei deste modo por fazer uma aula diferente, em que os alunos imaginavam que estavam numa escola de condução e tinham de obedecer a todas as regras. É crucial desenvolver nos alunos o sentido crítico e reflexivo para que estes possam ser melhores adultos e incentivem os pais a fazê-lo e a respeitarem o mundo onde vivemos.

13 de janeiro de 2012

Durante esta manhã, como a professora não esteve, eu e as minhas colegas de estágio do 2º ano ficámos sozinhas com os alunos. A professora da outra turma do 2º ano indicou-nos o que deveríamos fazer com os alunos. Iniciámos as atividades com a leitura do texto *O escaravelho*. Fiz a leitura modelo, seguindo-se a leitura feita por todos os alunos. De seguida, no quadro realizei a revisão dos determinantes artigos indefinidos, explicando-os e pedindo aos alunos para escreverem no quadro exemplos, em que os utilizassem. Seguidamente foi distribuída uma ficha de trabalho, para que

resolvessem os exercícios individualmente, seguindo-se a correção no quadro e o esclarecimento de dúvidas. Depois os alunos foram para o recreio.

Posteriormente, entregámos a cada aluno uma ficha de trabalho de Matemática sendo esta constituída por exercícios com operações aritméticas. Os alunos fizeram individualmente as operações que foram posteriormente corrigidas no quadro.

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia ficámos com a turma, pois a professora não se encontrava na escola. Realço deste modo a indisciplina presente na sala de aula. Talvez a estratégia adotada por nós não tivesse sido a melhor. Os alunos não tiveram uma participação muito ativa, nem dinâmica, o que os desmotivou. A indisciplina esteve presente durante uma grande parte do tempo, estando os alunos com comportamentos inadequados e bastante agitados. Lopes (2003) considera que a “(...) dificuldade em estimular disciplina surge por não existir um consenso entre professores, alunos e outros intervenientes na vida escolar” (p.28). Devemos criar mecanismos para que as crianças se sintam estimuladas a estarem envolvidas na dinâmica da sala de aula. O mesmo ainda refere que “(...) a indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas” (p.28).

Foi difícil gerir todo este comportamento, mas quando vimos que não devia ser assim, parámos e dialogámos com os alunos sobre as suas atitudes e estes depois tentaram ter uma atitude mais positiva e cooperativa.

16 de janeiro de 2012

Hoje a professora também não esteve presente. Assim, eu e a Ana dinamizámos a manhã de atividades, previamente preparadas pela professora da turma do outro 2º ano. A Ana começou por fazer a leitura modelo do texto *Matilde e Gonçalo na serra*. De seguida, todos os alunos fizeram a leitura de uma parte do texto. Posteriormente fizemos oralmente a interpretação do texto. A seguir entregámos a cada aluno uma ficha de Língua Portuguesa, que estes resolveram individualmente, seguindo-se a correção no quadro e o esclarecimento de dúvidas. Para finalização do trabalho que estavam a realizar fizeram o exercício ortográfico do 1º parágrafo do texto. Depois os alunos foram para o recreio.

Depois do recreio, os alunos tiveram Clube de Ciências, onde a professora começou por entregar o protocolo experimental. De seguida os alunos fizeram a leitura do mesmo e seguiu-se a realização da experiência.

Após o Clube de Ciências entregámos a cada aluno uma ficha de Matemática que realizámos em conjunto, tendo sido solicitado aos alunos que fizessem os exercícios no quadro, seguindo-se a correção dos mesmos.

Inferência/ Fundamentação teórica

Durante este dia que eu e a Ana ficámos com a turma e acompanhámos o trabalho desenvolvido na parte da manhã, percebi que a relação estabelecida entre a professora e os alunos é bastante forte. Muitas vezes tornou-se difícil fazer com que estes nos obedecessem ou mesmo que cumprissem as regras da sala de aula. Segundo Brickman e Taylor (1996), “(...) o aluno quer pôr à prova o professor, utilizando, para isso, tudo aquilo que estiver ao seu alcance” (p.43). Nós sentimos na pele esta situação que nos constrangiou mas também nos fez crescer profissionalmente. Proença (1990) considera que o comportamento do aluno não é dirigido ao professor, mas “(...) para tudo aquilo que o professor representa: a autoridade” (p.43).

Ao longo da manhã tivemos de criar estratégias para que os alunos cumprissem o que lhes solicitávamos sem questionar o porquê de tal decisão. Considero que este foi um momento de aprendizagem e de preparação para a vida futura enquanto docentes, para que estejamos preparados para os desafios que vamos encontrar.

17 de janeiro de 2012

Como a professora chegou mais tarde, ficámos com a turma no 1º momento da manhã. Desta forma, e como os alunos tinham exercícios para acabar da ficha de Matemática do dia anterior, estiveram a fazê-los individualmente, seguindo-se a correção no quadro.

Depois a professora chegou, conversou com os alunos e de seguida, as alunas do 2º ano deram aula. Iniciou uma das alunas que falou sobre as Instituições Sociais. Começou por colocar no quadro um menino e balões, depois dialogando com os alunos levou-os a perceber o que se entendia por Instituições Sociais, associando palavras relacionadas com as mesmas. Posteriormente os alunos retiraram palavras de um saco e colocaram no balão correspondente.

De seguida a outra aluna deu aula, fazendo uma revisão do que a colega disse e introduzindo os serviços públicos presentes na sociedade, falando das suas características e das suas funções. Seguidamente, dividiu a turma em grupos e entregou um puzzle aos mesmos, que estes construíram e depois foram colocar no quadro no serviço público correspondente (encontrava-se no quadro uma tabela com os serviços públicos).

Após a aula as duas colegas fizeram uma ficha de trabalho que os alunos resolveram individualmente para sistematização do aprendido. Depois foram para o recreio.

Depois do recreio a professora ensinou a prova real pela operação inversa da subtração, realizando exercícios de aplicação no quadro.

Inferência/ Fundamentação teórica

A professora ao solicitar aos alunos que estes fizessem as provas, nomeadamente, a prova real pela operação inversa, assim como a prova real pela mesma operação e a prova dos nove, levou a que estes conseguissem perceber se a sua operação estava correta, aprendendo a descobrir e a corrigir o erro automaticamente. Grosso e Ruas (2000) referem que “Para confirmar o resultado de um cálculo, é costume efectuar-se um outro cálculo, chamado prova” (p.121). A criança, com o material Calculadores Multibásicos e manipulando as placas, consegue automaticamente perceber se a operação está correta.

Foi notável a compreensão dos alunos quando a professora ensinou pela primeira vez uma das provas e a vontade de quererem ir ao quadro resolver exercícios para praticar. Deste modo, considero que foi uma aula de Matemática conseguida.

20 de janeiro de 2012

A professora começou com a chamada oral da tabuada do cinco para avaliação. Enquanto fazia as questões ia registando a avaliação na grelha de avaliação. Depois distribuiu pelos alunos uma ficha de Matemática, onde estes tiveram de resolver individualmente exercícios com operações e tabuada dos nove. Após resolverem os exercícios a professora solicitou que alguns alunos viessem ao quadro fazê-los, seguindo-se a correção. Posteriormente fizeram um desenho simétrico com figuras geométricas. Depois foram para o recreio.

Após o mesmo a professora entregou a cada aluno uma ficha de Língua Portuguesa. Depois no quadro fez a revisão do tempo presente do modo indicativo e em simultâneo os alunos conjugaram alguns verbos. De seguida, a professora ditou o exercício ortográfico de palavras.

Inferência/ Fundamentação teórica

Neste dia vou salientar a importância de apelar à memória dos alunos. A tabuada ainda é vista por muitos como uma dificuldade de aquisição, contudo é fundamental trabalhar este conceito, recorrendo a diferentes estratégias. Como refere Marujo *et. al.*, (1999), “(...) a memória é um processo através do qual as pessoas

codificam, armazenam e recordam informação” (p.41). Este ainda refere que a memória “(...) é a capacidade humana necessária à aprendizagem que deve exercitar-se e cultivar-se” (p.41).

É necessário pensarmos que o ensino da tabuada não deve apenas ser um ato de memorização, mas também um processo de mecanização e compreensão. O aluno ao perceber o mecanismo que a envolve, consegue não só memorizar, como também compreender. Esta aquisição é algo que nunca mais esquecemos, quando é bem trabalhada.

23 de janeiro de 2012

Após os alunos entrarem na sala, a professora distribuiu uma ficha de Língua Portuguesa. De seguida realizaram uma atividade de expressão escrita: composição coletiva. Cada aluno deu a sua ideia e a professora escreveu no quadro, depois os alunos copiaram para a folha, o texto final.

De seguida, os alunos fizeram um itinerário com o material Cuisenaire, fazendo a representação no papel com lápis de cor. A professora ditou o percurso, introduzindo algumas questões que os alunos tiveram de resolver operações.

Inferência/ Fundamentação teórica

Com a atividade dos itinerários, utilizando o material matemático Cuisenaire, a criança desenvolve o sentido de lateralidade e de espaço. De acordo com Matos e Serrazina (1996), “É importante notar que a resolução de problemas envolvendo caminhos e labirintos constitui um meio privilegiado de desenvolver a capacidade visual-motora” (p.28).

Oliveira (2003, citado em Caldeira, 2009) considera que “As situações problemáticas que envolvem a escolha de caminhos são susceptíveis de serem trabalhadas com as crianças” (p.173). Caldeira (2009) refere que “O sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objetos que nele existem” (p.173).

O aluno desta faixa etária já tem os conhecimentos para trabalhar estes conceitos, contudo foi perceptível a dificuldade de alguns alunos em resolverem os exercícios e em fazerem corretamente o que lhes foi solicitado. Segundo a autora supracitada, “A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o mundo, que é intrinsecamente geométrico” (173).

24 de janeiro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã de atividades por fazer a leitura em silêncio do texto *Oriana*, de Sophia de Mello Breyner. De seguida a professora fez a leitura modelo do texto, seguindo-se a leitura por alguns alunos. Posteriormente os alunos colocaram as suas dúvidas sobre o vocabulário difícil presente no texto e depois fizeram a interpretação oral do mesmo. A seguir os alunos fizeram o exercício ortográfico. Após a realização do mesmo, estes foram para o recreio.

Após o mesmo, a turma foi tirar a fotografia de turma para o recreio.

Quando regressaram à sala a professora começou por fazer a revisão dos tempos verbais do modo indicativo (presente, passado e futuro), introduzindo o tempo pretérito perfeito. Para sistematização do conteúdo aprendido os alunos realizaram uma ficha de trabalho, nomeadamente exercícios com conjugação do verbo “andar”.

Inferência/ Fundamentação teórica

Com estes textos para trabalhar a Língua Portuguesa, a leitura é encarada como uma obrigação e não uma atividade lúdica, que desenvolva nos alunos o prazer de ler. Sim-Sim (2007) refere que por compreensão de leitura “(...) entende-se a atribuição de significados ao que se lê” (p.7). Os alunos deviam ser estimulados a ler os textos literários não porque estão nos manuais escolares, mas por iniciativa própria. De acordo com Rodari (2006), a criança “(...) lê porque quer saber o que acontece, não porque lhe tenham dado essa tarefa. Lê para si, não para os outros, não para fazer boa figura” (p.167).

27 de janeiro de 2012

Durante a manhã fui assistir às aulas surpresa das minhas colegas de estágio. Comecei por assistir à aula da Inês em que esta fez a leitura de um texto e de seguida fez a introdução aos adjetivos. A Inês começou por fazer a leitura modelo do texto, seguindo-se a leitura de alguns alunos. Depois fez oralmente a interpretação do mesmo, assim como a análise gramatical de matéria dada em aulas anteriores. De seguida, fez a explicação de adjetivo, assim como as suas características. Depois solicitou que alguns alunos dissessem exemplos de frases com o adjetivo alto, dando a introdução aos graus dos adjetivos.

Posteriormente, observei a aula da Filipa. Foi-lhe solicitado que desse uma aula utilizando o material manipulativo Calculadores Multibásicos. Esta começou por pedir aos alunos que abrissem a caixa e depois fez duas situações problemáticas utilizando a

operação da subtração com empréstimo, fazendo a respetiva correção e representação no quadro. Depois fomos para a biblioteca para a avaliação das aulas surpresa com as professoras da equipa de supervisão pedagógica.

Inferência/ Fundamentação teórica

As aulas surpresa deste dia foram ambas dinâmicas, contudo considero importante referir a aula de Matemática porque foram transmitidos conteúdos incorretos. Todos podemos errar pois estamos no processo de aprendizagem, no entanto é necessário ter cuidado com o que transmitimos às crianças, pois estas estão numa fase de aprendizagem. De acordo com as OCEPE, ME (1997) devemos transmitir o conhecimento adequado às crianças de uma turma, para que elas alcancem os objetivos. Segundo a mesma fonte, o educador deve “(...) promover a melhor orientação e encaminhamento da criança” (p.16). É essencial, transmitirmos os conhecimentos corretos, de forma a encaminhar a aprendizagem corretamente.

14 de fevereiro de 2012

A manhã de atividades teve início com as Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional (P.P.A.C.P.). Optei por dar o tema “O esquilo”. Comecei a minha Prova com os alunos sentados em semicírculo no salão. Mostrei um vídeo sobre o esquilo onde era possível visualizar as suas características, assim como outros comportamentos próprios do esquilo no seu habitat natural. Em simultâneo dialoguei com os alunos, sobre o que estes visionavam e sobre as suas vivências. De seguida mostrei um esquilo (Figura 26) verdadeiro, para que os alunos observassem as características ao vivo. Após isso, os alunos fizeram o comboio e foram para a sala.



Figura 26 – *Esquilo*

Depois, e como já estava o material distribuído pelas carteiras, solicitei aos alunos que retirassem da gaveta da mesa a imagem de uma bolota com o texto *Na toca*, de Maria Alberta Menéres (Figura 27). Posteriormente, depois de eu fazer a leitura modelo, os alunos fizeram a leitura do mesmo, seguindo-se uma breve interpretação do texto.



Figura 27 - *Texto de Língua Portuguesa*

Após a mesma, dialoguei com os alunos sobre a noção de sílaba, mostrando um exemplo na Cartilha Maternal. De seguida, coloquei no quadro as palavras: monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo, assim como exemplos de palavras com estas características. Depois solicitei à turma que retirasse um saco da gaveta da mesa com letras móveis e um algarismo móvel. Este representava o número de sílabas que a palavra tinha. Cada aluno fez a sua palavra, classificando-a oralmente quanto ao número de sílabas (Figura 29).

Posteriormente, entreguei a cada aluno o 3º e 4º Dons de Froebel, colocando uma imagem no quadro. Fiz a explicação e solicitei que os alunos construíssem uma árvore (Figura 28). Depois estes pegaram num saco com dez esquilos que tinham em cima da mesa e resolveram oralmente diferentes situações problemáticas. Para finalizar a minha manhã de aulas fiz uma gincana, onde os alunos foram previamente divididos por equipas, e identificados com um colar que tinha um esquilo e uma máscara. Os alunos tinham de fazer um percurso até à piscina e trazer uma bolota. Ganhou a equipa que trouxe o maior número de bolotas.



Figura 28 - Construção da árvore com o 3º e 4º Dons de Froebel.

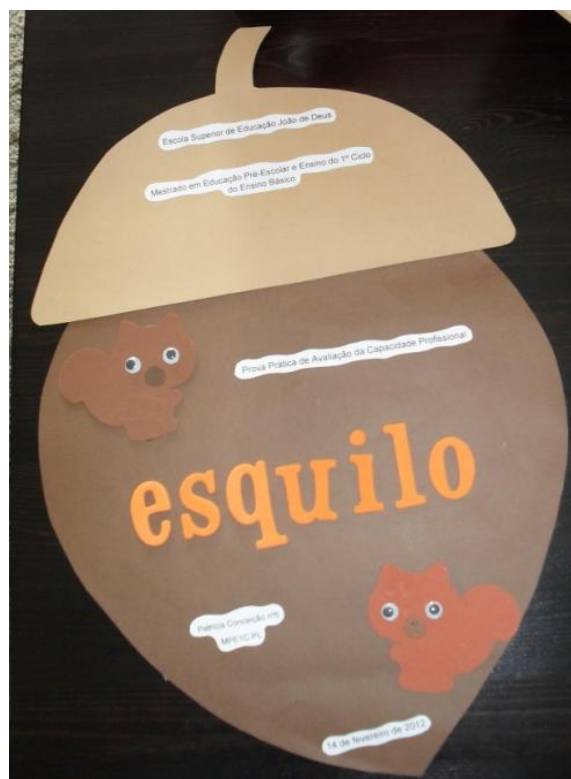


Figura 29 – Página com a palavra feita na aula

Na parte da tarde assisti à aula da minha colega de estágio Jani, sobre as cores. Começou com os alunos no salão e caracterizou-se de Picasso. Com o apoio de um *powerpoint* e dialogando com os alunos, fez uma breve explicação da sua vida e da sua obra. Depois enquanto passava o *powerpoint* fez a interdisciplinaridade com Língua Portuguesa, fazendo a leitura de algumas palavras presentes. Enquanto explicava a profissão de pintor, mostrou alguns objetos utilizados por este profissional. Depois os alunos fizeram comboio e foram para a sala.

Quando entraram na sala a Jani entregou a cada aluno uma pasta com o material necessário para a continuação da aula. Os alunos tiraram uma cartolina em forma de casa, com palavras que tinham de ler e palavras que rimassem com as que tinham na casa. Depois os alunos escreveram as palavras e fizeram a leitura das mesmas. De seguida, os alunos com tinta tentaram descobrir as cores secundárias, seguindo um código entregue pela Jani.

Posteriormente fizeram a construção de um palhaço com figuras geométricas e algumas situações problemáticas. Seguindo-se o jogo no recreio, onde os alunos iam a correr pintar a mão num prato, colocá-la na tela e voltaram para o fim da fila. Ganhou a equipa que terminou primeiro.

No fim da manhã tivemos o *feedback* das nossas Provas dado pela professora da sala e o Júri que assistiu.

Inferência/ Fundamentação teórica

A P.P.A.C.P., foi o culminar de uma meta. Nesta prova podemos escolher nós o tema e pensar que neste dia somos nós os professores daquela turma durante aquele determinado tempo (1h15m).

Muitas vezes torna-se complicado decidir o que vamos fazer e que tema vamos escolher, mas após algum tempo as ideias começam a florir e tudo se transforma e nasce. E assim considero que foi a minha aula. Senti-me muito bem, enquanto preparava todo o material, refletindo sobre o que iria fazer. Serrazina (1991) considera que "(...) as reflexões sobre aprender a ensinar, considerando como um processo complexo e contextualizado, apoiam-se na análise e sobre a caracterização do conhecimento do professor e das suas condições de desenvolvimento" (p.13). A mesma autora ainda refere que "(...) o professor não deve estar apenas atento àquilo que os alunos aprendem, mas também ao modo como desenvolvem as atividades de aprendizagem" (p.92).

A gestão do tempo era o que mais me preocupava. Não sabia como iria desenvolver tudo o que tinha preparado em tão pouco tempo! Basicamente pensei que

o melhor seria deixar desenrolar a aula, sem nervosismo para que conseguisse levar àqueles alunos uma aula diferente. Na verdade consegui cumprir todo tempo estipulado e desenvolver todas as atividades. Segundo Morgado (2004), “(...) um outro aspecto relativo à gestão do tempo prende-se com os sobejamente conhecidos «tempos mortos» na sala de aula, designadamente na transição de atividades.” (p.94).

Após análise e reflexão do que fiz, penso que muitas coisas podiam ter sido melhoradas, mas acima de tudo foi um momento que gostei muito e que me fez crescer enquanto futura profissional.

Capítulo 2

Planificações

2.1. Descrição do capítulo

O presente capítulo encontra-se dividido em três subcapítulos e apresenta as seis planificações de acordo com as atividades que realizei.

A primeira planificação refere-se a uma atividade na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no Bibe Encarnado. A segunda planificação refere-se a uma atividade no Domínio da Matemática, na turma do Bibe Azul. A terceira planificação foi aplicada aos alunos do Bibe Azul no Domínio do Conhecimento do Mundo. A quarta planificação aconteceu no 3º ano na Área da Matemática. A quinta planificação apresentada diz respeito a uma atividade realizada no 4º ano do Ensino Básico, na Área de Língua Portuguesa e a sexta e última planificação foi realizada no 2º ano, na Área do Estudo do Meio.

Todas as planificações foram aplicadas a turmas do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade.

O desenvolvimento do capítulo tem uma determinada ordem de organização que passo a apresentar: inicialmente é apresentada uma breve fundamentação teórica que termina com a apresentação do Modelo T. De seguida, são apresentadas as atividades que foram alvo de planificação, seguidas de fundamentação teórica.

Baseada em Ribeiro e Ribeiro (1990), considero a planificação como uma parte fundamental da componente curricular que deve estar presente em todas as atividades. Esta tem como principal objetivo ajudar o professor a organizar o processo de aprendizagem do aluno. Assim, apresento de seguida uma breve contextualização sobre a importância da planificação nos diferentes níveis de ensino.

As planificações apresentadas refletem a adaptação ao Modelo T de Aprendizagem concebido por Pérez, usadas nos Jardins-Escolas.

2.2. Fundamentação teórica

Planificar é algo muito importante na educação. Esta é um fator importante no desenvolvimento das atividades propostas pelo professor. Segundo Pais e Monteiro (2002), "(...) a planificação trata de otimizar o processo de ensino-aprendizagem" (...) e tem de ser feita previamente" (p.36,37). Os mesmos autores consideram que o professor antes de planificar tem de proceder a uma reflexão, sobre os seguintes aspetos: Como vou ensinar?; O que vou ensinar?; E como poderei saber se os alunos aprenderam?.

Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que “o planeamento curricular seleciona e estrutura experiências e resultados de aprendizagem que se pretende alcançar, definindo assim, um produto.” (p.59)

Zabalza (2000), por sua vez, considera que quando se planifica converte-se uma ideia ou um propósito num objetivo de ação. Por outro lado Escudero (1982, citado por Zabalza, 2000), diz-nos que planificar trata de “(...) prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas” (p.47).

Clark e Peterson (s.d., citado por Zabalza, 2000) consideram dois modos diferentes de tratar a planificação que os docentes realizam. Estes referem que a planificação é “O conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções” (p.49).

A função principal desempenhada pela planificação na escola, segundo Zabalza (2000), é a de “(...) transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino” (p.54).

Segundo Zabalza (2000), estabelecer um plano significa, por um lado, traduzir uma relação com o programa e portanto com o currículo e, por outro lado, com as condições e características do contexto de aprendizagem. O mesmo autor (citado por Braga *et. al.*, 2004), considera que a planificação passa por criar ambientes estimulantes que desenvolvam atividades, ou seja, prever atividades que apresentem conteúdos de forma a tornarem-se significativas e funcionais.

De acordo com Pais e Monteiro (2000), o professor “(...) terá que fazer a escolha que melhor se adequa aos seus propósitos educativos e às condições concretas em que trabalha” (p.34). Estes autores ainda referem que “A planificação poderá ser feita em função de objetivos ou em função de atividades” (p.34).

Os objetivos segundo os mesmos autores são metas úteis e devem ser definidos claramente para que seja possível perspetivar os diferentes níveis de generalização.

Arends (1999) refere que a planificação a curto prazo, nomeadamente os planos diários “(...) esquematizam os conteúdos a ser ensinados, os materiais necessários e os processos de avaliação” (p.59).

As planificações apresentadas são baseadas no Modelo T (Quadro 11), de Martiniani Pérez. De acordo com o mesmo (sd.), a planificação designa-se Modelo T “porque tem a forma de T ou modelo duplo T, porque consta de um T de meios

(conteúdos e métodos-procedimentos) e outro T, porque consta de objetivos (capacidades-destreza e valores-atitudes)” (p.40). Pérez considera que “A pretensão fundamental é articular e sequenciar os conteúdos da perspectiva da arquitectura do conhecimento, elaborar atividades como estratégias de aprendizagem e avaliar conteúdos e métodos em função de objectivos” (p.41).

Quadro 11 – Plano de aula baseado no Modelo T de aprendizagem

<p>Jardim-Escola João de Deus</p> <p>Plano de aula</p>	
<p>Faixa etária: Professora: Data: Duração:</p>	<p>Aluno: Ano: Turma:</p>
<p>Área:</p>	
Conteúdos	Procedimentos/Métodos
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes

Por outro lado Pais e Monteiro (2002) referem que “A planificação de uma aula, não tem obrigatoriamente que ser cumprida na sua totalidade” (p.40). Ainda consideram que “Não é um plano rígido” (p.38), podendo ser alterado de acordo com as necessidades e questões levantadas pelos alunos, percorrendo assim outro caminho.

Pérez (sd.) refere que num modelo de aprender a aprender ensinando a aprender, é necessário explicitar a forma de ensinar a pensar, desenvolvendo capacidades e valores.

Seguidamente, irei apresentar um conjunto de planificações acompanhadas de inferências e fundamentadas cientificamente.

2.3. Planificação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

No Quadro 12 apresento a planificação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita feita no dia 8 de novembro de 2010.

Quadro 12 - Planificação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade	
Plano de aula	
Faixa etária: 4 anos Educadora: Elizabete Data: 8 de novembro de 2010 Duração: 60 minutos	Aluno: Patrícia Conceição Ano: Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico Turma: PL
Área: Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos	Procedimentos/Métodos
José Eduardo Agualusa - <i>A girafa que comia estrelas</i> .	<ul style="list-style-type: none">• Colocar as crianças em semicírculo;• Leitura da história <i>A girafa que comia estrelas</i>;• Em simultâneo fazer a associação de imagens com a história;• De seguida representação da história pelas crianças;• Dialogar sobre a mesma com a turma.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none">➤ Expressão Oral<ul style="list-style-type: none">- Vocabulário➤ Socialização<ul style="list-style-type: none">- Observar- Reconhecer	<ul style="list-style-type: none">➤ Respeito<ul style="list-style-type: none">- Saber ouvir- Compreender
Material: Livro <i>A girafa que comia estrelas</i> ; imagens da história.	
Plano sujeito a alterações	Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferência/ Fundamentação teórica

Comecei a minha atividade por solicitar aos alunos que se sentassem em semicírculo (U), como forma de facilitar a aproximação e a relação com os mesmos, assim como criar um clima agradável. De acordo com Cury (2004), “Sentar em forma de “U” ou em círculo aquieta o pensamento [e] melhora a concentração (...)” (p.125).

De seguida, realizei a leitura da história *A girafa que comia estrelas*, de José Eduardo Agualusa. Optei por esta história porque é um conto infantil cheio de imaginação e fantasia e ao mesmo tempo porque fomenta amizade e o trabalho de equipa. Esta história ajuda a cativar os alunos e a criar hábitos de leitura.

Segundo Hohmann e Weikart (2011), “Através da leitura de histórias às crianças, pelos adultos, cria-se um laço emocional e pessoal muito forte, de forma que as crianças passam a associar a satisfação intrínseca a uma relação humana muito significativa com a história e a leitura” (p.547). O educador ao criar estratégias diversificadas ajuda os alunos a criarem o gosto e o prazer de ler, assim como a autonomia para o fazer por iniciativa própria.

No desenvolvimento da história mostrei as imagens da mesma em tamanho A3. Os mesmos autores referem que “De cada vez que um adulto lê uma história a uma criança, elas começam a identificar as imagens” (p.557). Viana e Silva (2002, citadas por Ruivo, 2009), consideram que “Ler é interpretar as mensagens emitidas pelas variadas e diversas formas de expressão” (p.64). Após a leitura da história, dialoguei com os alunos com o objetivo de lhes proporcionar um desenvolvimento lexical, pois segundo Ruivo (2009), na expressão oral a criança, enriquece o seu vocabulário.

Para finalizar a atividade distribuí uma personagem a alguns alunos e estes fizeram a dramatização, recontando a história. Segundo as OCEPE, ME (1997), “(...) a dramatização de histórias constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não-verbal” (p.60). Segundo Hohmann e Weikart (2011), as crianças ao viverem “(...) experiências directas e imediatas, constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (p.5).

2.4. Planificação da atividade do Domínio da Matemática

No Quadro 13 apresento a planificação no Domínio da Matemática do dia 7 de dezembro de 2010 em que trabalhei com um material não estruturado.

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

Plano de aula

Faixa etária: 5 anos
Educadora: Sofia
Data: 7 de dezembro de 2010
Duração: 60 minutos

Aluno: Patrícia Conceição
Ano: Mestrado em Educação
 Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
 do Ensino Básico
Turma: PL

Área: Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> • Adição e subtração • Situações problemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> • Entregar a cada criança um envelope com alimentizos (simbologia do dinheiro do supermercado alimentezania); • Levar as crianças a fazerem compras no supermercado através de situações problemáticas; • Em simultâneo os alunos terão de ir ao supermercado buscar o alimento e fazer o pagamento do mesmo na caixa registadora.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Raciocínio-Lógico: <ul style="list-style-type: none"> - Fluidez mental; - Interpretar; - Analisar. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solidariedade: <ul style="list-style-type: none"> - Colaborar ➤ Criatividade: <ul style="list-style-type: none"> - Imaginação; - Espontaneidade.
Material: Carro de compras, alimentos de plástico, banca, máquina registadora e dinheiro.	

Plano sujeito a alterações

Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferência/ Fundamentação Teórica

Comecei por solicitar às crianças para se sentarem nos respectivos lugares. De seguida, distribuí por estes um envelope com dinheiro “alimentizos” e “Centamentalizos” (dinheiro inventado por mim). Segundo Moreira e Oliveira (2004), as atividades matemáticas devem basear-se “(...) nas competências matemáticas a desenvolver mas também, nos interesses das crianças” (p.27).

Optei deste modo, por criar um ambiente de supermercado, com todos os acessórios, nomeadamente, uma máquina registadora, alimentos de plástico, carrinho de supermercado e dinheiro, de forma a que a aprendizagem dos conceitos matemáticos fosse mais lúdica. De acordo com Royo (1996, citado em Caldeira, 2009), o material educativo “é aquele que com a sua presença e manipulação provoca a emergência, o desenvolvimento e a formação de determinadas capacidades, atitudes, destreza na criança de modo a possibilitar experiências” (p.16). Ao utilizar este material, quis que a atividade se tornasse mais lúdica e estimulante para os alunos. Segundo as OCEPE, ME (1997), “(...) comprar e vender na “loja” ou em situações da vida real, permitem à criança utilizar dinheiro “a fazer de conta” ou a sério como objectivo social, permitindo ainda diferentes formas de contagem” (p.77).

Deste modo penso que fomentei nos mais pequenos o gosto pela aprendizagem dos conceitos matemáticos e o prazer de aprender através da experimentação, trabalhando o cálculo mental.

2.5. Planificação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo

No Quadro 14 apresento a planificação na Área do Conhecimento do Mundo do dia 7 de dezembro de 2010.

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

Plano de aula

Faixa etária: 5 anos
Educadora: Sofia
Data: 7 de dezembro de 2010
Duração: 60 minutos

Aluno: Patrícia Conceição
Ano: Mestrado em Educação
 Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
 do Ensino Básico
Turma: PL

Área: Conhecimento do Mundo

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Alimentação 	<ul style="list-style-type: none"> Sentar as crianças em semicírculo; Cantar uma música sobre a alimentação com as crianças; Visualizar imagens, explicando a estrutura da roda dos alimentos; Construir com as crianças uma roda dos alimentos (com a base de uma mesa) com alimentos verdadeiros; Explicar a importância de fazermos uma alimentação equilibrada, saudável e variada; Encaminhar cada criança para o seu lugar e realizar uma espetada de fruta (cada criança fará a sua espetada).
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio-Lógico: <ul style="list-style-type: none"> Observar Classificar. 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito: <ul style="list-style-type: none"> Saber ouvir. Criatividade: <ul style="list-style-type: none"> Imaginação: Interajuda.
Material: Alimentos, imagem da roda, fruta, paus de espetada.	

Plano sujeito a alterações

Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferência/ Fundamentação Teórica

Comecei por colocar duas mesas, uma com alimentos e outra com uma roda dos alimentos, feita em cartolina, que os alunos tinham de completar, colocando os alimentos no respetivo grupo.

Segundo as OCEPE, ME (1997), “A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de compreender e saber porquê” (p.79). Deste modo optei por explicar aos alunos que deviam colocar o alimento no grupo que considerassem certo e dissessem o porquê da sua opção. Segundo a mesma fonte, a criança tem de ter oportunidade de contactar com novas situações, que são simultaneamente ocasiões de descoberta. Ainda consideram que devemos tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, sendo um processo facilitador da aprendizagem.

Deste modo considero fundamental adequarmos os conteúdos de forma a que os alunos se sintam motivados. Spodek e Saracho (1998) consideram que os conteúdos “devem atender às muitas necessidades das crianças, à medida que aparecem ao longo do dia e planeando actividades que tragam benefícios educacionais para elas.” (p.22).

Penso que a aula foi adequada à turma pois todos participaram com entusiasmo e com vontade, desde a canção inicial até à visualização das imagens e da confeção das espetadas.

Para finalizar a atividade os alunos construíram uma espetada de fruta como forma de sensibilização a uma prática de alimentação saudável e equilibrada, comendo-a logo de seguida. As OCEPE, ME (1997) referem que é importante a criança perceber porque não deve abusar de determinados alimentos. É cada vez mais importante sensibilizarmos os alunos para uma vida saudável, com hábitos saudáveis, que permitam um crescimento equilibrado.

2.6. Planificação da atividade na Área de Matemática

No Quadro 15 apresento a planificação da atividade na Área de Matemática feita no dia 4 de Abril.

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

Plano de aula

Faixa etária: 8 anos
Professor: Hugo
Data: 4 de abril de 2011
Duração: 60 minutos

Aluno: Patrícia Conceição
Ano: Mestrado em Educação
 Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
 do Ensino Básico
Turma: PL

Área: Matemática

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Situações problemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> Dividir a turma por grupos; Fazer a explicação do jogo e as respetivas regras; Escolher um aluno de cada grupo para ser o porta voz; De seguida iniciar o jogo matemático; As equipas terão de passar por diferentes casas onde irão encontrar situações problemáticas; Ganha a equipa que conseguir chegar ao fim com mais pontos e mais rápido.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Classificação: <ul style="list-style-type: none"> - Observar; - Identificar; ➤ Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> - Relacionar. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - Compreender. ➤ Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> - Interajuda; - Partilha.
Material: Tabuleiro do jogo, pinos, pistas e dado.	

Plano sujeito a alterações

Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferência/ Fundamentação teórica

Antes das crianças entrarem na sala expus as mesas em grupos e fiz a divisão dos elementos de cada grupo.

Iniciei a aula com a distribuição do material a todos os grupos e, ao mesmo tempo, ia explicando as regras do jogo. Este era uma adaptação ao jogo do *Pictionary*. No tabuleiro do jogo existiam diversos desafios, perguntas de resposta e ainda situações problemáticas. Os alunos lançavam o dado e andavam com os pinos a quantidade de casas que este indicava.

Os jogos no meu ponto de vista trabalham a cooperação e a atenção dos alunos e ao mesmo tempo promovem o divertimento e a aprendizagem. Hohmann e Weikart (2011), referem que “é importante que todas as equipas considerem os papéis e as expectativas” (p.145), e que “Ao trabalhar em conjunto, os membros da equipa dedicam tempo para reflectir sobre os seus próprios papéis” (p.149).

Posteriormente fui solicitando aos alunos que lançassem o dado e respondessem aos desafios.

Optei deste modo por uma atividade lúdica, pois esta é facilitadora da aprendizagem. O jogo ajuda e motiva o entusiasmo nos alunos. Caldeira (2009) refere que é através do jogo que a “criança se desenvolve efectivamente, convive socialmente e opera mentalmente” (p.44).

A atividade foi desenvolvida com entusiasmo e os alunos participaram ativamente, permitindo a todos os elementos da equipa interagissem na aprendizagem, cooperando assim entre si.

No jogo, os alunos trabalharam o cálculo mental, as situações problemáticas assim como desafios de lógica.

2.7. Planificação da atividade na Área da Língua Portuguesa

No Quadro 16 apresento a planificação da atividade na Área da Língua Portuguesa feita no dia 6 de junho de 2011.

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

Plano de aula

Faixa etária: 9 anos
Professor: Ana Sofia
Data: 6 de Junho de 2011
Duração: 60 minutos

Aluno: Patrícia Conceição
Ano: Mestrado em Educação
 Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
 do Ensino Básico
Turma: PL

Área: Língua Portuguesa

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Notícia 	<ul style="list-style-type: none"> Dividir a turma em seis grupos de quatro elementos cada; De seguida através de um esquema fazer a explicação dos constituintes da notícia (título, lead e corpo da notícia); Distribuir por cada grupo um envelope com as partes da notícia “A Torre mais inclinada do mundo”; Em conjunto fazer a construção da mesma; Entregar a cada aluno um jornal; Ler e interpretar a notícia construída.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> - Observar; - Comparar; - Analisar. 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - Escutar; - Compreender; - Dialogar.
<p>Material: Fotocópia de uma página de jornal em tamanho A0, exemplares do jornal proposto, esquema da divisão das partes da notícia, envelopes, mensagens.</p>	

Plano sujeito a alterações

Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferência/ Fundamentação teórica

Para lecionar esta aula, optei por utilizar como estratégia, um esquema para sistematizar os conteúdos que os alunos observaram e analisaram. Segundo Herrero (sd.), a observação atenta por parte dos alunos é elementar e “(...) imprescindível para se desenvolver uma prática educativa e eficiente” (p.49). Deste modo coloquei a turma em grupos de quatro para que vissem melhor o esquema. De acordo com Arends (1999), “Por se tratar de um trabalho independente e em que as crianças teriam de estar com atenção ao orientador da atividade, a disposição por filas e/ou colunas é mais indicada” (p.94).

Posteriormente cada grupo ordenou uma frase da notícia. Segundo Pato (1995), o trabalho de grupo “(...) é possível, numa turma, tendo em conta diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos, melhorando assim as competências dos alunos” (p.5). Foi positiva esta interação dos vários elementos do grupo porque desinibiu os mais tímidos. Lopes e Silva (2009) referem que “segundo as perspectivas cognitivas, as interações entre os alunos, irão, por si só, melhorar a aprendizagem do individuo por razões relacionadas com os seus processos mentais” (p.5). Hohmann e Weikart (2011) consideram que “A confiança nos outros permite à criança aventurar-se em ações sabendo que as pessoas de quem ela depende lhe darão encorajamento necessário à realização da tarefa” (p.66).

Após os alunos ordenarem as frases, construímos em conjunto a notícia completa. Depois alguns alunos fizeram a leitura da mesma, assim como a sua interpretação, dialogando sobre o assunto da notícia, nomeadamente o porquê da Torre de Pisa estar inclinada.

A Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo, ME (2004) refere que os alunos devem “(...) comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação” (p.137). A mesma considera que o aluno quando “(...) narra, informa, pergunta, responde, inicia as regras de comunicação oral, enquanto descobre o prazer de comunicar com os outros” (p.139).

2.8. Planificação da atividade na Área do Estudo do Meio

No Quadro 17 apresento a planificação de uma atividade de Estudo do Meio realizada no 2º ano de escolaridade no dia 10 de janeiro de 2012.

Quadro 17 - Planificação da atividade na Área do Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade	
Plano de aula	
Faixa etária: 7 anos Professor: Margarida Data: 10 de janeiro de 2012 Duração: 60 minutos	Aluno: Patrícia Conceição Ano: Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico Turma: PL
Área: Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none">• Prevenção rodoviária	<ul style="list-style-type: none">• Introduzir o tema através de imagens e do diálogo com os alunos;• Simular que os alunos estão numa escola de condução e têm de aprender algumas regras de prevenção rodoviária;• De seguida levar a turma para o ginásio e fazer a representação de uma aula prática de condução;• Dividir a turma em grupos tais como: peões, veículo motorizados, veículos não motorizados, sinais de trânsito;• Os alunos com o respetivo material fazem o percurso correspondente seguindo as regras aprendidas;• Para finalizar a aula entregar a cada aluno a representação de uma carta de condução.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none">➤ Classificação:<ul style="list-style-type: none">- Observar;- Identificar.	<ul style="list-style-type: none">➤ Cooperação:<ul style="list-style-type: none">- Dinâmica;- Colaborar.
Material: Meios de transporte em tamanho A0, imagens, sinais de trânsito.	
Plano sujeito a alterações	Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferência/ Fundamentação Teórica

A Área do Estudo do Meio é uma área que desperta um grande interesse por parte das crianças suscitando-lhes uma grande curiosidade.

Optei por esta atividade através de uma abordagem ao tema da prevenção rodoviária pretendendo que eles fossem elementos ativos na sua aprendizagem. Deste modo, fui para o ginásio e comecei por mostrar algumas imagens com alguns comportamentos desempenhados pelas pessoas enquanto peões ou automobilistas. Os alunos expressaram algumas das suas opiniões e falaram de comportamentos por eles exercidos, assim como pelos seus pais ou adultos que eles conhecem. De acordo com Peneda *et. al.*, (2010), os alunos têm de ter "(...) oportunidade de se desenvolverem como sujeitos sociais e a adquirirem uma cultura elaborada" (p.4). Ainda referem que esta contribuirá para que no futuro, apliquem essa cultura na compreensão e na transformação do mundo actual. Os mesmos autores consideram que "Viver melhor no Planeta Terra pressupõe uma intervenção humana crítica e reflectida" (p.8). Os alunos enquanto refletiam sobre o comportamento dos adultos, davam a sua opinião e o seu parecer, demonstrando o desagrado sobre algumas atitudes realizadas pelos adultos.

Com esta atividade a turma teve a possibilidade de fazer de conta que nesse dia eram eles os adultos e teriam de respeitar as regras por elas consideradas como importantes. Assim, dividi a turma em dois grupos, uns foram peões, outros condutores, e tiveram de fazer um percurso previamente marcado. Segundo Hohmann e Weikart (2011), "Os adultos aprendem muito a partir das atitudes das crianças" (p.79).

No desenrolar da atividade foi visível o olhar crítico dos alunos e a vontade de obedecer a todas as regras presentes no percurso, pedindo para repetir a atividade e dizendo que iam começar a dizer aos pais que tinham de as respeitar para termos uma sociedade mais civilizada.

Capítulo 3

Dispositivos de avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Este capítulo encontra-se dividido em quatro subcapítulos e apresenta os quatro dispositivos de avaliação de acordo com as propostas de trabalho que foram alvo da minha avaliação.

O primeiro dispositivo refere-se à avaliação de uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizada com os alunos do Bibe Azul. O segundo dispositivo refere-se a uma atividade realizada na Área da Língua Portuguesa e o terceiro a uma atividade na Área da Matemática, ambos aplicados a uma turma do 3º Ano do Ensino Básico. O quarto dispositivo foi aplicado aos alunos da turma A do 4º ano de escolaridade na Área de Estudo do Meio.

Todos os dispositivos foram aplicados em turmas do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade e correspondem a avaliações formativas.

O desenvolvimento do capítulo tem uma determinada ordem de organização que passo a expor: inicialmente é apresentada uma breve fundamentação teórica que termina com a apresentação de um quadro com as respetivas cotações definidas para a avaliação das atividades. De seguida, é contextualizada a atividade que foi alvo de avaliação sendo explicada a metodologia usada, os parâmetros e critérios de avaliação aplicados, apresentada a grelha e a sua interpretação assim como a análise conclusiva.

Considerando a avaliação como uma importante componente curricular e que está presente em diversos momentos de aprendizagem do aluno, cujo principal objetivo é melhorar os resultados obtidos, apresento, de seguida, uma breve contextualização sobre a importância da avaliação nos diferentes níveis de escolaridade (Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico), assim como os tipos de avaliação existentes para cada um destes níveis.

3.2. Fundamentação teórica

Avaliar é algo muito importante no ensino básico mas igualmente importante na educação infantil (ensino pré-escolar). Avaliar é um pré-requisito do ato de ensinar e um bom professor, segundo Zabalza (1992, citado em Ferreira, 2007) é aquele que é "(...) capaz de proceder a boas avaliações e dispor de um amplo repertório de técnicas para as efectuar" (p. 219).

Segundo Ferreira (2007), a avaliação predomina na escola sobre a aprendizagem devido à frequência das avaliações e pela importância que os pais, educadores e a sociedade lhe conferem. Independentemente do grau de ensino e de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação tem a função de corresponder a uma

análise das aprendizagens conseguidas, informando os professores e os alunos sobre os conhecimentos adquiridos, assim como as dificuldades presentes.

Os autores supracitados afirmam que a avaliação esteve durante muito tempo associada à classificação e a um paradigma quantitativo que consistia na medição do grau. No entanto, dizem-nos que “não pode existir classificação sem uma avaliação que a completa e fomenta, mas pode existir avaliação sem qualquer classificação”. (p.338)

Segundo Pacheco (1996, citado em Ferreira, 2007), “o significado mais usual de avaliação é dar notas, atribuir uma classificação, integrada numa escala, equivalente a uma medida” (p.13). O mesmo autor considera que a classificação corresponde ao grau obtido pelo aluno numa escala específica, em função do que pretende avaliar.

Segundo os mesmos autores, a avaliação, nesta perspetiva, traduz-se na atribuição de uma nota. Guilford (1982, citado em Leite e Fernandes, 2002) considera que medir é atribuir um número a um objeto ou a um acontecimento de acordo com uma regra logicamente aceitável. Diz também que avaliar e classificar são dois conceitos distintos que se complementam. Taba (1962, citado em Leite e Fernandes, 2002), considera que a educação centra-se em características específicas, delimitadas e bem definidas, enquanto a avaliação depende de medidas mas abrange um perfil mais vasto de características. Classificar não é nem pode ser considerado como sinónimo de avaliar, mas apenas uma das suas dimensões.

Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 “(...) a avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (p.1). Daí ser importante avaliar para poder aferir os conhecimentos dos alunos e programar em conformidade. Ribeiro e Ribeiro (1990) afirmam que “A avaliação é a operação indispensável em quaisquer circunstâncias de ensino e aprendizagem e não a classificação” (p.339). E isto porque, dizem os mesmos autores, “(...) indicar que um aluno obteve a classificação de 2 (numa escala de 5 pontos) esclarece que obteve um resultado abaixo da média e que a aprendizagem não está a decorrer como se desejaria. (p.339). Esta interpretação dos dados, a partir da avaliação levará, como sugerem os autores, que o professor/educador reformule, repense as suas estratégias para que os seus alunos obtenham classificação acima da média.

Assim, há a considerar três tipos de avaliação: a **avaliação diagnóstica**, a **avaliação formativa** e a **avaliação sumativa**. No desenvolvimento do capítulo exponho estes três tipos de avaliação que apresentam formas complementares, e que se diferenciam, não tanto pelas dimensões técnicas e temporais das mesmas, mas pelas finalidades e funções com que são realizadas (Ferreira, 2007).

A **avaliação diagnóstica**, segundo o mesmo autor, tem como função localizar o aluno, assim como pretende determinar se o aluno possui o pré requisito fundamental para iniciar uma nova aprendizagem, para que o professor seja capaz de determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar uma unidade de aprendizagem. Deste modo, segundo Cortesão (2002, citado em Ferreira, 2007), a **avaliação diagnóstica** não pode ser tomada como um rótulo que se cola no aluno, mas sim como um conjunto de indicações que caracterizam o nível de aprendizagem do mesmo.

Na **Educação Pré-Escolar**, segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 a avaliação, "(...) assume uma dimensão marcadamente formativa (...) que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem". A avaliação diagnóstica é feita no início do ano letivo, realizado pelo educador. Este tipo de avaliação pretende conhecer o que cada criança/grupo já sabem ou o que são capazes de fazer, as suas necessidades e os seus interesses. Segundo o mesmo documento, a **avaliação diagnóstica** pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulado com a **avaliação formativa**, de forma a criar estratégias de diferenciação pedagógica, contribuindo para a reformulação do projeto curricular de um grupo e ainda para facilitar a integração da criança ao contexto escolar.

Hadji (1994, citado em Ferreira, 2007) refere que a **avaliação diagnóstica** permite obter uma radiografia do aluno, constituindo um ponto de partida através do qual é possível ao professor ajustar a sua ação, selecionando atividades e objetivos adequados às características dos alunos e à sua situação específica, de modo a criar condições para que possam fazer aprendizagens relevantes e significativas. Este tipo de avaliação está presente no Ensino Pré-Escolar, assim como no 1º Ciclo do Ensino Básico.

O segundo tipo de avaliação presente no Ensino Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico é a **avaliação formativa**. Deste modo, e de acordo com as Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar (2011) este tipo de avaliação é um processo integrado que implica estratégias de intervenção adequadas a cada criança. Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 esta "(...) incide preferencialmente sobre os processos entendidos numa perspetiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da ação" (p.1).

No 1º Ciclo do Ensino Básico a **avaliação formativa** tem essencialmente uma finalidade pedagógica porque está inserida num processo definido de ensino-aprendizagem. Para Hadji (2001, citado em Ferreira, 2007), "(...) a avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve num projeto educativo específico, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende, deixando de lado qualquer outra

preocupação” (p.27). Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação formativa é utilizada no desenvolvimento das unidades de ensino, devendo ser aplicada diversas vezes de acordo com os planos de avaliação estabelecidos. Esta avaliação, ainda que considere os resultados da aprendizagem incide sobre os processos desenvolvidos pelos alunos face às tarefas propostas.

Os mesmos autores propõem a designação **avaliação formativa**, na medida em que a interação crítica consigo próprio, com outros e com o mundo, permite a cada um construir e reconstruir o seu percurso de aprendizagem. Como afirma Hadji (2001, citado em Ferreira, 2007) a avaliação a partir do momento que informa é formativa. Justifica esta posição devido à diversidade de dados recolhidos no contexto da avaliação formativa.

Por outro lado o terceiro tipo de avaliação é a **avaliação sumativa**, que não está presente na Educação Pré-Escolar. Segundo Ferreira (2007), “(...) a **avaliação sumativa** realiza-se no final do processo de ensino-aprendizagem para medir os resultados de aprendizagem dos alunos” (p.30).

A designação «**avaliação sumativa**», foi introduzido por Bloom (1971) para contrastar com aquela que designou por **avaliação formativa**. Segundo o mesmo, a **avaliação sumativa**, procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela **avaliação formativa** e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado. Segundo Bloom (1971, citado por Ribeiro e Ribeiro, 1990), “(...) a **avaliação sumativa** visa uma apreciação muito genérica do grau de consecução de resultados maiores de um curso inteiro ou de uma parte substancial” (p.340).

Deste modo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 refere que “(...) a avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (p.2).

Para terminar este capítulo apresento os dispositivos de avaliação que elaborei, apliquei e classifiquei a partir de uma escala de classificação adaptada da escala de Likert. Esta escala sociométrica, segundo Likert, parte do zero (ponto neutro) e pode ir do *menos ao mais*, do *sempre ao nunca*, do *fraco ao muito bom*. A escala de avaliação que utilizei vai do *fraco ao muito bom* como se pode observar no Quadro 18.

Quadro 18 – Cotação qualitativa

Cotação	Avaliação Qualitativa
0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 -10	Muito Bom

3.3. Dispositivo de avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.3.1. Contextualização

Esta grelha de avaliação diz respeito a uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizada no dia 9 de dezembro de 2010, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, aplicada aos alunos da turma do Bibe Azul B. O dispositivo avaliado foi uma ficha escrita onde constavam exercícios em que os alunos tinham de, primeiro rodear a letra /q/ e a seguir, que pintar as outras letras aprendidas segundo uma legenda apresentada na ficha.

3.3.2. Metodologia

Para realização deste dispositivo de avaliação, foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho (Anexo 1). Iniciei oralmente com a leitura da ficha. De seguida, fiz uma breve revisão dos conteúdos.

Posteriormente os alunos resolveram individualmente e por escrito a ficha de trabalho, tendo sido dados 20 minutos para a realização da mesma. O dispositivo de avaliação foi aplicado aos vinte e oito alunos presentes na sala.

3.3.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para realizar esta avaliação utilizei os seguintes parâmetros: Identificação da letra /q/; Identificação das consoantes /b/, /l/, /t/, /d/.

No parâmetro 1: Identificação da letra /q/, exercício 1, é pretendido que os alunos circundem todas as letras /q/, sendo aplicados os seguintes critérios de avaliação:

- Identifica todas as letras /q/;
- Identifica duas letras /q/;

- Identifica uma letra /q/;
- Não identifica a letra /q/.

No parâmetro 2: Identificação das consoantes /b/, /l/, /t/, /d/, exercício 2, pretende-se que os alunos pintem o comboio segundo a legenda apresentada, sendo aplicados os seguintes critérios:

- Identificou todas as consoantes;
- Identificou três consoantes;
- Identificou duas consoantes;
- Identificou uma consoante;
- Não identificou nenhuma consoante.

De seguida, no Quadro 19, apresentamos a cotação atribuída a cada critério estabelecido no dispositivo de avaliação aplicado, num total de 10 valores.

Quadro 19 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Identificação da letra /q/	Identifica todas as letras /q/	4	4
	Identifica duas letras /q/	2	
	Identifica uma letra /q/	1	
	Não identifica a letra /q/	0	
2. Identificação das consoantes /b/, /l/, /t/ e /d/	Identificou todas as consoantes	6	6
	Identificou três consoantes	4	
	Identificou duas consoantes	2	
	Identificou uma consoante	1	
	Não identificou nenhuma consoante	0	
Total:			10 Valores

3.3.4. Interpretação da grelha de avaliação

No Quadro 20, podemos ver a grelha de avaliação dos parâmetros e critérios avaliados. Nela podemos constatar que num total de vinte e oito alunos, catorze alunos atingiram a classificação de Muito Bom, tendo os catorze atingido a pontuação máxima de dez valores. Três alunos obtiveram a classificação de Bom (três deles tiveram a pontuação de oito valores). Nove alunos tiveram a classificação de Suficiente (seis

tiveram a pontuação de seis valores e três deles, de cinco valores). Os restantes alunos atingiram a classificação de Insuficiente, em que um aluno obteve quatro valores e outro teve três valores.

3.3.5. Análise conclusiva

De seguida, na Figura 30, expomos a classificação percentual dos alunos, pelo que podemos verificar no gráfico apresentado, a turma revelou ter conhecimentos satisfatórios dos conteúdos, pois apenas dois alunos obtiveram resultados negativos. Assim, 50% dos alunos atingiram a classificação de Muito Bom, 11% apresentou a classificação de Bom, 32% atingiu a classificação de Suficiente e 7% atingiu a classificação de Insuficiente.

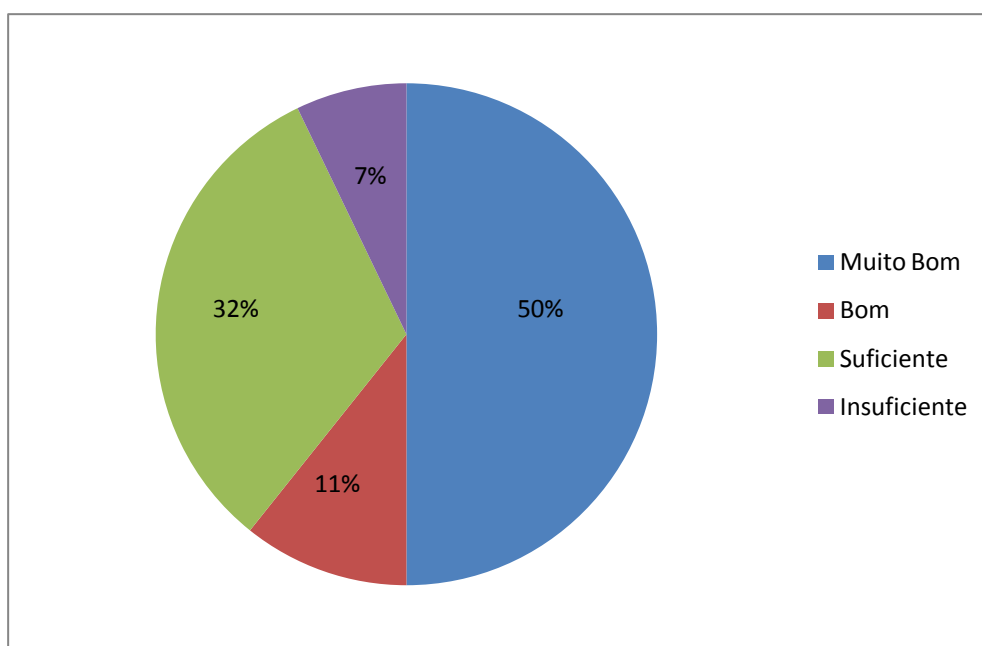


Figura 30 – *Classificação Percentual da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.*

Quadro 20 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros		Identificação da letra /q/			Identificação das consoantes /b/,/l/, /r/, /d/					Cotações
		Identifica todas as letras /q/	Identifica		Identificou todas as consoantes	Identificou três consoantes	Identificou duas consoantes	Identificou uma consoante	Não identificou nenhuma consoante	
Nº do aluno	Duas letras /q/		Uma letra /q/	Não identifica a letra /q/						
1	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
2	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
3	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
4	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
5	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
6	4	0	0	0	0	4	0	0	0	8
7	0	2	0	0	0	4	0	0	0	6
8	0	0	1	0	0	0	2	0	0	3
9	0	2	0	0	0	0	2	0	0	4
10	4	0	0	0	0	0	2	0	0	6
11	4	0	0	0	0	4	0	0	0	8
12	4	0	0	0	0	4	0	0	0	8
13	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
14	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
15	0	0	1	0	0	4	0	0	0	5
16	0	0	1	0	0	4	0	0	0	5
17	0	0	1	0	0	4	0	0	0	5
18	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
19	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
20	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
21	0	2	0	0	0	4	0	0	0	6
22	0	2	0	0	0	4	0	0	0	6
23	0	2	0	0	0	4	0	0	0	6
24	0	2	0	0	0	4	0	0	0	6
25	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
26	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
27	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10
28	4	0	0	0	6	0	0	0	0	10

3.4. Dispositivos de avaliação: Área de Língua Portuguesa

3.4.1. Contextualização

Esta grelha de avaliação diz respeito a uma atividade de Língua Portuguesa, realizada no dia 9 de maio de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, aplicada aos alunos da turma do 3º ano de escolaridade. O dispositivo avaliado foi uma ficha escrita onde constavam exercícios de compreensão de um texto e exercícios de análise gramatical.

3.4.2. Metodologia

Para realização deste dispositivo de avaliação foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho (Anexos 2 e 3). Iniciei a leitura modelo do texto O amor de Pedro e Inês, texto de Vanda Furtado Marques in “O amor de Pedro e Inês contado aos pequenotes” (Anexo 2). De seguida solicitei a alguns alunos que também o lessem. Após a mesma, questionando os alunos de uma forma dirigida, fizemos a interpretação oral do texto, assim como o esclarecimento de dúvidas de vocabulário.

A leitura e a interpretação oral do texto não foi alvo de avaliação.

Posteriormente os alunos resolveram individualmente, e por escrito, a ficha de trabalho (Anexo 3), tendo sido dados 20 minutos para a realização da mesma. O dispositivo de avaliação foi aplicado aos dezassete alunos presentes na sala.

3.4.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para realizar esta avaliação utilizei os seguintes parâmetros: Identificação da palavra em falta (frases lacunares); identificação das palavras na sopa de letras; análise sintática de uma frase e classificação de três palavras quanto à sua acentuação.

No parâmetro 1: Identificação da palavra em falta, exercício 1, é pretendido que os alunos identifiquem no texto palavras que respondam às perguntas. Desta forma foram utilizados os seguintes critérios de avaliação:

- Identificou corretamente todas as palavras;
- Identificou corretamente quatro a seis palavras;
- Identificou corretamente duas a quatro palavras.
- Identificou corretamente uma a duas palavras;
- Identificou corretamente zero palavras.

No parâmetro 2: Identificação das palavras na sopa de letras, exercício 2, pretende-se que os alunos retirem do texto a informação que refira o que jurou D. Pedro após a morte de D. Inês. Os critérios de avaliação presentes no mesmo são:

- Identificou todas as palavras na sopa de letras;
- Identificou quatro a seis palavras na sopa de letras;
- Identificou duas a quatro palavras na sopa de letras;
- Identificou zero a duas palavras na sopa de letras;
- Respondeu incorretamente.

No parâmetro 3: Análise sintática de uma frase, no exercício 3, pretende-se que os alunos analisem sintaticamente a frase apresentada, identificando todos os constituintes presentes na mesma. Os critérios existentes para avaliação dos conteúdos presentes no exercício são:

- Analisou corretamente todos os constituintes presentes na frase;
- Analisou corretamente apenas quatro constituintes presentes na frase;
- Analisou corretamente apenas três constituintes presentes na frase;
- Analisou corretamente apenas dois constituintes presentes na frase;
- Analisou corretamente apenas um constituinte presente na frase;
- Dá uma resposta incorreta.

No parâmetro 4: Classificação quanto à acentuação no exercício 4, pretende-se que os alunos classifiquem quanto à acentuação as três palavras apresentadas no mesmo. Os critérios presentes são os seguintes:

- Classificou corretamente as três palavras;
- Classificou corretamente duas palavras;
- Classificou corretamente uma palavra;
- Respondeu incorretamente.

De seguida, no Quadro 21 apresentamos a cotação atribuída a cada critério estabelecido no dispositivo de avaliação aplicado, num total de 10 valores.

Quadro 21 - Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação na Área de Língua Portuguesa

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Identificação da palavra que falta em frases lacunares	Identificou corretamente todas as palavras	2	2
	Identificou corretamente de 4 a 6 palavras	1,5	
	Identificou corretamente de 2 a 4 palavras	1	
	Identificou corretamente de 1 ou 2 palavras	0,5	
	Identificou 0 palavras	0	
2. Identificação das palavras na sopa de letras	Identificou todas as palavras na sopa de letras	3,5	3,5
	Identificou 4 a 6 palavras da sopa de letras	3,0	
	Identificou 2 a 4 palavras da sopa de letras	2,5	
	Identificou 0 a 2 palavras da sopa de letras	2	
	Respondeu incorretamente	0	
3. Análise sintática de uma frase	Analizou corretamente todos os constituintes presentes na frase.	3,0	3
	Analizou corretamente apenas quatro constituintes presentes na frase.	2,5	
	Analizou corretamente apenas três constituintes presentes na frase.	2,0	
	Analizou corretamente apenas dois constituintes presentes na frase.	1,5	
	Analizou corretamente apenas um constituinte presente na frase.	1,0	
	Dá uma resposta incorreta.	0	
4. Classificação quanto à acentuação	Classificou corretamente as três palavras.	1,5	1,5
	Classificou corretamente duas palavras	1,0	
	Classificou corretamente uma palavra	0,5	
	Respondeu incorretamente	0	
Total:			10 Valores

3.4.4. Interpretação da grelha de avaliação

No Quadro 22 consta a grelha de avaliação dos parâmetros e critérios avaliados. Nela podemos observar que num total de dezassete alunos, oito alunos atingiram a classificação de Muito Bom, tendo três alunos atingido a pontuação máxima de dez valores. Quatro alunos obtiveram a classificação de Bom (dois alunos tiveram a pontuação de oito valores e meio e um oito valores). Os restantes cinco alunos atingiram a classificação de suficiente, em que quatro obtiveram seis valores e meio e as restantes seis valores.

3.4.5. Análise conclusiva

De seguida, na Figura 31, exponho a classificação percentual dos alunos. Pelo gráfico apresentado podemos verificar que a turma revelou ter conhecimento satisfatório

dos conteúdos, pois todas obtiveram resultados positivos. Assim, 47% dos alunos tiveram a classificação de Muito Bom, 24% a classificação de Bom e 29% de suficiente.

Concluimos que a turma atingiu os objetivos pretendidos.

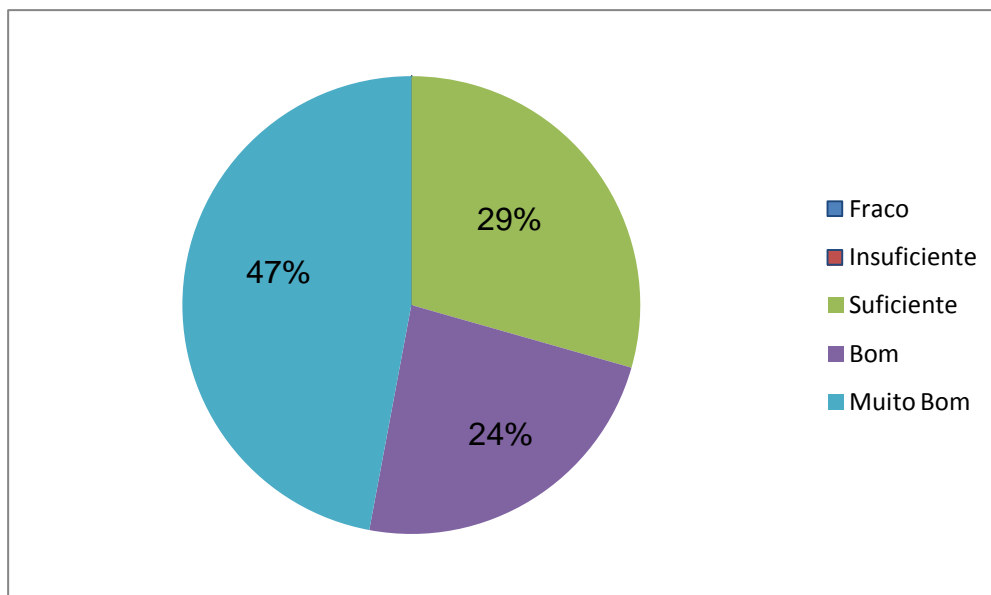


Figura 31 – Classificação percentual da atividade de Língua Portuguesa.

Quadro 22 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa.

Parâmetros	Identificação da palavra em falta				Identificação das palavras na sopa de letras				Análise sintática de uma frase						Classificação quanto à acentuação			Cotações			
	Identifica todas as palavras	Responde corretamente			Ident. 0 palavras	Ident. todas as palavras	Ident. 4 a 6 palavras	Ident. 2 a 4 palavras	Ind. 0 e 2 palavras	Resp. inc.	Analisou corret. todos os Const.	Anal. 4 consti	Anal. 3 const.	Anal. 2 const.	Anal. 1 Const.	Dá uma resp incorreta	Class. 3 palavras		Class. 2 palavras	Class. 1 Palavra	Resp Inc.
4 a 6 palavras		2 a 4 palavras	1 a 2 palavras																		
Nº do aluno																					
1	2	0	0	0	0	0	0	2	0	3	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	8,5
2	2	0	0	0	0	0	0	2	0	3	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	8,5
3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	6,5
4	0	1,5	0	0	3,5	0	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	9
5	0	0	0	0,5	0	0	0	2	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	6,5
6	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	6
7	0	1,5	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	6,5
8	2	0	0	0	3,5	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	10
9	2	0	0	0	3,5	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	9,5
10	2	0	0	0	0	0	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	9
11	2	0	0	0	3,5	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	9,5
12	2	0	0	0	3,5	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	10
13	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	2	0	0	0	0	1,5	0	0	0	6,5
14	0	1,5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	8
15	0	0	0	0,5	0	0	2,5	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	7
16	2	0	0	0	3,5	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	10
17	2	0	0	0	0	0	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	0	9,5

3.5. Dispositivos de avaliação: Área de Matemática.

3.5.1. Contextualização

Esta avaliação diz respeito a uma atividade de Matemática realizada no dia 9 de maio de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, aplicada aos alunos do 3º ano de escolaridade. O dispositivo avaliado constava de uma ficha com quatro questões sobre cálculo de volumes e a comparação de sólidos com maior e menor volume. A terceira apresentava uma situação problemática.

3.5.2. Metodologia

Para realização deste dispositivo de avaliação foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho (Anexo 3). Dialogando com eles fiz a explicação do cálculo do volume. De seguida, os alunos fizeram oralmente alguns exercícios de aplicação.

Posteriormente os alunos resolveram individualmente e por escrito a ficha de trabalho, tendo sido dados 30 minutos para a realização da mesma. Este dispositivo de avaliação foi aplicado aos dezassete alunos presentes.

3.5.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para realizar esta avaliação utilizei os seguintes parâmetros: Cálculo do volume, comparação de volumes e a resolução de uma situação problemática.

No parâmetro 1: Cálculo do volume, exercício 1, é pretendido que os alunos indiquem o volume dos diferentes sólidos apresentados com tamanhos e formas diferentes utilizando como unidade de volume um cubo. Desta forma, foram utilizados os seguintes critérios de avaliação:

- Calculou corretamente o volume de todas as figuras;
- Calculou corretamente o volume de uma figura;
- Calculou corretamente o volume de duas figuras;
- Calculou incorretamente o volume de todas as figuras.

No parâmetro 2: Comparação de sólidos, exercício 2, pretende-se que os alunos identifiquem o sólido com maior e o sólido com menor volume, fazendo assim a comparação dos mesmos.

Os critérios presentes para avaliação dos conteúdos são:

- Identificou o sólido com maior volume e o sólido com menor volume;
- Identificou o sólido com menor volume;
- Identificou o sólido com maior volume;

- Respondeu incorretamente a ambas as questões.

No parâmetro 3: Identificação do volume, exercício 3, pretende-se que os alunos calculem o volume de um sólido, utilizando outro sólido. Foram utilizados os seguintes critérios de avaliação:

- Respondeu corretamente;
- Respondeu incorretamente.

De seguida, no Quadro 23, apresentamos a cotação atribuída a cada critério estabelecido no dispositivo de avaliação aplicado, num total de 10 valores.

Quadro 23 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação na Área de Matemática.

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Cálculo do volume	Calculou corretamente o volume de todas as figuras.	3	3
	Calculou corretamente o volume de duas figuras.	2	
	Calculou corretamente o volume de uma figura.	1	
	Calculou incorretamente o volume de todas as figuras.	0	
2. Comparação de volumes	Identifica o sólido com maior volume e o sólido com menor volume.	2	2
	Identificou o sólido com menor volume	1	
	Identificou o sólido com maior volume	1	
	Respondeu incorretamente a ambas as questões	0	
3. Identificação do volume	Respondeu corretamente.	5	5
	Responde incorretamente	0	
Total:			10 Valores

3.5.4. Interpretação da grelha de avaliação

No Quadro 24, apresentamos a grelha de avaliação dos parâmetros e critérios avaliados. Nela podemos constatar que num total de dezassete alunos, dez alunos atingiram a classificação de Muito Bom, atingindo a pontuação máxima de dez valores.

Quatro alunos obtiveram a classificação de Bom (três alunos tiveram a pontuação de oito valores e um sete valores). Um aluno obteve a classificação de Suficiente e os restantes três alunos tiveram uma classificação negativa. Destes um teve fraco, com a classificação de dois valores, os restantes obtiveram a classificação de Insuficiente, com quatro valores.

3.5.5. Análise conclusiva

De seguida, na Figura 32, expomos a classificação percentual dos alunos. Pelo gráfico apresentado podemos verificar que a turma revelou ter conhecimento satisfatório dos conteúdos, pois apenas três alunos obtiveram classificação negativa.

Assim podemos dizer que 53% dos alunos tiveram a classificação de Muito Bom, 23% a classificação de Bom, 6% tiveram a classificação de Suficiente, 12% a classificação de Insuficiente e por fim 6% a classificação de Fraco.

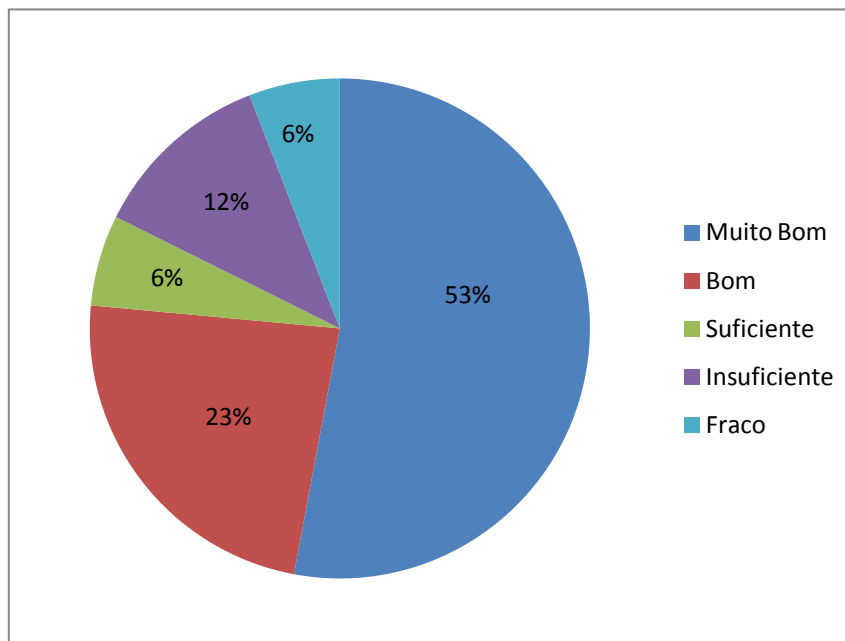


Figura 32-*Classificação percentual da atividade de Matemática*

Quadro 24 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação de Matemática

Parâmetros	Cálculo do volume			Comparação de sólidos			Identificação do volume		Cotações	
	Calculou corretamente		Responde incorretamente	Responde corretamente	Identifica o sólido com > volume	Identifica o sólido com < volume	Responde incorretamente a ambas as questões	Responde corretamente		Responde incorretamente
	Todas as figuras	O volume de uma figura								
Nº do aluno										
1	3	0	0	0	0	0	0	5	0	10
2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	5
3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	9
4	3	0	0	0	1	0	0	5	0	9
5	3	0	0	0	0	0	0	5	0	9
6	3	0	0	0	0	0	0	5	0	9
7	0	1	0	0	1	0	0	0	0	2
8	3	0	0	0	0	0	0	5	0	10
9	0	1	0	0	0	0	0	5	0	8
10	0	0	2	0	0	0	0	5	0	9
11	0	1	0	0	0	0	0	5	0	8
12	0	0	2	0	0	0	0	0	0	4
13	0	0	2	0	0	1	0	5	0	8
14	0	0	2	0	0	0	0	0	0	4
15	0	0	2	0	0	0	0	5	0	9
16	0	0	2	0	0	0	0	5	0	9
17	0	1	0	0	1	0	0	5	0	7

3.6. Dispositivo de avaliação: Área de Estudo do Meio

3.6.1. Contextualização

Esta grelha de avaliação diz respeito a uma atividade de Estudo do Meio, realizada no dia 29 de junho de 2011, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, aplicada aos alunos da turma do 4º ano de escolaridade. O dispositivo avaliado foi uma ficha escrita onde constavam exercícios sobre o estado da matéria e da água.

3.6.2. Metodologia

Para realização deste dispositivo de avaliação foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho (Anexo 5). Iniciei com a explicação dos estados da matéria. De seguida, questionando os alunos de uma forma dirigida, fizemos a revisão da matéria aprendida, assim como o esclarecimento de dúvidas.

Posteriormente os alunos resolveram individualmente e por escrito a ficha, tendo sido dados 20 minutos para a realização da mesma. Este dispositivo foi aplicado aos vinte e quatro alunos presentes na sala.

3.6.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para realizar esta avaliação utilizei os seguintes parâmetros: Identificação dos estados da água; associação de conceitos: sólido, líquido e gasoso; Identificação do gás existente no ar e por último a associação da imagem ao estado da matéria correspondente.

No parâmetro 1: Identificação dos estados da água, exercício 1, é pretendido que os alunos identifiquem os estados: sólido, líquido e gasoso. Desta forma foram utilizados os seguintes critérios de avaliação:

- Identifica todos os estados da água;
- Identifica dois estados da água;
- Identifica um estado da água;
- Responde incorretamente.

No parâmetro 2: Associação de conceito: sólido, líquido e gasoso, exercício 2, pretende-se que os alunos liguem os conceitos apresentados à respetiva definição. Os critérios avaliados são:

- Associa corretamente os conceitos de sólido, líquido e gasoso;
- Associa corretamente dois conceitos;
- Associa corretamente um conceito;

- Não associa corretamente nenhum conceito.

No parâmetro 3: Identificação do gás existente no ar, exercício 3, pretende-se que os alunos identifiquem dióxido de carbono. Desta forma foram utilizados os seguintes critérios de avaliação:

- Identifica o nome do gás;
- Não identifica o nome do gás.

No parâmetro 4: Associação da imagem ao estado da matéria correspondente, exercício 4, pretende-se que os alunos coloquem por baixo das imagens o estado em que se encontra. Foram utilizados os seguintes critérios de avaliação:

- Associa corretamente todos os estados às imagens;
- Associa corretamente dois estados às imagens;
- Associa corretamente um estado às imagens;
- Não responde corretamente

De seguida, no Quadro 25, apresentamos a cotação atribuída a cada critério estabelecido no dispositivo de avaliação aplicado, num total de 10 valores.

Quadro 25 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação na Área de Estudo do Meio.

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Identificação dos estados da água	Identifica todos os estados da água	1,5	1,5
	Identifica dois estados da água	1	
	Identifica um estado da água	0,5	
	Responde incorretamente	0	
2. Associação de conceitos: • sólidos; • líquidos; • gasosos	Associa corretamente os conceitos de sólido, líquido e gasoso.	3	3
	Associa corretamente dois conceitos.	2	
	Associa corretamente apenas um conceito.	1	
	Não associa corretamente nenhum conceito.	0	
3. Identificação do gás existente no ar	Identifica o nome do gás.	2,5	2,5
	Não identifica o nome do gás	0	
4. Associação da imagem ao estado da matéria correspondente	Associa corretamente todos os estados às imagens.	3	3
	Associa corretamente dois estados às imagens.	2	
	Associa corretamente um estado às imagens.	1	
	Não responde corretamente.	0	
Total:			10 Valores

3.6.4. Interpretação da grelha de avaliação

No Quadro 26, consta a grelha de avaliação dos parâmetros e critérios avaliados. Nela podemos observar que num total de vinte e quatro alunos, onze alunos atingiram a classificação de Muito Bom, tendo seis deles atingido a pontuação máxima de dez valores. Nove alunos obtiveram a classificação de Bom (um aluno teve a pontuação de oito valores e meio e cinco de oito valores). Os restantes quatro alunos atingiram a classificação de Suficiente, em que três obtiveram seis valores e meio e os restantes, cinco valores e meio.

3.6.5. Análise conclusiva

De seguida, na Figura 33, expomos a classificação percentual dos alunos. Pelo gráfico apresentado podemos verificar que a turma revelou ter conhecimento satisfatório dos conteúdos.

Assim podemos dizer que 46% dos alunos tiveram a classificação de Muito Bom, 37% a classificação de Bom e por fim 17% a classificação de Suficiente.

Concluimos que a turma atingiu os objetivos pretendidos.

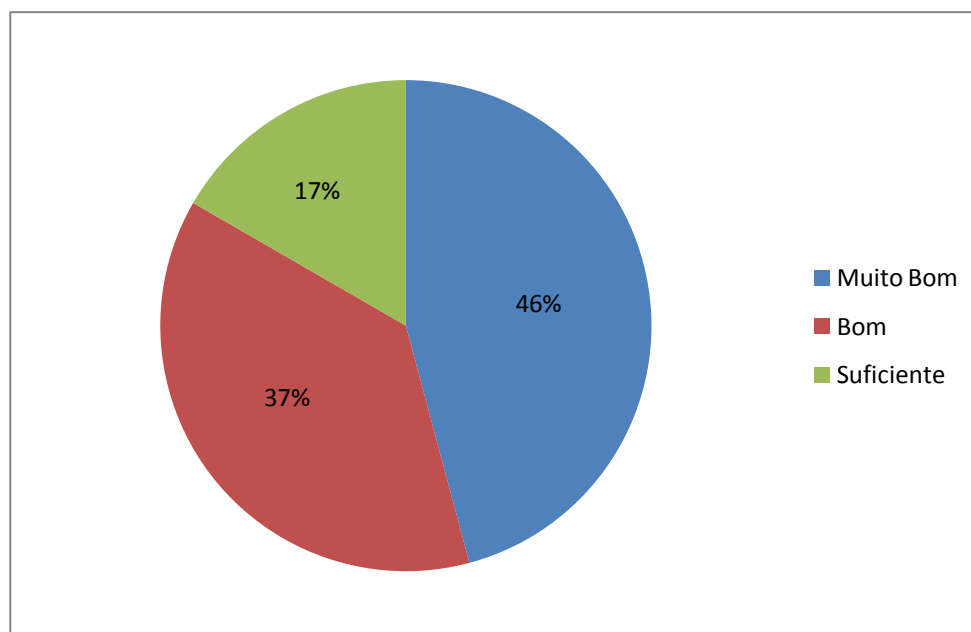


Figura 33 – Classificação percentual da atividade de Estudo do Meio

Quadro 26 - Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio.

Parâmetros	Identificação dos estados				Associação de conceitos			Identificação do dióxido de carbono		Associação da imagem ao estado da matéria				Cotações	
	Identifica todos os estados da água: sólido, líquido e gasoso.	Identifica		Responde incorretamente	Associa os estados: sólido, líquido e gasoso.	Associa dois estados	Associa um estado	Responde incorretamente	Identifica o Nome do gás	Não identif. o gás exist.	Associa todos os estados	Associa dois estados	Ass. um estado		Não responde corretamente
Nº do aluno		Dois estados da água	Um estado da água												
1	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	7,5
2	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	10
3	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	10
4	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	2	0	0	9
5	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	7,5
6	0	0	0,5	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	9
7	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	2	0	0	6,5
8	1,5	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	8
9	0	1	0	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	0	8,5
10	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	0	9
11	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	0	9
12	1,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	8
13	1,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	8
14	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	7,5
15	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	10
16	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	5,5
17	1,5	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	5,5
18	1,5	0	0	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	0	6,5
19	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	10
20	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	8
21	0	1	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	9,5
22	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	10
23	1,5	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	0	0	0	8
24	1,5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	10

Reflexão Final

Lembro-me quando uma professora de uma Unidade Curricular nos solicitou que fizéssemos um texto sobre o que víamos da nossa janela. Perguntei-me, no momento em que comecei a fazê-lo, o porquê de tal trabalho. Mas agora, após reflexão sobre todo o meu percurso académico, vejo o quão importante é sabermos observar o que se passa à nossa volta!

Ao chegar ao final desta etapa da minha formação considero este processo como um acumular de bagagem para a minha intervenção futura como docente. Segundo Zeichner (1993), “(...) reflectir sobre o próprio ensino exige espírito aberto, responsabilidade e sinceridade” (p.17).

Durante estes anos em que frequentei este curso, existiram momentos bons, outros menos bons, lágrimas e alegrias, mas todos considerados como uma aprendizagem e um teste sobre como ultrapassamos as nossas dificuldades e limitações, sem nunca desistirmos.

Durante o estágio detetei erros quando dei as minhas aulas, estes eram corrigidos por professores experientes, que tentaram melhorar o meu desempenho. Todos devemos saber ouvir e integrar as críticas para que estas nos façam crescer enquanto futuras docentes, para que no futuro sejamos melhores professores e educadores. De acordo com Vasconcellos (1995), “O espaço de reflexão crítica e constante sobre a prática é essencial para o trabalho que se quer transformar” (p.67). Toda esta reflexão só é possível devido ao acompanhamento das professoras supervisoras. De acordo com Alarcão & Tavares (2003), “A supervisão da Prática Pedagógica vem após o conhecimento e a observação e assenta numa relação dialéctica entre a teoria e a prática” (p.31).

Enquanto estagiários e futuros docentes temos de saber observar, para conseguirmos atingir os nossos objetivos, sendo fundamental trabalhar muito e estarmos sempre conscientes das nossas limitações. Segundo os mesmos autores supracitados o supervisor deverá “encorajar a reflexão na acção, a reflexão sobre a acção e reflexão sobre a reflexão na acção” (...) “O processo formativo combina a acção, experimentação e reflexão sobre a acção, ou seja, reflexão dialogando sobre o observado e o vivido de acordo com uma metodologia do aprender a fazer fazendo e pensando” (p.35).

Desta forma é essencial a reflexão sobre tudo o que é executado, pois só assim conseguimos pensar sobre o que de bem e mal estamos a fazer. Só assim conseguimos criar formas de modificar a nossa atuação.

Vou continuar a estudar e a aprofundar a temática da Educação e da Prática Pedagógica.

Todo este processo não foi fácil! Tive limitações, que muitas vezes fizeram com que pensasse se seria este o caminho certo, mas a resiliência e a vontade de conseguir ultrapassá-las ajudaram a que a falta de tempo, visto ser uma aluna em regime pós-laboral, as noites sem dormir a fazer trabalhos de grupo pois não tínhamos tempo durante o dia, se tornassem gratificantes.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Departamento de Educação Básica – Ministério da Educação.
- Agüera I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Editora Papa-Letras.
- Abreu, M. (2005). *Currículo e diferenciação. Um contributo para a organização das aprendizagens na linguagem estrangeira*. Lisboa: Texto Editores.
- Alarcão, I. (2008). Do olhar supervisoivo ao olhar sobre a supervisão in M. Rangel (org.). *Supervisão pedagógica – princípios e práticas*. Brasil: Editora Papyrus.
- Alarcão, I. (1995). *Supervisão de professores e inovação educacional*. Aveiro. CIDInE.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Alarcão, L. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto e desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Araújo, M. J. (2008). *O jogo, a Internet e o mundo das crianças*. VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas. Faculdade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Recuperado em 2012, 18 de março, de <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/comunicacaomja.pdf>
- Arends, R. (1999). *Aprender e Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Assunção, A., Rodrigues, A. & Oliveira, C. (2005). *A linguagem na sala das ciências naturais*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Azevedo, F. (2000). *Ensinar e aprender a escrever através e para além do erro*. Porto Editora: Porto.
- Barbeiro, L. F. & Pereira, L. A. (2007). *O ensino da escrita – A dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bertalot, L. (2002). *Criança querida – O dia-a-dia da alfabetização*. Lisboa: Antroposófica.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

- Botelho, A. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento: Universidad de Malaga. Facultad de Ciencias de la Educacion.
- Brickman, N. A. & Taylor, L. S. (1996). *Aprendizagem activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Caldeira, M. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Canavarro, J. M. P. & Pereira, A. I. F., Pascoal, P. (2001). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação.
- Carita, A., Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Catita, E.M. (2007). *Estratégias Metodológicas para o Ensino do Meio Físico e Social*. Lisboa: Areal Editores.
- Codemarin, M. & Chadwick, M. (1986). *A escrita criativa e formal*. Porto alegre: Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos*. (5.ª Ed.). Lisboa: A esfera dos livros.
- Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Deus, M. L. (1997). *Método João de Deus - Guia Prático da Cartilha Maternal*. (8ª Edição). Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua – desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Fabregat, C.& Fabregat, M. (1989). *Como preparar uma aula de história*.Lisboa: Asa.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Fonseca, F. (2008). Emergência da leitura e da escrita. Processos de ensino e aprendizagem. In Maria João Cardona Marques (Coord.). *Aprender e ensinar no jardim de infância e na escola*. Chamusca, Portugal: Edições Cosmos.
- Flores, A., Simões, A. (2009). (org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.

Galvão, C., Reis, p. Freire, A. & Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências. Sugestões para professores do ensino básico e secundário* (1ª. Ed). Lisboa: Edições Asa.

Giddens, A. (2008). *Sociologia*. (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gomes J. A. (2000). *Da nascente à voz. Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho da Educação.

Grosso, C. & Ruas, M. B. (1999). *Números e Operações Aritméticas*. Volume I. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Herrero, J. (s.d.). *O Diário à Luz da Psicopedagogia*. (2.ª ed.). Lisboa: O Livro.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6ª ed.). Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian.

Lei-Quadro nº5/97 de 10 de fevereiro. Recuperado em 2012, março, de https://www.utl.pt/admin/docs/69_lei492005.pdf

Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação de Aprendizagens dos Alunos*. (2ª ed.). Lisboa: Edição Asa.

Landcheere, G. (1983). *Definir os objectivos da educação*. Lisboa: Moraes editores.

Lopes, J. & Silva, H. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala: Um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel.

Lopes, A., Bernardes, A., Loureiro, C., Varandas, J., Oliveira, M., Delgado, M., Bastos, R. & Graça, T. (1999). *Atividades matemáticas na sala de aula*. Lisboa: Texto Editora.

Lopes, A. P. S. (2003). *Indisciplina na sala de aula – Um estudo de caso*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Maingain, A. & Dufour, B. (2007). *Abordagens e didácticas da interdisciplinariedade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Magalhães, V. (2008). A promoção da leitura literária na infância: Um mundo de verdura a não perder. In Sousa, O.& Cardoso, A. (eds.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro interdisciplinar a Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Marques, C (2002). *Ensinar a ler, aprender a ler: Um guia para pais e educadores*. Lisboa: Texto Editora.

- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Matos, J. & L, Serrazina.(1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Martins, I. P.; Veiga, M. L.; Teixeira F.; Vieira C.; Vieira R.; Rodrigues A. & Couceiro F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental*. Formação de professores. Lisboa: Ministério da Educação.
- Marujo, H. A. & Neto, L. M. (2004). *Optimismo e esperança na educação – fontes inspiradoras para uma escola criativa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marujo, H. A., Neto L. M. & Perloiro M. F. (1999). *A família e o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Matos, J. M. & L. Serrazina (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ministério da Educação (2011). Circular nº.: 4/DGIDC/DSDC/2011. Recuperado em 2012, 10 de março de, <http://sitio.dgicd.minedu.pt/pescolar/Documents/CircularAvaliaçãoEPEdocumentofinal.pdf>
- Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2002). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação. Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Moreira D. & Oliveira I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moutinho. J. V. (2007). *O grande livro das lengalengas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Oliveira J. R. (2007). A leitura e a matemática unidas em sala de aula. Recuperado em 2012, 20 de fevereiro, de, http://correio.fdmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/A%20Leitura%20e%20a%20Matem%e1tica%20Unidas%20em%20sala%20de%20aula.pdf

- Palhares, P. (2004). *Elementos de matemática para professores do ensino básico*. Lisboa: Lidel.
- Pato, M. (1995). *Trabalho de grupo no Ensino Básico: Guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Pacheco, J. A. (1999). (Org). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: Lisboa Minho.
- Pais, A. & Monteiro, M. (2002). *Avaliação - uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula desenho e avaliação – Seminário Internacional II*. Madrid: Universidade Complutense.
- Peneda, D., Rodrigues, I. & Santos, M. A. (2010). *Ciências da natureza cinco – caderno de apoio à prática pedagógica*. Lisboa: Lisboa Editora.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didática da Matemática do 1º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Portugal G. & Laevers F. (2010). *Avaliação em educação em pré-escolar*. Porto: Porto Editora.
- Proença, M. (1990). *Ensinar/ Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Malaga: Facultad de Ciencias de la Education.
- Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e avaliação do ensino e aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças – Como formar leitores activos e envolvidos*. Porto: Porto Editora.
- Rodari, G. (2006). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Caminho.
- Ruivo, I. (2012). *Caderno de escrita*. Lisboa: Associação de Jardins Escolas João de Deus.
- Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga: Facultad de Ciencias de la Education.

- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sanchis, S. (2007). *Atividades de expressão motora no pré-escolar*. Lisboa: Papo – letras.
- Savater, F., Castillo, M. R., Crato, N. I. & Damião, H. (2010). *O valor de educar, o valor de instruir*. Lisboa: Edição Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Serrano, J. (2002). *Educação pelo movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Serrazina, M. L. (1991). *Aprendizagem da Matemática: a Importância da Utilização dos Materiais*. Noesis n.º 21.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura – A compreensão de textos*. Lisboa: Ministérios da Educação.
- Sim-Sim, I., Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997). *Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministérios da Educação.
- Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1990) *Psicologia educacional - uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Traça, M. (1992). *O fio da memória*. Porto: Porto Editora.
- Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem: Novas práticas pedagógicas*. Porto: Edições ASA.
- Urra, J. (2007) *O pequeno ditador – Da criança mimada ao adolescente agressivo*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Vasconcellos, C. S. (1995). *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. São Paulo: Liberdade.
- Vasconcelos, T. (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.
- Viana, F. & Teixeira, M. (2002). *Aprender a ler. Da aprendizagem formal à aprendizagem informal*. Lisboa: Edições Asa.
- Vieira, H. (2000). *Comunicação na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. (1998). *Didáticas da Educação Infantil* (2ª ed.). Rio Tinto, Portugal: Edições Asa.

Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores - Ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Anexos

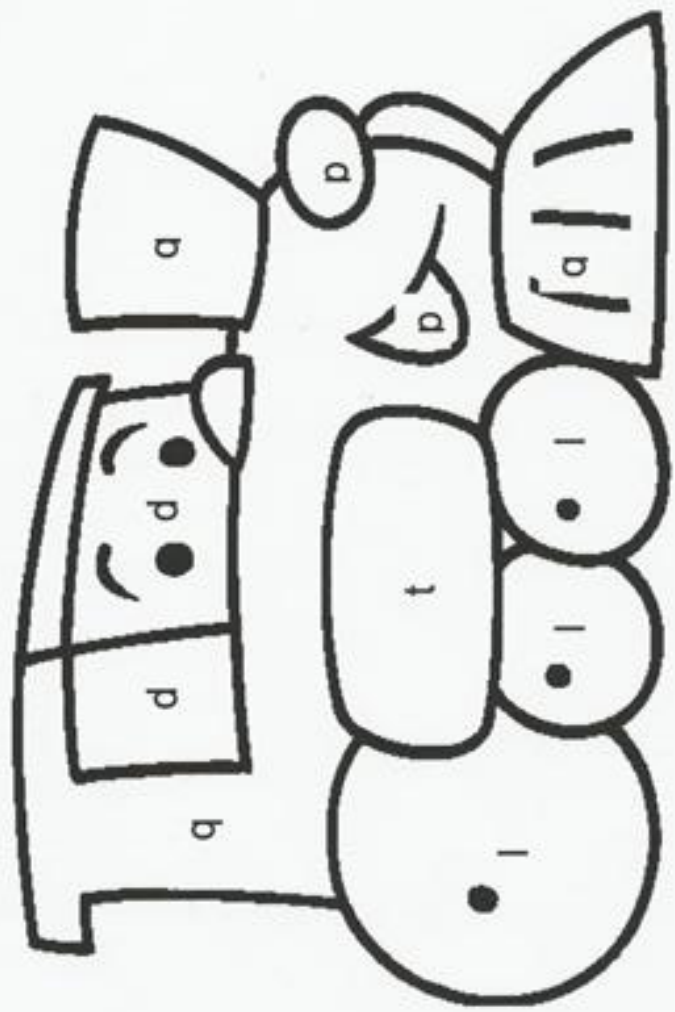
Anexo 1

Proposta de trabalho no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

(Bibe Azul)

Nome: _____ Data: ____/____/____

1. Rodeia a letra q.
2. Pinta o comboio seguindo a legenda.



Anexo 2

Proposta de trabalho na Área de Língua Portuguesa

(3º ano)

Jardim Escola João de Deus -Alvalade
Proposta de trabalho - Língua Portuguesa

3º ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

O amor de Pedro e Inês

Há muitos, muitos anos no reino de Portugal, vivia um pequeno Príncipe chamado Pedro.

Quando já era crescido, e a pedido de seus pais, casou com a doce e meiga Constança, mas não eram felizes, pois Pedro não gostava verdadeiramente de Constança. O Príncipe amava Inês, uma linda aia de Constança, que com ela tinha vindo do vizinho reino de Castela.

Os anos foram passando e a tristeza de Constança ia aumentando, acabando por morrer, ao dar à luz um lindo bebé chamado Fernando, que mais tarde seria o belo Rei D. Fernando.

Entretanto não tardou muito para que Pedro e Inês ficassem juntos, formando uma família muito feliz. Deste grande amor nasceram quatro filhos, o Afonso, o João, o Dinis e a Beatriz. Mas o pior estava para acontecer, o pai de Pedro, o Rei D Afonso IV, não gostava da linda Inês.

Assim, um dia quando Pedro foi caçar para a floresta o Rei malvado mandou fazer uma coisa muito má! Ordenou a três amigos seus, Diogo, Álvaro e Pêro, que nessa noite muito escura matassem Inês.

Quando Pedro chegou a casa, regressando da caçada na floresta, encontrou a pobre Inês já sem vida, no chão. Ele chorou tanto, mas tanto, tanto que toda a gente no reino teve pena dele. Mas o amor de ambos era tão forte e puro, que Pedro jurou: “Um dia, contra tudo e contra todos, hei-de coroá-la Rainha, e mais colocá-la-ei num túmulo tão belo que não haverá igual no mundo inteiro. E por fim, quando chegar a minha hora, deem-me carinhosamente ao pé de Inês”.

D. Pedro tornou-se um grande e justiceiro Rei, amado pelo seu povo. O tempo foi passando e D. Pedro foi envelhecendo. Estava assim na hora de cumprir a promessa feita à sua amada.

E assim foi, os dois amados puderam, finalmente dormir o sono eterno, frente a frente, nos braços do belo e encantado Mosteiro de Alcobaça.

Texto de Vanda Furtado Marques in “O amor de Pedro e Inês contado aos pequenotes”.

Anexo 3

Proposta de trabalho na Área de Língua Portuguesa

(3º ano)

Interpretação do texto

1. Procura no texto as palavras que completam as seguintes frases:

1. O nome da personagem principal do texto é _____.
2. O nome da primeira mulher do príncipe é _____.
3. O nome do reino vizinho de onde veio D. Constança e D. Inês é _____.
4. O filho de D. Constança e de D. Pedro I chamava-se _____.
5. Os filhos de D. Inês e de D. Pedro I eram _____.
6. O cognome de D. Pedro é _____.
7. Os dois amados dormiram o sono eterno no _____.

2. Descobre na sopa de letras as palavras do exercício anterior.

A	J	O	Ã	O	I	V	T	I	U	A	B	C	M
O	I	B	N	A	V	E	R	A	D	F	G	A	O
D	U	N	B	A	A	C	V	O	G	E	D	I	S
S	T	P	E	D	R	O	F	I	I	R	S	O	T
C	W	K	X	E	U	N	O	E	J	N	J	U	E
V	R	L	Z	R	T	S	P	B	E	A	U	U	I
I	R	P	Q	T	T	T	T	T	A	N	L	A	R
C	A	S	T	E	L	A	V	B	C	D	R	L	O
T	F	N	A	D	I	N	I	S	V	O	X	P	A
Y	O	Q	I	U	A	Ç	G	H	I	N	E	G	L
U	N	A	U	B	E	A	T	R	I	Z	D	I	C
O	S	Z	Y	J	U	S	T	I	C	E	I	R	O
Ç	O	X	T	U	R	U	O	J	G	F	A	R	B
P	R	C	R	I	F	S	E	L	I	V	O	P	A
B	E	V	G	O	D	O	Ç	E	T	A	G	B	Ç
Z	W	B	N	M	G	X	C	A	I	H	J	T	A

Funcionamento da Língua

3. Analisa sintaticamente a seguinte frase:

Há muitos anos, no reino de Portugal, Pedro vivia com a sua família.

4. Classifica quanto à acentuação as seguintes palavras:

Príncipe _____ Promessa _____
Encontrou _____

Anexo 4

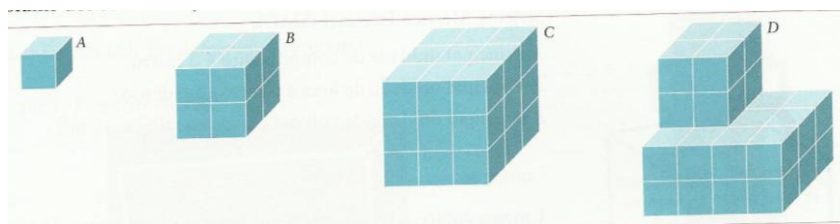
Proposta de trabalho na Área de Matemática

(3º ano)

Nome: _____ Data: ____/____/____

Aplico:

1. Tomando como unidade de volume o cubo A, indica o volume dos sólidos B, C e D.

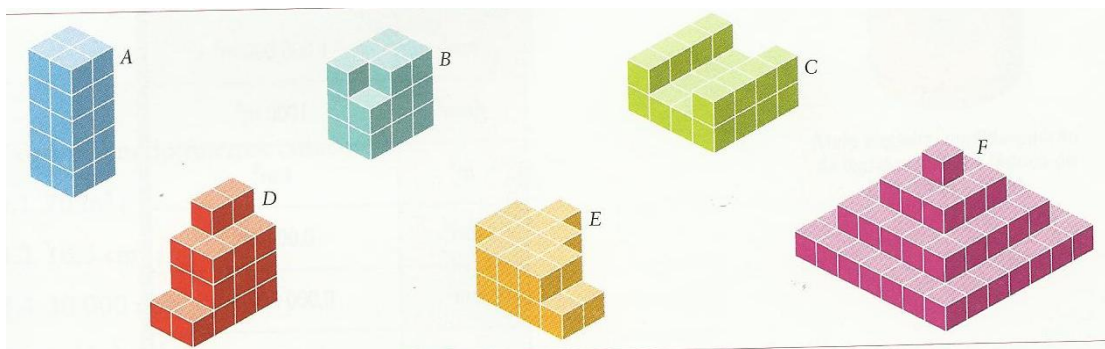


B = _____

C = _____

D = _____

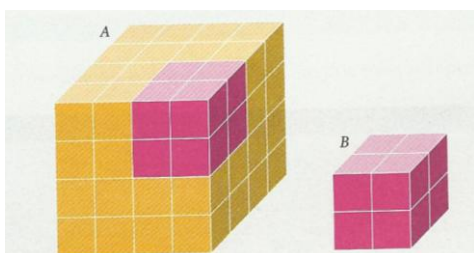
2. Os sólidos da figura seguinte são todos construídos com cubos iguais. Observa os sólidos.



2.1. Qual o sólido que tem maior volume? _____

2.2. Qual o sólido que tem menor volume? _____

3. Qual o volume do sólido A se a unidade de volume é o cubo B?



Anexo 5

Proposta de trabalho na Área de Estudo do Meio

(4º Ano)

Jardim Escola João de Deus -Alvalade

Proposta de trabalho - Estudo do Meio

4º ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

1. Na Natureza, em que estados se pode encontrar a água?

2. Faz a ligação correta.

Os sólidos *

* têm forma e volume variáveis.

Os líquidos *

* têm forma variável e volume constante.

Os gasosos *

* têm forma e volume constantes.

3. Qual é o nome do gás que existe no ar e que alimenta as combustões?

4. À tua volta, observas materiais em diferentes estados. Escreve o estado em que se encontra cada um dos materiais apresentados nas figuras: sólido, líquido e gasoso.



